

Rogério Othon Teixeira Alves

A LUCTA DOS TITANS

A invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade
Sportiva Palestra Itália: 1921 - 1942

Belo Horizonte

2013

Rogério Othon Teixeira Alves

A LUCTA DOS TITANS

A invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade
Sportiva Palestra Itália: 1921 - 1942

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer – Mestrado em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de Concentração: Lazer, Cultura e Educação.

Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Co-orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

A4721 Alves, Rogério Othon Teixeira

2013

A lucta dos titans - A invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália: 1921 - 1942. [manuscrito] / Rogério Othon Teixeira Alves – 2013.

182 f., enc.:il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Co-orientador: Tarcísio Mauro Vago

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 176-182

1. Lazer - Teses. 2. Futebol - Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Vago, Tarcísio Mauro. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 379.8: 794.85



Dissertação "*A lucta dos Titans" A invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália: 1921-1942* de autoria do mestrando Rogério Othon Teixeira Alves defendida e aprovada em 26 de fevereiro de 2013, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Silvío Ricardo da Silva (Orientador)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (Co-orientador)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo
Escola Superior de Educação Física, Ginástica e Saúde
Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Escola de Educação Física e Desportos
Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFMG

AGRADECIMENTOS

Ao final de um projeto é obrigação citar os responsáveis pela sua execução, essa dissertação não foi diferente. Muitos foram os que de alguma forma contribuíram. Na trajetória percorrida pudemos observar o quão grande é o futebol para a nossa sociedade, então, não me interessou quem foi o “pai” do *foot-ball* no Brasil ou mesmo em *Bello Horizonte*. Para nós, foi o povo das arquibancadas, das gerais, dos muros e do alto das árvores quem o transformaram no maior patrimônio imaterial brasileiro. E ainda bem que vieram as rivalidades, sem ela, melhor seria assistir futebol no cinema e não no *stadium*, ela, a rivalidade, quem temperou os ânimos e fez transbordar o “garoto travesso” que cada torcedor trás consigo.

Enfim, como diria o mestre: “o jogo só termina quando acaba!”. O problema é que não é o simples apito dos perseguidos árbitros que encerram as partidas. Tem muito jogo que, de tão antigo, já morreram todos os presentes, mas a contenda foi tão importante que “nunca” acabou. Ela ainda sobrevive na memória das gerações posteriores, cada uma com a sua versão. Nós só construímos mais uma.

Os jogadores que formaram o *team* que disputou esse *prelio* de dois anos comigo foram: o *goalkeeper* Georgino Souza Neto, os *Center Back* Rogério Ladislau e Luciano Pereira e os *Centre forward* Luiz Carlos Rigo, Victor Melo e José Alfredo. Os *coachs* Silvio Ricardo da Silva e Tarcísio Mauro Vago orientaram nas táticas aplicadas.

Jogamos no *field* do Arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, na Coleção Linhares da Universidade Federal de Minas Gerais, na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Luiz de Bessa e nos vários campos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Foram *assistencia* constante nas várias partidas, os colegas da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, os colegas do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – Gefut e os colegas e professores do Mestrado em Estudos do Lazer, ambos da UFMG.

“Graças a Deus, jogamos bem, obrigado!”, vamos nos preparar para a próxima.

RESUMO

A proposta deste estudo foi compreender a construção histórica da rivalidade nos jogos entre o Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália, na cidade de Belo Horizonte, de 1921 até 1942. Procuramos entender como se teceu essa rivalidade e como a fundação dessas equipes de futebol modificou o espaço e a dinâmica da cidade. Por se tratar de um estudo histórico, nos fundamentamos, principalmente, nos estudos de *modernidade* de Nicolau Sevcenko e nos trabalhos que, de alguma forma, tiveram o futebol e a cidade de Belo Horizonte como tema de investigação. Tais estudos foram os de Euclides Couto, Georgino Souza Neto, Letícia Julião, Rodrigo Moura, Raphael Rajão, Marilita Rodrigues e Kellen Vilhena. Adotamos os jornais como fonte de pesquisa, trabalhamos com periódicos da temporalidade pretendida e de anos anteriores no intuito de subsidiar a construção do texto. Ao final, 231 reportagens jornalísticas foram utilizadas. Tais documentos foram encontrados no Arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, na Coleção Linhares da Universidade Federal de Minas Gerais e na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Luiz de Bessa. Percebemos que o crescimento exponencial dos espectadores nos seus jogos, a expectativa pré-jogos trazida pelos jornais e, principalmente, o relato dos jogos, subsidiaram o entendimento para qualificar essa partida como um *clássico* do futebol de Belo Horizonte. Compreendemos que os jogos de futebol foram um dos espaços encontrados para o povo se aglomerar e socializar. Com o tempo, a simples assistência das arquibancadas evoluiu para o pertencimento clubístico, e esses torcedores tiveram nas camisas do Atlético e do Palestra um dos representantes da rivalidade local.

Palavras-chave: futebol, rivalidade, Atlético Mineiro, Palestra Itália.

ABSTRACT

The proposal of this study was understand the history construction of the rivalry in the games between Atlético Mineiro Club and the Sociedade Sportiva Palestra Itália, in the Belo Horizonte city, from 1921 to 1942. We seek to understand how this rivalry began and how the foundation of these this soccer team changed the space and the dynamic of the city. Because it treats of the historical study, we found, especially, in studies about *Modernity* by Nicholas Sevcenko and work that somehow had the soccer and Belo Horizonte city as research topic. These studies were also by Euclid Couto, Georgino Souza Neto, Leticia Julião, Rodrigo Moura, Raphael Rajão, Marilita Rodrigues and Kellen Vilhena. We adopt the newspapers as a source of research, we work with periodic desire temporality and previous years in order to subsidize the construction of the text. At the end, Two hundred and thirty one news reports were used. These documents were found in the Archive of the Official Press of Minas Gerais, in Linhares Collection Federal University of Minas Gerais and the Historical Newspaper Public Library Luiz de Bessa. We realize that the exponential growth of the spectators in their games, the expectations of the pre-game brought by the newspapers and especially the report of the games, subsidized the understanding that to qualify as a classic soccer game in Belo Horizonte. We understand that Soccer matches were a space found to people agglomerate and to socialize. As time passed, the simple assistance of the grand stand evolved to the belonging of the club, and these fans had in shirts of Atlético and Palestra a one of the representatives of local rivalry.

Keywords: Soccer, rivalry, Atlético Mineiro, Palestra Italia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Manchete do jornal <i>Goal</i> para descrever um encontro Atlético X Palestra em 1930.	16
FIGURA 2: Anúncio do bonde para o jogo Atlético X Palestra.	47
FIGURA 3: Anúncio da prisão de uma bola de futebol.	48
FIGURA 4: Família mineira torcedora rumo ao futebol no Prado.	52
FIGURA 5: Primeira manchete designando o jogo como o “clássico”.	62
FIGURA 6: Flagrante da invasão do campo, por diretores, associados e policiais.	68
FIGURA 7: Parte da numerosa assistência no grande match Palestra x América.	75
FIGURA 8: Cena comum nos jogos do estádio do América. Garotos em cima da árvore da rua, torcendo.	75
FIGURA 9: Expectativa do <i>Estado de Minas</i> para o jogo.	105
FIGURA 10: Anúncio da vitória do Atlético sobre o tri-campeão Palestra.	107
FIGURA 11: A grande assistência, retratada na forma do placar do jogo.	111
FIGURA 12: Anúncio do <i>Correio Mineiro</i> para o jogo de logo mais.	119
FIGURA 13: Equipes de Atlético e do Palestra, antes do jogo, nas lentes da <i>Folha de Minas</i> .	125
FIGURA 14: Momentos da partida capturados na 38ª partida.	127
FIGURA 15: Disputa acirrada no “clássico”.	128
FIGURA 16: Momentos distintos no 41º jogo.	129
FIGURA 17: A decepção da <i>Folha de Minas</i> após o 42º jogo.	130
FIGURA 18 e 19: Cenas de selvageria no 43º “clássico”.	132
FIGURA 20: Guará, marcador de três gols nos 6 a 1 do dia 21/06/36.	132
FIGURA 21: Aspecto das arquibancadas do Estádio Antônio Carlos durante o jogo.	133
FIGURA 22: Confraternização das duas equipes antes do jogo.	134
FIGURA 23: Palestrinos antes do jogo, Chiquito, Juca, Carazzo, Orlando, Zezé e Souza.	135
FIGURA 24: Manchete da <i>Folha de Minas</i> para o 48º jogo.	136
FIGURA 25: Manchete da <i>Folha de Minas</i> para o clássico.	137
FIGURA 26: Em homenagem à vitória brasileira sobre a Polônia, os jogadores do Palestra e do Atlético entraram conduzindo o pavilhão nacional.	144
FIGURA 27: Arquibancada lotada acompanhando um ataque do Palestra.	148
FIGURA 28: Expectativa da <i>Folha de Minas</i> para o clássico de logo mais a tarde.	149
FIGURA 29: Nota no <i>Estado de Minas</i> relativa à renda do clássico do dia 28/07/1940.	153
FIGURA 30: O Palestra virou sobre o seu maior rival, o Atlético.	154
FIGURA 31: Linha dianteira vencedora do Palestra na página da <i>Folha de Minas</i> , Nogueirinha, Geraldino, Niginho, Nonô e Djardes.	155
FIGURA 32: Chamada para o terceiro jogo da final do Campeonato Mineiro de 1940.	157
FIGURA 33: Manchete da <i>Folha de Minas</i> ¹⁸⁷ destacando o campeão, após a final “melhor de três”.	158
FIGURA 34: Assistência numerosa nas dependências do estádio Antônio Carlos.	160
FIGURA 35: Parte da numerosa assistência que superlotou as dependências do estádio do Palestra.	161

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Campeões do Campeonato da Cidade de 1915 a 1930.....	59
QUADRO 2: Jogo em 17 de abril de 1921.....	90
QUADRO 3: Jogo em 15 de maio de 1921.....	90
QUADRO 4 : Jogo em 11 de setembro de 1921.....	91
QUADRO 5: Jogo em 12 de março de 1922.....	91
QUADRO 6: Jogo em 14 de agosto de 1927.....	95
QUADRO 7: Jogo em 27 de novembro de 1927.....	96
QUADRO 8: Jogo em 2 de setembro de 1928.....	98
QUADRO 9: Jogo em 16 dezembro de 1928.....	99
QUADRO 10: Jogo em 16 de junho de 1929.....	100
QUADRO 11: Jogo em 17 de novembro de 1929.....	102
QUADRO 12: Jogo em 1º de junho de 1930.....	103
QUADRO 13: Jogo em 1º de março de 1931.....	105
QUADRO 14: Jogo em 22 de março de 1931.....	107
QUADRO 15: Jogo em 21 de junho de 1931.....	107
QUADRO 16: Jogo em 18 de outubro de 1931.....	109
QUADRO 17: Jogo em 1º de novembro de 1931.....	110
QUADRO 18: Jogo em 29 de novembro de 1931.....	110
QUADRO 19: Jogo em 27 de dezembro de 1931.....	111
QUADRO 20: Jogo em 1º de janeiro de 1932.....	112
QUADRO 21: Jogo em 23 de abril de 1933.....	113
QUADRO 22: Jogo em 28 de maio de 1933.....	114
QUADRO 23: Jogo em 6 de agosto de 1933.....	117
QUADRO 24: Jogo em 22 de outubro de 1933.....	118
QUADRO 25: Jogo em 1º de abril de 1934.....	119
QUADRO 26: Jogo em 3 de junho de 1934.....	120
QUADRO 27: Jogo em 15 de julho de 1934.....	120
QUADRO 28: Jogo em 26 de agosto de 1934.....	121
QUADRO 29: Jogo em 2 de dezembro de 1934.....	122
QUADRO 30: Jogo em 9 de dezembro de 1934.....	123
QUADRO 31: Jogo em 13 de janeiro de 1935.....	124
QUADRO 32: Jogo em 13 de abril de 1935.....	125
QUADRO 33: Jogo em 5 de maio de 1935.....	125
QUADRO 34: Jogo em 7 de julho de 1935.....	126
QUADRO 35: Jogo em 4 de agosto de 1935.....	127
QUADRO 36: Jogo em 18 de agosto de 1935.....	128
QUADRO 37: Jogo em 27 de outubro de 1935.....	129
QUADRO 38: Jogo em 5 de janeiro de 1936.....	130
QUADRO 39: Jogo em 2 de fevereiro de 1936.....	131
QUADRO 40: Jogo em 21 de junho de 1936.....	132
QUADRO 41: Jogo em 25 de outubro de 1936.....	134

QUADRO 42: Jogo em 29 de agosto de 1937.....	135
QUADRO 43: Jogo em 12 de setembro de 1937.....	136
QUADRO 44: Jogo em 13 de novembro de 1937.....	137
QUADRO 45: Jogo em 9 de janeiro de 1938.....	140
QUADRO 46: Jogo em 30 de janeiro de 1938.....	141
QUADRO 47: Jogo em 9 de abril de 1938.....	142
QUADRO 48: Jogo em 21 de abril de 1938.....	143
QUADRO 49: Jogo em 5 de junho de 1938.....	143
QUADRO 50: Jogo em 24 de julho de 1938.....	144
QUADRO 51: Jogo em 18 de setembro de 1938.....	145
QUADRO 52: Jogo em 8 de janeiro de 1938.....	145
QUADRO 53: Jogo em 5 de fevereiro de 1939.....	146
QUADRO 54: Jogo em 26 de março de 1939.....	147
QUADRO 55: Jogo em 23 de abril de 1939.....	147
QUADRO 56: Jogo em 4 de junho de 1939.....	148
QUADRO 57: Jogo em 13 de agosto de 1939.....	149
QUADRO 58: Jogo em 18 de fevereiro de 1940.....	150
QUADRO 59: Jogo em 24 de março de 1940.....	150
QUADRO 60: Jogo em 23 de junho 1940.....	151
QUADRO 61: Jogo em 28 de julho de 1940.....	152
QUADRO 62: Jogo em 25 de agosto de 1940.....	153
QUADRO 63: Jogo em 1º de setembro de 1940.....	154
QUADRO 64: Jogo em 29 de dezembro de 1940.....	155
QUADRO 65: Jogo em 5 de janeiro de 1941.....	156
QUADRO 66: Jogo em 12 de janeiro de 1941.....	157
QUADRO 67: Jogo em 26 de janeiro de 1941.....	158
QUADRO 68: Jogo em 27 de julho de 1941.....	159
QUADRO 69: Jogo em 19 de outubro de 1941.....	160
QUADRO 70: Jogo em 14 de dezembro de 1941.....	162
QUADRO 71: Jogo em 1º de fevereiro de 1942.....	162
QUADRO 72: Jogo em 27 de maio de 1942.....	164
QUADRO 73: Jogo em 9 de agosto de 1942.....	165
QUADRO 74: Jogo em 20 de setembro de 1942.....	165
QUADRO 75: Jogo em 4 de outubro de 1942.....	166

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
1.1- A cidade <i>modelar</i> : Capital das Minas Gerais.....	21
1.2- O desporto como prática modernizadora na <i>Broadway Sertaneja</i>	29
1.3- <i>Foot-ball</i> em Belo Horizonte: <i>fogo de palha</i> ou <i>peste que infestava as cidades?</i>	33
1.3.1- As primeiras competições.....	35
1.4- A cidade vive e espera o futebol: <i>Jairo vai jogar domingo que vem?</i>	39
1.5- O torcedor e os primeiros sinais de rivalidade.....	52
CAPÍTULO 2	
2.1- Os antigos rivaes <i>Athletico e America</i> e a <i>novel S. S. Palestra Italia</i>	55
2.2- Os primeiros campeões da cidade.....	58
2.3- AMÉRICA X ATLÉTICO: dois pioneiros dos esportes montanhesees.....	62
2.4- AMÉRICA X PALESTRA: os <i>periquitos</i> desafiaram a tradição.....	72
CAPÍTULO 3	
3.1- Os mundos de Atlético e Palestra	79
3.1.1- Os anos do Atlético Mineiro.....	79
3.1.2- Os anos do Palestra Itália	84
3.2- <i>Club Athletico Mineiro X Societé Sportiva Palestra Italia</i>	87
3.3- 1º Período (8 jogos de 1921 a 1925)	88
3.4- 2º Período (17 jogos de 1926 a 1933)	94
3.5- 3º Período (23 jogos de 1933 a 1937)	116
3.6- 4º Período (31 jogos de 1938 a 1942) <i>o classico dos classicos</i>	140
CONCLUSÕES	169
REFERÊNCIAS	176

INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo foi compreender e analisar a construção histórica da rivalidade nos jogos entre o Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália, na cidade de Belo Horizonte, de 1921 até 1942. Pretendemos, ainda, entender a formação, o desenvolvimento e as especificidades da cidade para gerar um ambiente propício de disputas entre duas agremiações de origens díspares e que hoje compõem o maior embate futebolístico mineiro.

Para falar de futebol, foi preciso entender que ele tem lugar cativo na nossa sociedade, não há como negar. Somos, desde crianças, influenciados por adultos, parentes ou não, tentando atrair mais um torcedor para seu time de preferência. Em geral, o brasileiro parece precisar de outra certidão de nascimento. Além da civil, é preciso nos vincular a um *time do coração*, e tal identificação, ou imposição, segundo Gastaldo (2006, p.1) é [...] “uma escolha importante, frequentemente mediada por relações familiares, e que inscreve o torcedor em um complexo sistema de classificações, que estabelecem aliados e adversários instantaneamente, articulando lógicas identitárias em âmbito local, regional, nacional e internacional”.

Pra qual time você torce? Quem nunca fez esta pergunta no princípio de uma conversa? Tal indagação pode servir como um cartão de visita oral no primeiro contato, no primeiro flerte, pode ser motivo de simpatias ou antipatias instantâneas, mediado pela equipe pela qual cada um torce, pois “[...] torcer pelo mesmo time é aceito como uma base para um relacionamento cordial” (LEVER, 1983, p.125) e descrever o time do futebol parece algo obrigatório, quase sempre oposto à outra pessoa. Desmerecer o adversário é uma forma de impressionar: números, nomes, locais e troféus são alguns dos argumentos que utilizamos na sanha de se saber qual o melhor.

O *torcer* no futebol é algo presente em “nossa vida social”, direta ou indiretamente. O sociólogo Maurício Murad (1996) diz que “[...] o ato de “ser” um time ou de torcer por ele, ou, ainda, de “pertencer” a uma coletividade esportiva é um instante necessário e saudável do sentimento de inclusão a uma comunidade e a manifestação simbólica da integração e da participação na dinâmica da sociedade maior” (MURAD, 1996, p.71). Seguindo esse preceito, concluímos que “[...] as discussões intermináveis, sob a forma de conversas amistosas, unem os torcedores por

causa de suas diferenças, não apesar delas. Os torcedores podem ser de times adversários, mas o amor pelo jogo os une de maneira expressiva” (LEVER, 1983, p.125). Cada pessoa tem a sua história permeada pelo futebol; ficar alheio é quase impossível.

Analisando particularmente, nasci e cresci na pequena cidade de Guanambi, interior do estado da Bahia, onde, invariavelmente, o futebol carioca exercia forte influência sobre a população, provavelmente, devido à recepção dos sinais das rádios Tupi, Globo e Nacional do Rio de Janeiro. A televisão, artigo de luxo, só chegaria à praça da cidade na década de 1970. Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense, foram constantemente, as equipes de que mais se teve notícia. Vasco e Flamengo, porém, dominaram a paisagem do futebol local.

Minha infância foi na rua de pedra e no quintal de casa. Na década de 1980 os locais públicos eram mais tranquilos, *jogar bola* era a marca indelével da meninice, momento sublime do dia ou da noite. Brincávamos até a hora em que as nossas mães mandassem entrar *pra dentro de casa!* ou se os nossos pés, por algum acidente ou entrada maldosa, começassem a sangrar ou inchasse até parecer outra bola. Concordo com Veríssimo (2006, p.50) quando diz que “[...] perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é Maracanã em jogo noturno. Se você é homem, brasileiro e criado em cidade sabe do que eu estou falando”. Wisnik (2008, p.59) resume bem a paixão por esse objeto sem quinas, pontas, dorso ou face, “[...] a bola não é só um objeto do desejo, mas o meio que dá a este um foco, como se pudesse torná-lo visível”. Nosso futebol na rua transcendia a mera atitude física, ele *dava asas a nossa imaginação*.

Quando cruzava carro na rua, parávamos o tempo suficiente da sua passagem e até aproveitávamos o espaço criado na traseira em movimento para levar vantagem sobre os adversários. O divertimento era livre e íamos longe atrás de uma bola. O torcer por algum time profissional era secundário, coisa para adulto.

Em casa, o ambiente esportivo foi bem democrático. Meu pai nunca sugeriu que torcêssemos pelo Vasco da Gama, seu time. Isto aconteceria por admirá-lo enquanto torcedor polido que era. Sem algazaras ou exageros, ele sofria quietinho no seu canto

ouvindo o rádio durante as pelepas vascaínas, sem saber que eu e meu irmão observávamos e sofríamos juntos.

Minha mãe não era avessa ao futebol. Apesar de ela ter estudado em Minas Gerais, na década de 1960, não me lembro de nenhum comentário acerca de equipes mineiras. Creio que era vascaína para agradar ao meu pai, porém, sempre contava uma história que envolvia o futebol: quando do nascimento do meu irmão mais velho, em plena Copa do Mundo da Alemanha de 1974, era desejo do meu pai que seu primogênito se chamasse Rivelino, *craque* da Copa de 1970 e ainda em plena atividade. Lembrava minha mãe que, mesmo antes de nascer o menino já tinha apelidos, era carinhosamente chamado de *Riva* ou *Bigode*, como o original. Nem preciso dizer que meu pai perdeu a disputa. O nome foi confiado a um imperador romano, que sinceramente foi até melhor, pois meu irmão não seria o orgulho da família pelos seus pés limitados para o futebol.

A nossa formação, na adolescência, foi capitaneada em casa por nossa mãe. Ela sempre nos advertia, observando que o fato de se jogar e torcer no futebol não poderia ser motivo de inimizades ou desavenças. Assim, apesar de amar e praticar futebol, não nutria raiva ou participava de ocorrências violentas fora de casa. Por esse entendimento, para nós, o futebol sempre foi algo prazeroso regado a algumas decepções inerentes ao esporte.

Enfim, mesmo vivendo num rincão do nordeste brasileiro, eram comuns os festejos ao final do Campeonato Carioca ou quando Vasco ou Flamengo se sagravam campeões em outras competições. Esses momentos eram propícios a desentendimentos. Entretanto, nunca me ocorreu de participar de quaisquer tipos de confusões, apesar de elas acontecerem.

Durante minha graduação em Educação Física, na Universidade Estadual de Montes Claros, cidade situada ao norte do estado de Minas Gerais, na segunda metade da década de 1990, minha visão crítica quanto ao futebol foi ganhando corpo teórico e, observando o que acontecia entre Atleticanos e Cruzeiroenses, polarizadores do futebol mineiro, fui percebendo o quão grande e significativo era o futebol na vida daquelas pessoas, devido às reações que neles provocava: alegrias, decepções, paixões, ódios, discussões, brigas e muito mais.

Esse cenário local, ajudado pela superexposição midiática, criava uma amálgama de sentimentos contraditórios. Pessoas que eram amigas no cotidiano, na escola, na rua, quando falavam em futebol, se tornavam opositores, e esses sentimentos, às vezes hostis, por vezes, evoluíam para agressões verbais ou físicas descabidas. Ainda assim, a parte do futebol onde se brinca, se graceja, se *zôa* com o outro, sem ofensas mais agudas, era a que mais acontecia e me agradava.

Como dito antes, o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube, notadamente, são as equipes de futebol que atualmente detêm a maior rivalidade, principalmente na capital Belo Horizonte. É uma disputa esportiva que rege o imaginário futebolístico em vários períodos do ano, mexe com o mineiro, preenche um final de semana, justifica uma falta ao trabalho, ocasiona desavenças amorosas, modifica suas rotinas. Como assevera Shirts (1982) tornou-se lugar comum dizer que o futebol é expressão nacional e reflete a sociedade. Ele está incluído dentro da dinâmica social produzindo constantes movimentos que influenciam a sociedade que o abriga.

Finalmente, a história do jogo Atlético contra Cruzeiro e todo discurso futebolístico que o cerca opõem pessoas que estão buscando o mesmo objetivo: a vitória sobre o principal adversário. Tal análise, porém, não é somente no campo esportivo, ela perpassa questões políticas e sociais de cada período pretendido a ser estudado.

O universo do futebol mineiro, sua formação histórica, suas influências, seus sujeitos, da aristocracia para o popular, dos campos de terra batida para o gramado, da assistência ao pertencimento clubístico formam o cenário que propus investigar para analisar a construção histórica da rivalidade entre Atlético Mineiro e Palestra Itália, pois, como é sabido, o Cruzeiro Esporte Clube nasceu com o nome e grafia italianos *Società Sportiva Palestra Italia* e, por razões que fugiram ao controle da instituição, em 1942, foi obrigado a mudar sua denominação.

A construção da rivalidade entre Atlético e Palestra foi a situação que me inquietou e me interessou. Será possível que, em menos de 10 anos de existência, o Palestra atingiu a posição de compor junto com o Atlético *a maior partida de futebol da cidade, a lucta dos titans* (FIG.1), como publicou a manchete do jornal *Goal*¹ de 1930?

¹ Goal. Segunda-feira, 2 de junho de 1930, p.1.

Dessa forma, como se teceu essa rivalidade? Como a fundação dessas equipes de futebol modificou o espaço e a dinâmica da jovem cidade de Belo Horizonte?



FIGURA 1: Manchete do jornal *Goal* para descrever um encontro Atlético X Palestra em 1930. Fonte: *Goal*. Segunda-feira, 2 de junho de 1930, p.1.

Entender a história como uma narrativa ou como um discurso sobre o real pressupõe aceitar que ela está longe de revelar uma suposta verdade acontecida no passado ou se constituir como o próprio passado, como se pensava outrora. Significa perceber que o conhecimento histórico é uma construção que envolve inúmeras reflexões como, por exemplo, sobre as fontes a serem trabalhadas, as opções teórico-metodológicas, a trama, a tessitura do texto, as interpretações, a narrativa, a subjetividade de quem escreve e a mediação entre o passado (objeto da investigação) e o presente (tempo no qual escreve o/a historiador/a) (GOELLNER, 2005).

No presente estudo, procuramos construir *uma* história de dois *torceres*, duas paixões, dois pertencimentos, e da relação de rivalidade que se configura entre esses dois *polos*: trata-se de perscrutar o processo que consolidou o antagonismo entre o Clube Atlético Mineiro e Sociedade Esportiva Palestra Itália. Para tal, partimos da ideia de uma escrita da história “[...] não como uma possibilidade de recuperar ou revelar o que está no passado, mas de reconstituir esse passado a partir das fontes que nos permitimos buscar e do olhar que sobre elas lançamos” (GOELLNER, 2005, p.2594).

Quanto às fontes, devemos antes ouvir o que diz Michel De Certeau sobre como produzi-las.

Em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela (a história) consiste em produzir tais documentos mudando ao mesmo tempo seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em isolar um corpo, como se faz em física, e em desfigurar as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. [...] Longe de aceitar os dados, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso e que o destinam a um emprego coerente (CERTEAU, 1982, p.36-37).

Tendo em vista que o que determina as fontes é aquilo que está sendo colocado em questão, ou seja, aquilo que está sendo problematizado. No presente estudo adotamos os jornais do período como fontes de pesquisa, ancorados em Pacheco (2012, p.101), quando diz que “[...] atualmente, pesquisadores vêm utilizando cada vez mais a literatura e a imprensa, de maneira geral, e principalmente os jornais como fontes documentais”. O jornal, segundo Capelato (1988, p.20) “[...] é uma das principais fontes de informações históricas, merecedor, portanto, de consideração dos historiadores” e, “[...] a vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres” como também os sujeitos anônimos”.

O recorte temporal adotado na pesquisa foi de 1921, ano de fundação da Sociedade Sportiva Palestra Itália, até 1942, ano em que o Palestra institucionalizou o nome Cruzeiro Esporte Clube, mudança motivada pela declaração oficial brasileira estabelecendo a Itália como nação inimiga durante a Segunda Grande Guerra Mundial.

Após a leitura e avaliação dos jornais, averiguamos que houve o *clássico* Atlético X Palestra. No período em que ele existiu, foi detentor da maior rivalidade futebolística local. Se, por pressão da lei brasileira, o Palestra mudou de nome, caberia aos estudos históricos descortinar a existência desse *clássico*, a sua importância à época e o quão grande foi a sua rivalidade com o Atlético. A pesquisa com os jornais nos sugeriram a presença precoce dessa rivalidade, pois, como indica Pacheco (2012, p.102), o jornal “[...] pode revelar dados importantes que outros documentos não expressariam”.

As fontes jornalísticas nos indicaram que por mais que a rivalidade Atlético X Palestra tenha iniciado a sua trajetória nos anos 1920, se mostrou necessário avançar até 1942, porque acreditamos ter sido um ano de fundamentais decisões nos bastidores do futebol local. A ocorrência de o Palestra Itália ter mudado sua denominação encerrou a história do Atlético Mineiro *versus* o Palestra Itália e iniciou o período do Atlético Mineiro *versus* o Cruzeiro Esporte Clube, pois, enquanto foi Palestra, os jogadores do clube de origem italiana defenderam uma equipe de uniforme com as cores da bandeira itálica (verde, branco e vermelho); que já continha uma torcida própria; que possuía um estádio no bairro dos italianos (Barro Preto) e que foram carinhosamente chamados de *periquitos* ou *tricolores*. Tinham vida própria e, de repente, foram descaracterizados das

suas vestes e nome. O clube não se extinguiu, mas o *clássico* Palestra Itália contra o Atlético Mineiro findou-se.

Para trabalhar os jogos entre o Clube Atlético Mineiro e Palestra Itália nos jornais de Belo Horizonte de 1921 a 1942, incursionamos, principalmente, nas seções destinadas aos esportes. Nelas nos interessaram, sobretudo, a repercussão provocada, os resultados, os goleadores, os personagens, as rendas, o público, os tabus e o comportamento da torcida.

Tais documentos foram encontrados no Arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, na Coleção Linhares da Universidade Federal de Minas Gerais (digitalizada e acessada via internet) e na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Luiz de Bessa. Todos localizados em Belo Horizonte.

Tivemos acesso, localizamos e analisamos uma quantidade razoável de edições jornalísticas. Ao final, 231 foram utilizadas. Trabalhamos com periódicos da temporalidade pretendida e de anos anteriores no intuito de subsidiar a construção do nosso texto. Em relação à quantidade das informações, houve destaque para quatro jornais: *Minas Geraes* (imprensa oficial do estado de Minas Gerais) com 82 edições analisadas; *Folha de Minas* e *Diario de Minas* (jornais extintos) com 51 e 23 exemplares avaliados respectivamente, e o *Estado de Minas* (ainda em circulação) com 47 jornais examinados. Em menor quantidade foram pesquisados: *O Estado de Minas* e *Correio Mineiro* (5 jornais), *A Gazeta* (3 jornais), *Diario da Tarde* (2 jornais) e uma edição do *Bello Horizonte*, *A Faísca*, *A Folha*, *Affonso Celso*, *Araldo Italiano*, *Folha do Dia*, *O Foot-ball*, *Goal*, *Gazeta Esportiva*, *Folha da Tarde*, *Diario Mineiro*, *Diario de Noticias* e *O Estado de São Paulo*.

Finalmente, como lembra Benjamin (1994) é importante ter claro que “[...] nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”, e que, portanto, as opções metodológicas aqui assumidas não são imunes a alterações. Ao contrário, à medida que o movimento de pesquisa transcorre e que o caminho vai sendo percorrido, novas opções podem ser feitas. Afinal, como lembra Bloch (1965), “[...] história não é relojoaria ou marcenaria. É um esforço para um melhor conhecer: por conseguinte, uma coisa em movimento” e a imprensa pode ser uma fonte utilizada nesse processo histórico, pois guarda informações de uma ordem social que pode influenciar no

presente, segundo Capelato (1988) “[...] a imprensa age no presente e também no futuro”.

Enfim, na cidade, como sugere Pesavento (1995), há *leitores privilegiados*, com habilitações culturais, profissionais e estéticas que os dotam de um olhar refinado, sensível e arguto. É o caso dos escritores, fotógrafos e pintores do urbano. O historiador deve, porém, estar atento aos *homens comuns*, também dotados de sensibilidades e capazes de elaborar representações.

É nos registros policiais, nas entrelinhas dos jornais, nas "colunas do povo" dos periódicos, nas festas populares e nas manifestações de rua, nos acontecimentos singulares que quebram a rotina da vida urbana que podemos encontrar suas vozes ou resgatar os indícios do que seria a sua ordem, chegando às representações coletivas de uma "outra" cidade (PESAVENTO, 1995, p.287)

Enfim, procuramos observar as minúcias que cada jornal expôs sobre o surgimento e acirramento da rivalidade entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália em cada um dos seus jogos e, paralelamente a isso, percebemos o declínio do América F.C., time de maiores conquistas nos primeiros anos do recorte da pesquisa.

Dentre amistosos e partidas oficiais, encontramos registros de 79 jogos entre os primeiros times do Atlético Mineiro contra o Palestra Itália. E, observando os acontecimentos que mais marcaram a histórias desses jogos, foi possível identificar quatro grupamentos de jogos que melhor caracterizaram o período:

- 1- de 1921 a 1925 (oito jogos), período ainda amador e finalizado com a tradução oficial do nome *Società Sportiva Palestra Italia* para Sociedade Sportiva Palestra Italia e aceitação de jogadores brasileiros em seu plantel;
- 2- de 1926 a 1933 (17 jogos), anos que precederam a oficialização do profissionalismo em Belo Horizonte, período semiprofissional;
- 3- de 1934 a 1937 (23 jogos), domínio do futebol do interior. Depois de implantada a profissão de futebolista, surgiram duas novas forças no futebol

mineiro, o Villa Nova (campeão 1932²/33/34/35) e Siderúrgica (campeão 1937), mas não se sustentariam no auge;

- 4- de 1938 a 1942 (31 jogos), hegemonia atleticana. O Palestra Itália (campeão de 1940) mudaria de nome três vezes. Seria definido Cruzeiro Esporte Clube em 1942, pressionado pelo envolvimento do Brasil contra a Itália na Segunda Grande Guerra Mundial.

Os confrontos do Atlético contra o Palestra tiveram os seus primeiros jogos em campo neutro: o campo do Prado Mineiro. Nele, foram disputados pelo menos os quatro primeiros jogos, pois não foi possível obter informações precisas sobre cinco jogos do início dos confrontos. As partidas aconteceram no estádio do Palestra (31 vezes), no estádio do Atlético (29 vezes) e dez jogos disputados no estádio do América.

Para entendermos a cidade em que se desenvolveu a rivalidade Atlético contra Palestra, apresentamos a cidade de Belo Horizonte desde seus começos. Procuramos absorver as ideias do projeto da nova capital e como o povo, que nela se instalaria, deveria postar-se diante de uma nova estrutura física e social, emoldurada em ideais de modernidade e, ao mesmo tempo, atrasada e arcaica.

Assim, este trabalho está organizado em três capítulos. O capítulo 1 trata do planejamento e da construção da modernizadora Belo Horizonte, o esporte praticado na cidade, os primeiros passos do futebol, as primeiras equipes, a sua popularização, o advento do torcedor e os primeiros sinais de rivalidade. O capítulo 2, traz a rivalidade do período ainda amador do futebol na cidade; o América como equipe a ser batida e a chegada do Palestra Itália, desafiando a tradição arraigada nas equipes do América e do Atlético. Enfim, no capítulo 3, foi trabalhada a contextualização histórica de cada período em que foram fundados o Atlético Mineiro (1908) e o Palestra Itália (1921); os primeiros ídolos, os artilheiros, os jogadores que mais atuaram no clássico, os principais relatos jornalísticos dos 79 jogos e as considerações acerca da construção da rivalidade entre Atlético e Palestra.

² Segundo a Federação Mineira de Futebol, o título de 1932 foi dividido entre o Atlético e o Villa Nova.

CAPÍTULO 1

1.1- A cidade *modelar*: Capital das Minas Gerais

ser-não-ser-moderno

Carlos Drummond de Andrade (anos 20)

A procura por um local de construção da nova capital do estado de Minas Gerais seguiu inúmeros critérios³, mas a escolha de um povoado denominado *Curral d'El Rei*, à época, aproximou-se de uma forma de os republicanos demonstrarem domínio da situação no País e acabar com os resquícios da monarquia. Pelo Decreto n.1.085, de 12 de dezembro de 1897, inaugurou-se oficialmente a nova capital com o nome de Cidade de Minas. Em 1901, passou a ser chamada oficialmente *Bello Horizonte* (VERIANO, 2001). Na primeira alvorada da Capital, “[...] a cidade embrionária amanheceu toda embandeirada e em clima de festa, afinal era a primeira cidade republicana planejada que ganhava vida e mostrava que o futuro estava por aí, bem à nossa frente” (COSTA e SCHWARCZ, 2007, p.43).

O primeiro jornal da cidade, o *Bello Horizonte*⁴, descreve, em 1896, a aspiração republicana da localidade escolhida. Na bravia “Curral d'El-Rei quando as questões políticas tocavam ao extremo, eram resolvidas pelo argumento do sertanejo – páu de chumbo⁵”. Mas com o tempo o nervosismo político foi se arrefecendo, e “nos últimos dias da monarquia, foram aqui levantados em plena rua os sediciosos gritos de – Viva a República!” Quando se mudou de “Curral d'El Rei para Bello Horizonte, era para apagar de vez tudo que a trono cheirasse ou a rei se referisse”.

³ [...] “Em 28 de outubro de 1891, foi promulgada a Lei nº1, adicional à Constituição de Minas Gerais, determinando o estudo das seguintes localidades para que, dentre elas, fosse escolhida aquela destinada à capital do Estado: Belo Horizonte, Paraúna, Barbacena, Várzea do Marçal e Juiz de fora. A 17 de dezembro de 1893, o Presidente do Estado Chrispim Jacques Bias Fortes, promulgou a Lei nº3, adicional à Constituição do Estado, decidindo pela localidade de Belo Horizonte para construção da nova Capital” (VERIANO, 2001, p. 58-59).

⁴ Bello Horizonte. Domingo, 2 de fevereiro de 1896. Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte V, p.1.

⁵ A expressão *páu de chumbo* simboliza a indolência do povo da localidade para com os desmandos da monarquia, algumas decisões políticas eram resolvidas à maneira local, no enfrentamento corporal, nas armas.

“Belo Horizonte não foi feita para lembrar, mas foi feita para esquecer” (LARA, 1998, p.96)⁶. É fruto do Brasil republicano, *troféu* dos defensores do recém-instalado regime de governo brasileiro em 1889. A monarquia, representada em Minas Gerais pelas estreitas e tortuosas ruas de Ouro Preto, deu lugar à pretendida e presunçosa democracia da República. Nesse cenário, ergueu-se o símbolo da modernidade, a Paris ao sul da linha do equador, dadivosa de linhas retas, e que não seria apenas símbolo da mudança no plano físico. Como definiu Vilhena (2008), no plano simbólico, a construção da nova cidade transcendia ideais políticos e com o uso do concreto armado se consolidaria a representação de um novo poder imbuído de novos ideais.

Em 1906, a primeira edição do *Anuario de Minas Geraes*⁷, documento oficial do Estado, publicou informações que exaltava os aspectos modernos e a perfeição da nova capital, onde “todos a proclamam de beleza e plano sem igual, em terra sul-americana. Hygiene, policia, architectura, salubridade, paizagem, arborisação, estylo, ventilação, luz, espaço, conforto – tudo nessa se encontra, abundantemente”. Ela “é a bella e moderna cidade de Bello Horizonte, cidade edificada com rapidez e audacia yanques, dignas do nobre e energico povo Mineiro, custou ao Thesouro do Estado rs. 33.073:000\$000”.

Rodrigues (2006) expõe que, na sua idealização, se projetou o que de mais atual e moderno havia do urbanismo e, seguindo essa visão, ela foi erigida.

[...] como cidade onírica, Belo Horizonte foi idealizada com um traçado urbano que seguia um esquema do urbanismo em voga na época, pois o sonho utópico era estabelecer a civilização e a tecnologia avançada do mundo moderno. Nesse sentido, a planta da cidade foi inspirada em grandes projetos urbanísticos do século XIX, como Paris, de Haussmann; Washinton D. C., de L’Enfant; e La Plata” (RODRIGUES, 2006, p.41).

O jornal *A Gazeta*⁸, de 1923, se orgulhou da “Bello Horizonte moderna, moldada pela esthetica mais apurada e uma das unicas cidades” puramente “brasileira, construida por brasileiros, após a independencia do paiz” Segundo o jornal, podia-se observar a “preocupação que presidiu a sua construção”, arquitetada com o que de mais atual havia

⁶ Neste artigo, Fernando Lara analisa as transformações do espaço urbano de Belo Horizonte a partir da narrativa memorialista-ficcional de Pedro Nava na Belo Horizonte dos anos 1921 a 1926, em seu terceiro livro de memórias, denominado Beira-Mar.

⁷ Anuario de Minas Geraes. Bello Horizonte, 1906, p.131.

⁸ A Gazeta. Segunda-feira, 28 de maio de 1923: Aspectos da cidade, p.2.

na engenharia. Mesmo que houvesse críticos repreendendo a sua imagem, “ella é, assim, linda no seu aspecto bizarro”. Sentiu-se, na sua construção, “a preocupação em dar-nos uma cidade modelar”.

À época, o poder regional no Brasil, analisa Sevcenko (1992, p.14), “representado principalmente pelos ricos fazendeiros de café do sudeste pretendia que com a República fosse implantado o sistema federalista, assegurando-lhes não só o controle dos seus próprios rendimentos quanto condições de usar seu poder econômico para decidir os destinos da futura ordem republicana”. Dessa forma, não mais se ficaria aos auspícios da centralizadora Capital Federal. Seguindo esse preceito, o estado de Minas Gerais impôs sua soberania planejando e construindo uma nova capital, de ares modernistas.

Tal mudança literal e relativa não poderia, porém, sepultar o passado e as cultivadas tradições mineiras, marcado pelo movimento de Inconfidência Mineira e que teve como palco principal a pujante Ouro Preto de outrora. Por isso, o traslado do funcionalismo público estadual da antiga Capital para a nova não foi um movimento sem sentido, como explica Pimentel (1989, p.23).

E assim surgiu Belo Horizonte. A cidade que pretendeu ser, ao mesmo tempo, um atestado da modernidade dos mineiros que procuravam se adequar aos novos ventos republicanos, e a guardiã das tradições tão importantes na história desse povo. Como adequar as duas perspectivas? Simples. A cidade, moderna na sua forma, deveria acolher, no seu conteúdo, uma população cônica do valor da tradição mineira. Moradores de Ouro Preto seriam transferidos para Belo Horizonte, garantindo a perpetuação dos valores já vivenciados na antiga Capital.

Não havia intuito, na mudança de endereço da Capital, de se negligenciar o orgulho do povo mineiro, depositado nas ideias libertárias dos personagens independentistas da Ouro Preto oitocentista. Se a grandiosidade e arrojo da novata Belo Horizonte enchiam os olhos pela beleza, vastidão e saúde, a saudade, o passado, a tradição e a história se faziam inabaláveis na alma da antiga e gloriosa metrópole que foi *Villa Rica* e, depois, Ouro Preto.

Notamos essa bifurcação de valores anunciada pelo jornal *A Faísca*⁹ no ano de 1916. “Bello Horizonte symbolisa o nosso vigor actual, de povo que vibra e espera a

⁹ A Faísca. Terça-feira, 12 de dezembro de 1916: A nova capital de Minas, p.1.

nova capital, é o signal de nossa futura industria e commercio”. Já a “velha metrópole”, Ouro Preto, “definha pacientemente e lembra as nossas glorias de um passado que foi longo e brilhante pelos feitos de nossos maiores e pelos faustos que constituíram o sublime apogeu de Minas no século dezoito”. O jornal adverte que Belo Horizonte “terá de ser uma das maiores e mais ricas capitães de nossa Patria”, porque, Ouro Preto, “já foi o melhor, mais rico e mais admirável centro intellectual, de todo Brazil, ao findar do século de 1700”. A nova capital nascia com a responsabilidade de trabalhar e honrar o passado da antiga. “Olhemos para o futuro, Bello Horizonte honrará Ouro Preto”.

O projeto da nova metrópole do estado de Minas Gerais era, porém, arrojado demais para o povo que aqui viveria, principalmente levando-se em conta que a maioria da população foi proveniente da zona rural, bem diferente de Paris, ou mesmo da alta classe do Rio de Janeiro. A alcunha modernista¹⁰ para Belo Horizonte não seria algo fácil de implantar. O itabirano Carlos Drummond de Andrade sintetiza num verso essa confusão, quando se viu de frente com o pretense aspecto *moderno* da nova Capital mineira. A sensação de *ser-não-ser-moderno* acompanharia o jovem poeta por toda a sua vida.

*No elevador penso na roça
na roça penso no elevador¹¹.*

O processo de urbanização do Brasil, segundo Silveira e Silva (2010), é um fenômeno recente, se considerarmos que, no início do século XX, menos de 10% dos brasileiros viviam nas cidades. A partir da lógica capitalista, o Brasil iniciou nesse período seu processo de industrialização, e as cidades começaram a crescer de maneira acelerada e desorganizada. Simão (2008) elucida o período dizendo que junto com um discurso republicano, que evocava o progresso e a modernidade, o País se via as voltas com uma realidade arcaica, eminentemente rural e escravista. No Brasil da virada do

¹⁰ Oliven (2001) expõe que o Brasil tendeu a importar as ideias e modelos vigentes da Europa entendendo que aderir a tudo que está em voga nos lugares adiantados seria moderno. Mas esse modernismo brasileiro no século XIX se restringia à alta-classe do Rio de Janeiro, o resto do país era rural, de economia agrária. Sendo o urbanismo condição para evolução social, o Brasil demoraria a sair da condição de semicolonial agrário para autônomo industrial.

¹¹ Verso encontrado em Said (2007, p. 42).

século XIX para o XX, nunca as mazelas da sociedade escravista e opressora ficaram tão marcadamente evidentes. Os ventos fortes da República sopravam em direção às luzes de novos tempos havendo os resquícios da sociedade colonial e monárquica de serem enfim eliminados.

A nova Capital serviu como marco divisor do antigo para o moderno, de um poder para o outro, desenhada *a régua e compasso*, e essa modernidade almejada, deveria atingir, não só os novos prédios e palácios como também o comportamento, o *jeito de viver* das pessoas (JULIÃO, 1992). Para isso, foi executado o projeto no âmbito arquitetônico como também a idealização da formação (imposição?) de novos hábitos humanos a circular pela cidade.

O jornal *A Folha*¹² de 1904 exibiu o contraste provocado pelo período transitório civilizador que a nova cidade teria e ajudaria a formar! “Bello Horizonte é um meio social novo; a sua população veio de todos os pontos e o conjunto não pôde ter ainda hábitos tradicionais”. Este povo, se trabalhado os bons modos, seria “um bom material para ser modelado e servir de exemplo ao Estado”.

O jornal literário da novel juventude mineira, *Affonso Celso*¹³, de 1907, demonstrou a função efetiva de todos os componentes da sociedade da época – essencialmente da mocidade – no sucesso da obra civilizatória da República no Brasil. “os moços não podem mais representar o modesto papel de << fugazes borboletas do jardim da vida >>”. Na nova concepção social moderna era exigido “o concurso de todos, desde o millionario ate ao misero proletario, do sabio assim como do inculto, desde o homem mais robusto ate a mais fragil donzella, desde o velho encanecido ate o moço cheio de vigor e de esperanças”. Era, para o jornal, função da juventude a “guarda da chamma imperecível da liberdade em seu coração”. O jovem da jovem Capital era o berço do novo, do moderno jeito de se viver. Sairiam da penumbra de suas casas, iriam para as ruas e praças. Praticariam esportes.

Cynthia Veiga chama a atenção para a função civilizadora dos novos edifícios, ruas e parques da Capital. O comportamento do povo nos logradouros públicos definiria a composição, ou não, de homens e mulheres de características modernas. Se os habitantes locais desenvolvessem hábitos civilizados nas ruas, tornar-se-iam

¹² A Folha. Quarta-feira, 20 de julho de 1904 - *O Bom Tom*, p.2.

¹³ Affonso Celso. Domingo, 14 de julho de 1907 - *Nosso fim*, p.1.

“referências para as “práticas atrasadas” daqueles marginalizados física e culturalmente da cidade” (VEIGA, 1994, p.461).

Tarcísio Mauro Vago apresenta indícios da pretendida transformação com a reforma da educação formal republicana. Se no início da cidade o ensino era baseado em escolas isoladas e custeadas pelo Estado, a partir de 1906, o governo de Minas Gerais reformaria e o ampliaria em todo o Estado. Ler, escrever e contar, não seriam as únicas finalidades, a escola deveria conduzir a juventude à disciplina, saúde e ordem, mudando seus hábitos, comportamentos e valores.

O advento desse novo molde escolar tem em vista responder à expectativa de formar aqueles que seriam os cidadãos republicanos – civilizados, de maneiras amaciadas, disciplinados, sadios e trabalhadores ordeiros –, que assim poderiam contribuir para o desejado progresso social.

No cerne, como alvo para o qual convergiriam os dispositivos dessa nova cultura escolar, estava o corpo das crianças: a organização da cultura escolar deveria cultivar um corpo belo, forte, saudável, higiênico, ativo, ordeiro, racional, em contraposição àquele considerado feio, fraco, doente, sujo e preguiçoso (VAGO, 1999, p.32).

Em tempo, porém, viu-se que a tarefa não seria fácil. Com a instalação da nova Capital observou-se que *a cidade surge sem identidade*, “[...] toda a gente que ali frequentava ou chegava: operários, funcionários públicos e muitos oportunistas da sorte transformaram a cidade num emaranhado de povos sem preocupação com a boa convivência ou relações familiares” (VILHENA, 2008, p.40). O sonhado *modus vivendi* cosmopolita e civilizado, estilo parisiense, não se consolidou como se pretendia. No cotidiano da Belo Horizonte do início do século XX se confundiam o velho e o novo, o antigo e o moderno, o provinciano e o cosmopolita.

O Brasil, diferentemente das outras nações latino-americanas, após a independência, viveu no regime monárquico por 67 anos, de 1822 a 1889. Esse fato pode ter dificultado o processo de transição de Monarquia (ainda com ares de Colônia) para República democrática. Contudo, apesar de ambígua e confusa, principalmente em Belo Horizonte, a pueril República brasileira promoveu mais autonomia e sensação de liberdade de expressão à população. Como expresso no *Diário de Minas*¹⁴ de 1913.

[...] si a Republica não é o regimen que desejaram tantos brasileiros; si o paiz ainda não conseguiu o maximo da civilisação desejada, da-nos, pelo menos, a certeza de que somos um povo livre, possuindo todas as autonomias

¹⁴ Diário de Minas. Domingo, 16 de novembro de 1913. Chronica Social, p.2.

desejáveis, elegendo os nossos dirigentes e criticando sem impecilios os actos governamentais. Tenhamos fé no futuro; esperemos ainda um pouco e, trabalhando com energia e afinco, havemos de chegar ao fim desejado. A Republica brasileira é muito moça ainda! G.

Outra questão chamou a atenção em Belo Horizonte: teriam os governantes a dignidade de prover a cidade de infraestrutura básica à população, ao nível das modernas e civilizadas como conjecturavam os idealizadores?

No expediente de 25 de março de 1923, *A Gazeta* expôs, regado à ironia e sarcasmo, angústias dos habitantes de Belo Horizonte quanto às prioridades urbanísticas e desconfianças quanto à administração do erário público: ajardinamento das praças ou redes de esgotos?

Jardins, jardins,...exgotto não!

Bello Horizonte resente-se de muita cousa para ser uma capital modelo, mas muita cousa mesmo.

Mas, entre estas cousas, resaltam logo duas importantes: esgoto e calçamento. Bello Horizonte não será, de forma alguma, uma capital higienicamente perfeita, enquanto a poeira conspirar contra os pulmões de seus habitantes e enquanto as redes de esgotto não se mostrarem por todos os recantos da cidade. Mas as administrações municipais se succedem e esses dois problemas não são resolvidos. Por quê? [...] Ora, não acreditamos que os nossos administradores esperem um passe de mágica, que amanhã ou depois dê a Prefeitura os milhares de contos necessários para a execução de taes obras. [...] Não seria muito mais justo e rasoavel que a Prefeitura empregasse o dinheiro que vai gastar em taes ajardinamentos em extender a rêde de esgotos a uma rua qualquer ou, até mesmo, a dois ou três quarteirões somente.

O lucro para a Capital seria, estamos convencidos, muito maior. Salvo si a Prefeitura, dando-nos jardins e privando-nos do esgotto, tem em mira encobrir com o perfume das flores o máo cheiro das ruas... Si assim é, damos as mãos à palmatória...¹⁵

As vestimentas preferidas da sociedade belo-horizontina do início do século XX são, também, um viés a ser observado, visto que foi um item definidor da modernidade brasileira. A moda seguida foi, via de regra, copiada da francesa¹⁶. Essa importação produziu figuras consideradas esdrúxulas e estranhamento da população mais avessa às mudanças sociais. *A Gazeta* de 1914 demonstrou aflição com a imagem pública da mocidade local, prevendo um futuro catastrófico.

¹⁵ *A Gazeta*. 25 de maio de 1923: *Jardins, jardins,...exgotto não!*, p.2.

¹⁶ “O francesismo, que já era chique nos tempos da monarquia, continua a imperar na República” (COSTA e SCHWARCZ, 2007, p.69).

A moda domina o mundo desde os primeiros surtos de civilização. Mas nos tempos modernos atingiu ella o seu mais alto gráo de prepotencia para com os pobres mortaes. O seu capricho é de tal forma que tem masculinizado a mulher e efeminizado o homem. Não raro vemos as senhoritas de saias sobre o corpo apenas guarnecido por um collete e finíssima camiseta, tornando-as, com o conjuncto do calçado e do chapéo exquisitos, muito semelhantes aos rapazinhos tolos de casaco abotoado. Por outro lado os jovens, que se dizem *smarts*, escanonham-se a valer, raspam os bigodes, empoam-se, perfumam-se, calçam botinas de cano alto, usam chapéos de laço de cores berrantes... E não pensam esses pobres inexpertos na vida, que todo esse martyrio não passa de mundanidades doentias que se confundirão, mais tarde, com o pó universal...¹⁷

Na *Chronica Social* do jornal *Diário de Minas* de 1924 percebemos o olhar equivocado das senhoras do local para com a moda europeia. Na ânsia de se postarem modernosamente acabavam por se vestir com adereços dignos das francesas de reputação duvidosa: brasileiras deslumbradas, porém *chics*.

A minha ultima chronica foi um commentario ao descritério com que no Brasil muitas mulheres que se julgam chics copiam modas européas, na convicção rastaquera de que não é possível ser-se elegante sem se vestir pelos figurinos parisienses. E mostrei que a preocupação de imitar Paris chega ao ponto de haver senhoras casadas e honestas, em nosso paiz que se vestem como, na europa se vestem as <cocottes>.

Uma nossa patrícia teve a gentileza de mandar-me palavras de applausos pela maneira por que procuro “combater um costume que so serve para nos diminuir perante os outros povos” [...]¹⁸

Enfim, não é dizer que a cidade não deu certo, mas que uma cidade vai se construindo em meio a tensões e ambiguidades. Uma nova sociedade é marcada por fatores que a prancheta dos idealizadores não tem como prever ou mesmo os elimina. E para entender a dinâmica urbana recorreremos a Certeau (1994, p.174).

[...] se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias sócio-econômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico¹⁹. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de

¹⁷ A Gazeta. Terça-feira, 15 de setembro de 1914. Espirito vadio, p.1.

¹⁸ Diário de Minas. Terça-feira, 25 de março de 1924. Chronica Social, p.2.

¹⁹ O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 2005).

poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir.

Numa cidade planejada como Belo Horizonte, talvez, possamos ir além da fala de Michel de Certeau (1994) para analisá-la. As estratégias de gerenciamento social, político e econômico, por certo, seriam de maior complexidade do que o suposto e poderiam sair do controle de quem as idealizara, com o passar dos anos. Veriano (2001) pondera, dizendo que esta cidade, como todas as cidades utópicas, seria regida pelas leis de uma simples e estrita geometria, o que era de difícil assimilação para aquele povo que aqui se instalara.

Não cabe concluir se Belo Horizonte desenvolveu como planejada, porém é razoável inferir que a ambiguidade foi marca latente no desenvolvimento dessa cidade. Simultaneamente, ela foi moderna e arcaica ao mesmo tempo e espaço. A ideia da cidade alinhavada na geometria dos engenheiros seguiu-se numa inevitável frustração, uma vez que, segundo Lara (1998, p.96), “[...] nem o controle estatal seria capaz de realizar no espaço urbano o sonho republicano, a *Poeirópolis*, revelou-se uma cidade vazia, desproporcional e dispersa”.

Foi nessa cidade *modernarcaica* que, em construção física e transformação social, aconchegou vários esportes. Entretanto, com o tempo assistiria destacar-se o bretão *football association* (chamado de agora em diante de futebol) no início do século XX. O futebol encontraria terreno fértil pelas paragens de Belo Horizonte e se desenvolveria de aristocrata a popular rapidamente.

1.2- O desporto como prática modernizadora na *Broadway Sertaneja*

O Brasil, como as outras nações latino-americanas, tem papel secundário no movimento da história do desenvolvimento capitalista/moderno/ocidental até hoje vigente. Essas nações, colônias de países europeus, foram fornecedores de mão de obra, produtos agrícolas e recursos minerais que financiaram a construção da hegemonia do poder e do saber dos europeus. “A Europa concebeu a si mesma como o padrão da humanidade, como portadora de uma religião, uma razão e uma civilização superiores encarnadas pelos europeus” (CORONIL, 2005, p.108). Os desportos foram mais um

produto utilizado na colonialidade sobre nações dependentes e vulneráveis, sobretudo num momento em que, para os brasileiros, tudo que era bom *vinha de fora*.

O desporto, uma invenção moderna, expandiu-se agarrado à difusão dos conceitos modernistas. Segundo Cuenca (2000), o desenvolvimento do mundo do esporte aconteceu unido ao avanço econômico e social presente ao longo do século XX. Por essa trajetória conjunta, podemos associar o esporte organizado à modernidade. O aparecimento paulatino de competições desportivas foi a primeira grande entrada para o lazer nos tempos modernos, instituindo um tempo profano para a prática de esportes, algo impensável na vida das pessoas até então. Do ponto de vista europeu, o futebol contemporâneo se desenvolveu e se difundiu nas sociedades industriais, tanto pelos trabalhadores, quanto pelas elites.

Na onda do ímpeto mundial de mudança nos modos de vida nas emergentes metrópoles do início do século XX, ditadas pelos arreios da modernidade, viu-se na prática de esportes uma possibilidade de reorganização social (caso melhor caracterizado no Rio de Janeiro). Segundo Sevchenko (1998), o desenvolvimento de atividades desportivas como banhos de mar, regatas, ciclismo, hipismo e pedestrianismo se destinavam justamente a adaptar os corpos e as mentes à demanda acelerada das novas tecnologias. Nada mais natural que na reforma urbana incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. Na nova sociedade carioca, a cultura desportiva agora seria dotada de valor, não se viveria na penumbra para a suposta elegância de uma tez pálida e quase doentia. A ideia de *saúde* passaria ao cotidiano, assim como a limpeza e higiene, atividades que subsidiariam a beleza. O estilo desportivo obrigou o cidadão moderno a sair das sombras.

Obviamente, não é possível marcar uma data estanque de quando o Brasil despertou interesse pela prática desportiva. Entretanto, o Terceiro Campeonato Sul-Americano de Futebol, disputado no Rio de Janeiro, em 1919, foi o primeiro momento de clímax dessa euforia, culminando com a vitória do Brasil sobre o Uruguai, tornando-se Campeão (SEVCENKO, 1998). A representatividade dessa competição continental transcendia o esporte e exaltava o brio da nação. Em Belo Horizonte, não foi diferente. O sentimento patriótico foi exposto pelo *Diario de Minas* de maio de 1919, mesmo antes da final.

O mundo sportivo do Rio de Janeiro, ou melhor, a sociedade carioca em peso, está vivendo horas de intensa emoção e entusiasmo, nestes dias, durante os quaes acolhe em seu seio as delegações estrangeiras que tomam

parte no 3º Campeonato sul-americano de foot-ball. É que já forma iniciados, com alto esplendor os encontros dos nossos com os foot-ballers chilenos, argentinos e uruguayos. [...] e a opinião publica na sua totalidade manifesta-se viva e fortemente preocupada com o resultado dessa disputa internacional, accesa no desejo de ver triumphantes os jogadores nacionaes, como se estivesse em jogo a propria dignidade da Patria.²⁰

Sem negligenciar o desporto, o planejamento de arrojo modernista de Belo Horizonte trazia em seu arcabouço a construção de praças, parques e jardins, locais que deveriam servir de palco desportivo e de divertimento saudável de sua população detentora, ao menos pretensa e futuramente, de hábitos civilizados.

Pelo fato de ser jovem e ter recebido gente de toda natureza durante a sua construção, a cidade foi povoada de moradores demasiadamente diferentes. Os novos habitantes, citadinos ou não, ainda não tinham sua *cara* definida, um *jeito de ser* próprio. Poderiam o anacrônico e o moderno conviver no mesmo tempo e espaço? Quem era esse povo?

Dessa forma, como expressa Vilhena (2008, p.41).

“[...] a artificialidade e o culto ao novo, disseminados nesse período, provocavam na população uma busca e imitação de hábitos de cidades desenvolvidas como Rio e São Paulo, para não falar na Europa, especialmente a França. Isto pode ser percebido claramente nas atividades culturais que, com muitos tropeços, buscavam se implantar na cidade”.

O cidadão moderno proposto para Belo Horizonte seria forjado ali mesmo, nos arredores da “Broadway sertaneja que é a Avenida Affonso Penna às quatro da tarde”²¹ e no Bar do Ponto – cruzamento da Av. Afonso Pena com Rua da Bahia e início da ladeira da Rua dos Tupis – onde o recém-chegado Pedro Nava, na década de 1910, notou o “centro da cidade, trecho obrigatório onde todo mundo parava, passava, conversava, atravessava, esperava, desesperava, amava, demorava, vivia no Bar do Ponto” (NAVA, 1973, p.101).

A civilidade e o progresso, segundo Vilhena (2008) deveriam contaminar a cidade, também, através das suas praças desportivas projetadas, pois o *lazer* é um

²⁰ Diário de Minas. Quarta-feira, 14 de maio de 1919. Chronica Social, p.2.

²¹ Expressão encontrada na crônica de Carlos Drummond de Andrade *Até amanhã, jardim* no jornal *Minas Geraes* (domingo, 25 de dezembro de 1930, p.12). “[...] Depois, os meninos vieram sahindo, cada um com a sua malinha a tiracollo, e com as professoras bonitas tomando conta da turma para a travessia perigosa dessa Broadway sertaneja que é a Avenida Affonso Penna as quatro horas da tarde”.

elemento da vida moderna, um dos referenciais de civilidade e progresso. É possível perceber a presença do *lazer* com o modelo de sociedade e cidadão proposto na Belo Horizonte da primeira metade do século XX. Assim como a organização espacial da cidade ansiava materializar essa nova concepção de vida nas diversas esferas, o lazer também carecia de uma materialidade física, daí a necessidade de projetar espaços apropriados a essa prática cultural.

Alguns espaços projetados para o lazer moderno constavam da Planta Geral da cidade. Eles são mencionados por Rodrigues (2006, p. 47) e alguns merecem destaque.

“[...] O **Parque Municipal**, que nos seus anos iniciais foi o cenário privilegiado para a realização das primeiras atividades físicas, esportivas e de diferentes interesses no lazer. O **Hipódromo** só foi construído em meados da primeira década do século XX e o **Jardim Zoológico**, planejado para o espaço onde hoje se encontra o Minas Tênis Clube, nas imediações do Palácio da Liberdade, acabou sendo construído no Parque Municipal. A **Praça da Liberdade**, espaço do poder, foi também espaço de lazer na década de 1910, no qual o *footing* e a patinação marcaram época”. (grifos nossos)

O Parque Municipal por muito tempo seguiu como o local mais frequentado e utilizado pelos cidadãos. Sua localização e dimensões privilegiadas logo o tornaram coração da *vida pública* de Belo Horizonte, cenário concorrido para os eventos da *melhor sociedade* belo-horizontina, concretizando-se, cada vez mais, como um espaço de referência da vida sociocultural (VILHENA, 2008). O maior parque da América do Sul representaria o pulmão da cidade. Respirando ao longo das suas artérias, as pessoas passariam utilizando seu ar puro e refrescariam os pulmões (VERIANO, 2001).

Dentro do Parque Municipal foi construído um velódromo, raia oval para corridas de bicicleta com 500 metros de circunferência, tendo ao centro fontes luminosas (RODRIGUES, 2006). Até o advento do futebol, a organização ciclística denominada *Velo Club*, extinto em 1902, seria a organização esportiva de maior êxito na capital mineira.

Construído exclusivamente para práticas desportivas, o hipódromo do Prado Mineiro foi inaugurado no dia 03 de maio de 1906 e serviu para promover o *elegante* turfe na cidade até 25 de junho de 1911. Porém, como era localizado nos subúrbios da cidade, só a 12 de agosto do mesmo ano foi inaugurada a linha de Bondes que serviria aos frequentadores até o local. *Modernos e democráticos* os bondes eram fundamentais em vista da distância de dois quilômetros a ser percorrida desde o centro. Se as corridas de cavalo trouxeram a insígnia do bom gosto inglês, a linha de bondes, com passagens

mais baratas aos domingos, contribuiu para o acesso de classes menos favorecidas ao hipódromo (RODRIGUES, 2006).

A existência dessas praças esportivas, assegura Ribeiro (2007), serviu de estímulo para os habitantes da cidade. Foi justamente nesses lugares que as primeiras atuações esportivas na capital recém-inaugurada se desenvolveram.

Por volta de 1913, Couto (2003) diz que no hipódromo do Prado Mineiro, foi apropriado um Estádio de Futebol, que serviria de palco aos primeiros torneios e seria utilizado até os anos 1920. A *febre* do futebol na cidade não mexeria só com o desportista, “[...] ele chegou como algo saudável capaz de garantir um estilo de vida desejável para a sociedade que se assumia republicana, industrializada e ‘moderna’” (BERTOLLI FILHO e MEIHY, 1982, p.106). Com o processo de popularização, fundaram-se inúmeros clubes, vieram os torcedores, o interesse da imprensa e, por conseguinte, as rivalidades.

1.3- *Foot-ball em Belo Horizonte: fogo de palha ou peste que infestava as cidades?*

Nos primeiros anos do século XX, os adeptos do futebol utilizaram principalmente dos espaços do parque municipal e, aos poucos, foram se organizando. Ribeiro (2007) e Vilhena (2008) contam que em uma das alamedas do Parque foi realizado o primeiro ensaio futebolístico, em três de maio de 1904 e que equipes foram criadas e realizavam seus treinos nele, caso da primeira agremiação de futebol da cidade o *Sport Club Foot-ball* que nasceu em 10 de julho de 1904. Ainda, em 1904, Couto (2003) registra as fundações do *Plínio F.C.*, *Club Athletico Mineiro* (que não é o precursor do atual Clube Atlético Mineiro), *Vespúcio* e do *Colombo*. Estas equipes disputaram o primeiro campeonato de futebol da cidade no mesmo ano.

A versão mais divulgada é a de que foi Victor Serpa o maior incentivador do novato futebol em Belo Horizonte. Ele trouxe da Suíça e do Rio de Janeiro as experiências atléticas modernas e civilizadas, as concepções iniciais do *association* (RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007). É importante observar que, após sua morte em 17 de janeiro de 1905, o desenvolvimento do futebol local ficou órfão. Com o entusiasmo diminuído e a não continuação do campeonato disputado no ano anterior, o

futebol desandou para o fechamento de todas as agremiações no ano de 1907 (RIBEIRO, 2007).

O ano de 1908 significou o recomeço do futebol em Belo Horizonte. Rodrigues (2006, p.70) relata que uma nova fase na constituição do futebol na cultura urbana da cidade reiniciou-se em 1908 e se estendeu até 1915. Houve um novo entusiasmo com a criação de novos clubes, como o *Athletico Mineiro Foot-ball Club*, o *Yale Athletic Club* e o *America Foot-ball Club* dentre outros.

Nesse segundo período, afirma Silva (2012, p.70), o interesse pelo futebol encontrou uma cidade que se transformava rapidamente. Esse movimento foi se tornando mais consistente e, nos anos seguintes, um grande número de novos clubes apareceu.

Club Athletico Mineiro

Em 25 de março de 1908, um grupo de jovens, em sua maioria, filhos de médicos, advogados e altos funcionários públicos de tradicionais famílias mineiras, fundaram, em reunião no parque municipal, o *Athletico Mineiro Futebol Club*. Em 25 de março de 1913, dia em que se comemorava o quinto aniversário do clube, uma assembleia geral foi convocada e o time ganhou um novo nome: *Club Athletico Mineiro*. Seu primeiro estádio foi construído em terreno cedido pela prefeitura na Av. Paraopeba (atual Av. Augusto de Lima) (ZILLER, 1997; COUTO, 2003).

Yale Athletic Club

Em agosto de 1910, apareceu o *Yale* que se anunciava numa concepção esportiva mais abrangente. Seu intento não era só incrementar o futebol, mas também as diversões na cidade. O *Yale* passaria a ser um agente promotor e difusor do esporte na cidade, organizando festivais esportivos com o intuito de promoção social e convívio público (RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007; SOUZA NETO, 2010). Sua conquista mais importante no futebol seria o vice-campeonato mineiro de 1919.

America Foot-ball Club

O América nasceu a 30 de abril de 1912, ao estilo do Clube Atlético Mineiro. Surgiu numa reunião nas imediações da Praça da Liberdade, pela vontade de garotos praticantes de futebol no parque municipal, que não passavam de 13 anos de idade, filhos da mais *distinta* elite da cidade, mas nem por isso o clube deixou de passar por

dificuldades. Seu grande feito histórico foi o domínio absoluto de conquistas no Campeonato local de 1916 a 1925 (COUTO, 2003; RODRIGUES, 2006).

1.3.1- As primeiras competições oficiais e a recepção da população

Em 1914, frisam Rodrigues (2006); Ribeiro (2012) e Souza Neto (2010), foi disputado, no Prado Mineiro, o primeiro torneio da segunda fase do futebol na cidade: Taça Bueno Brandão. Participaram os primeiros *teams* do *Athletico*, *Yale* e *America*, sagrando-se campeão o *Athletico*. Esse torneio foi um marco impulsionador de uma Liga de Futebol na cidade e nele já foi possível observar um comportamento mais acirrado da torcida com a assistência nutrindo uma admiração e preferência por um dos clubes. No ano seguinte, deu-se início o primeiro campeonato oficial da cidade, embrião do atual Campeonato Mineiro.

A aceitação do futebol como esporte preferido, em detrimento de outros, se notou na interferência deste na dinâmica da cidade. A fundação de equipes e organização de torneios expôs a predileção da população pelo futebol, notada na numerosa assistência aos jogos e identificação com as equipes. A tradicional sociedade mineira ia se rendendo ao futebol (MOURA, 2010).

Se inicialmente o futebol teve formato aristocrático, restrito à elite da cidade, logo se veria assimilado pela gente menos abastada e levantaria interesses variados pelas cercanias da cidade, pois era visto como uma forma de galgar posições de privilégio na sociedade (SEVCENKO, 1998).

De início, apropriado pela burguesia, o esporte serviu como uma atividade de distinção e progressão social revestido de valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do *aportsmanship* (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade). Em Belo Horizonte, não fora diferente. Atividades esportivas – mais destacadamente o futebol – não demoraram a fazer parte da vida da cidade. A escalada da popularização do esporte culminaria com o *boom* desportivo dos anos 1920, fenômeno, tanto qualitativo, quanto quantitativo, observado em várias partes do mundo moderno e capitalista do pós-Primeira Grande Guerra Mundial (RODRIGUES, 2006; SEVCENKO, 1998).

Silva (2012) lembra que os sinais de popularização do futebol na cidade de Belo Horizonte começaram a surgir no início da década de 1910, tornando-se cada vez mais

fortes. O jovem Pedro Nava estudou no inglês Colégio Anglo-Mineiro nos dois anos de existência do mesmo – 1914/15. Este educandário se popularizava entre os meninos de Belo Horizonte por ter em seu currículo a cátedra e o professor titular de futebol, “colégio sem latim, nenhum catecismo e excesso de esportes. Era futebol demais” (NAVA, 1974, p.118). Era corpo demais! Nava descreve na prática a influência dos ingleses no futebol mineiro, os estrangeiros do Anglo “fizeram sentir o seu jeito na técnica, nas regras, no espírito esportivo, na ‘gentlemanhood’, no treinamento, na seleção do material e até nos uniformes dos jogadores” (NAVA, 1974, p.135).

O crescimento do interesse do público levou a um aumento da atenção jornalística pelo esporte com a publicação constante de matérias, o surgimento de colunas fixas nos grandes jornais e, até mesmo, de periódicos especializados.

Società Sportiva Palestra Italia

Um evento que simboliza a expansão e efervescência do futebol na Belo Horizonte dos anos 1920 foi a fundação da *Società Sportiva Palestra Italia*. Pelo desejo da colônia de imigrantes italianos houve um movimento diferente dos acontecidos, por exemplo, com os tradicionais Atlético Mineiro e América, pois estes tiveram perfis marcadamente nacionais. Era desejo dos itálicos e seus descendentes, em sua maioria comerciantes, artesãos, trabalhadores da construção civil, operários e alguns empresários e industriais, o pertencimento a um clube essencialmente italiano. No dia 02 de janeiro de 1921, inspirados no estatuto do Palestra Italia paulistano de 1914, fundaram a *Società Sportiva Palestra Italia*. Se de início seus fundadores, na média, não tinham nível socioeconômico elevado, logo se constituiu numa equipe competitiva (COUTO, 2003; RIBEIRO, 2007; SILVA, 2012).

O jornal *Araldo Italiano*²², de 1923, voltado para a colônia e escrito em italiano, deu ampla cobertura às ações do clube exclusivamente seu. *A fiorente Società Sportiva Palestra Italia* crescia dia após dia graças à boa vontade dos seus mais de 300 sócios, dizia o jornal. Seu progresso imponente foi percebido em apenas dois anos e meio de existência e todo italiano queria saber quão grandiosa era a sua agremiação, crescendo ao exemplo do Palestra Itália de São Paulo.

²² Araldo Italiano. Terça-feira, 31 de julho de 1923, p.2.

“Società Sportiva Palestra Italia” – Questa fiorente società sportiva, della quale é presidente l’egregio giovane, sr. Alberto Noce, progredisce giorno per giorno, data la straordinaria buona volontà della direzione tutta e dato l’entusiasmo dei suoi 300 soci. Se volessimo passare in rivista il progresso fatto in questi due anni e mezzo d’esistenza, vedremmo ancora uma volta che in tutte le cose quando l’italiano vuole as esser grande. Fondata Il 2 gennaio 1921, come conseguenza del sucesso ottenuto dalla omonima di San Paulo, che riuisci campione de S. Paolo del 1920; ottenne súbito dalla colônia italiana quell’appoggio morale e materiale che erano necessari al suo rapido sviluppo.

Na Belo Horizonte da década de 1920 e 1930, o futebol já se apresentava como o divertimento mais popular da cidade, o campeonato de futebol local – Campeonato da Cidade – chamava a atenção pela quantidade de interessados e clubes envolvidos ainda amadores.

No imaginário da cidade já habitava solenemente o futebol. E a imprensa, sabedora e espelho dos costumes de um povo, situava-se sabiamente nesse cenário. Mais intensamente a partir da década de 1920, Moura (2010) diz que a imprensa começou a assumir seu papel de promotora dos jogos e de formadora de opinião, a assistência consumia o esporte das mais diferentes formas e divertia-se com o futebol. “Aos poucos o ambiente refinado dos primeiros anos vinha sendo substituído por um clima de competição e revanchismo nos anos 1920” (SILVA, 2012, p.71).

Enfim, o futebol, uma atividade concebida e organizada pelos ingleses, no Brasil, prontamente se postava como uma “[...] peste que infestava as cidades e que se alastrava pelos campos do Brasil”, como anunciara dramaticamente Mário de Andrade em sua obra prima *Macunaíma* (1928).

Ser originariamente aristocrático e, paulatinamente, popularizando-se, não poupava o futebol de críticos que não o viam como atividade civilizada. Coryntho da Fonseca²³ expôs toda sua contrariedade quanto aos acontecimentos inseparáveis de uma partida de futebol. Não parecia crível para ele, precisar-se de aparatos policiais repressivos para “[...] desatar sururus ou para garantir os ‘referees’”. Da assistência silvícola notada por Fonseca já não se podia “[...] apurar seleções esmiuçadoras e nem dos proprios desportistas que tinham a obrigação funccional do bom exemplo de correção de maneiras”.

²³ Educador brasileiro dos anos 1920 no Rio de Janeiro, admirador dos métodos americanos de educação, foi defensor da pedagogia da politecnia. Autor de *A escola ativa e os trabalhos manuais*.

O FOOTBALL NÃO MERECE O TITULO DE DESPORTO – Não conheço, aqui, nem um caso de uma “court” de tennis ser invadida pela assistencia, impondo a introdução da cavallaria policial para desatar sururus ou para garantir os “referees” nem, ainda menos, para conter os próprios jogadores atacadados aos bofetões e ponta-pés.

Por maioria de razão não consta na história dos desportos aquaticos que, uma só vez que fosse, a pista tivesse sido invadida pelos “torcidas”...

[...] Não ha partida de football que não exija a comparencia de um policiamento reforçado. E não policiamento que se faça por motivos geraes de garantia da ordem em grandes agglomerações occasionaes.

Nos campos de football, em todos os dias de partida, o policiamento nunca é, platonicamente, preventivo. Tem de ser repressivo.

O “sururu” é do programma, não só entre o publico assistente, em que, de resto, não se podem apurar seleções esmieuçadoras, mas entre os proprios desportistas que tinham a obrigação funcional do bom exemplo de correção de maneiras.

[...] Mesmo que grandes e excepcionaes fosse (sic) as virtudes do football, para a educação physica, taes virtudes não acham compensação, nos seus lamentaveis effeitos de deformação moral, tanto da assistencia como dos jogadores.

[...] Um desporto que suggere pensamentos de morte, que provoca, na multidão, gritos de lynchamento, não pode ter, não merece ter o nome de desporto, de meio louvavel para o desenvolvimento physico da raça.²⁴

Outra previsão que se mostraria equivocada, considerando o futebol no Brasil, foi protagonizada pelo escritor Graciliano Ramos, em crônica de 1921²⁵. A nota *profética* narrava. O futebol “[...] vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente. [...] Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham certeza”. Porém, o futebol colou e não foi “[...] um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês”. Soares e Lovisolo (1997, p.17) afirmam que a profecia de Graciliano falhou e sintetizam: o futebol popularizou-se “[...] talvez por ser um dos poucos espaços sociais que nasceu para as elites e do qual as camadas populares se apropriaram rapidamente”.

Alguns intelectuais brasileiros trataram o futebol com parcimônia, por considerarem-no eurocêntrico ou demasiado violento, outros o defenderam ardentemente como parte da cultura nacional (LEVINE, 1982). Literatos *modernistas* como Olavo Bilac, Coelho Neto, Antônio de Alcântara Machado e Lima Barreto fizeram observações intelectualizadas da nova moda esportiva.

Coelho Neto ardoroso adepto tomou a defesa e a propaganda do esporte como reflexo de um novo estilo de vida. Bilac procurou explorar o aspecto

²⁴ Minas Geraes. Sábado, 04 de janeiro de 1930. Desportos, p.14.

²⁵ Crônica contida no jornal “O Índio” da cidade alagoana de Palmeiras dos Índios, em 1921. Republicada em O Estado de São Paulo, domingo, 17 de abril de 1994, Caderno D/Especial, p.2.

moral do “esporte bretão”. Alcântara Machado registrou o pitoresco das partidas, contando gostosamente como a torcida paulista reagia. Para Lima Barreto o futebol era mais um modismo importado, coisa degradante, algo antipatriótico (BERTOLLI FILHO e MEIHY, 1982, p.105).

A imprensa de Belo Horizonte mais apoiou do que detratou o futebol. A partir dela, pode-se observar que consumir o futebol diariamente passou a fazer parte da vida da cidade, a expectativa para o embate, as escalações, as previsões, as brigas entre jogadores e entre a assistência, o relato das jogadas principais, os ídolos, as críticas, habitaram as reportagens dos periódicos em suas seções esportivas.

1.4- A cidade vive e espera o futebol: *Jairo vai jogar domingo que vem?*²⁶

Esperar por um jogo de futebol merecia destaque da imprensa e, se não houvesse jogo no final de semana, a imprensa notava. O período sem partidas na cidade assustou o *O Estado de Minas* de 4 janeiro de 1930, trazendo a preferência da população pelo futebol e o choque com o fato de não ter havido jogo no final de 1929.

O ano de 1929 acabou sem uma partida sensacional de foot-ball. E Belo Horizonte inteirinha – que não esconde a sua preferência escandalosa pelo Sport – ficou triste com essa falha. A gente só via o pessoal queixando-se pelas ruas: o que é que eu vou fazer para encher esse domingo? Passear no parque? Tem muita poeira. Ir à matinée? Morre-se abafado lá dentro. E ninguém acha o que fazer.²⁷

Agitação popular e ansiedade estavam expressos em trechos da crônica esportiva do *Minas Geraes*²⁸ de 1930. Notamos, num Palestra e Atlético, a euforia trazida pelo domingo de futebol regada à insônia, indignação com a lotação dos carros e das arquibancadas. A raiva cessava com a chegada da hora solene do jogo, “[...] poderosa, destruindo todas as atenções dispersas. Fazendo esquecer as contrariedades da vida”.

Anjo da meia noite. Tinha sido o sonho de uma décroly. Mas no auto-omnibus, em que se fazia barulho, não era possível ouvir a historia inteira. E porque o carro se estivesse enchendo demais, a indignação dos passageiros abafou definitivamente a voz da professora de gorro vermelho. O pessoal gritava contra o excesso de lotação e a falta de conforto.

²⁶ Minas Geraes. Quarta-feira, 17 de maio de 1930. Sociaes, p.8.

²⁷ O Estado de Minas. Sábado, 4 de janeiro de 1930. Sports, p. 5.

²⁸ Minas Geraes. Segunda e Terça-feira, 02 e 03 de junho de 1930. Desportos, p.11.

[...] Quasi que não havia missa das dez. O povo tinha pressa de ver si o Athletico, naquelle dia bellissimo de ante-hontem, conseguiria desfazer a influencia da sua falta de sorte tradicional. Os retardatarios sahiram da igreja ás onze horas e correram para o campo.

As archibancadas já estavam cheias. Cedo ainda, havíamos assistido os preparativos da commissão de Finanças do Athletico, dirigida por Fabio Brant. O thesoureiro escalava os auxiliares, distribuindo malas, que em poucos instantes se encheram assombrosamente com os cobres daquela torcida apressada.

Vinte mil pessoas. Ninguem contou. Mas toda a gente calculava assim. E o proprio Mario de Castro, que é espírito observador, tambem affirmava:

- Eu previa esta assistencia. Eu sabia que hoje isto ia ficar assim.

Alda e Natividade, sem tempo de almoçar, comiam biscoitos, com uma naturalidade que já estava chamando a atenção de todos. Benedicto, da Imprensa Official, estava firme no meio de umas athleticanas bonitas, que elle descobriu e conquistou no Barro Preto. Já não havia logares. Tudo apertado. Por isto, houve indignação quando uma mulher enorme, typo Studebacker, foi pedindo licença e derrubando gente no caminho.

A hora do jogo veiu, poderosa, destruindo todas as atenções dispersas. Fazendo esquecer as contrariedades da vida.²⁹

Os dias de jogos de futebol, normalmente aos domingos, não eram dias quaisquer, a cidade se agitava. A dinâmica seguia rituais comandados pela bola, tal inquietação se notava nos dias e horas anteriores aos jogos de maior apelo, como num América e Palestra de 1930 descrito noutra crônica esportiva do *Minas Geraes*³⁰, onde se viu um estádio lotado, a família mineira presente, o torcedor descontrolado, ansioso pelo início, *o football precipitando a vida* dos fãs do esporte bretão.

O pardal estava dando balanço nas pennas. Aproveitando o sol e a archibancada, ainda com pouca gente. Distendia a aza. Depois, fazia pequenos reparos com o bico. Estava já verificando as pennas da cauda quando uma menina bonita do Palestra o espantou.

A archibancada começou então a encher-se. As senhoras foram chegando apressadamente.

- Eu fui á missa das dez. depois, perdi um bonde. Quase não almocei. Estava sem vontade. Vocês acham que o Palestra vae bater?

Domingos de Bello Horizonte... Não! Domingos de campeonato. Os melhores dias do anno. A gente vivendo depressa. Gritando. Horas de ansiedade, de soffrimento, de alegria... Ambições fracassadas em um minuto. Victorias imprevistas. Vinganças. Os olhos em cima do campo. A multidão descontrolada. O football precipitando a vida. Insultos e provocações. O tempo fechando. O barulho maior. A população sportiva de Bello Horizonte.

A seção *Notas Sociais* do jornal oficial *Minas Geraes* trouxe em seu expediente do início dos anos 1930, por meio de crônicas, o que se passava pela cidade, suas

²⁹ Minas Geraes. Segunda e Terça-feira, 02 e 03 de junho de 1930. Desportos, p.11.

³⁰ Minas Geraes. Segunda e Terça-feira, 16 e 17 de junho de 1930. Desportos, p.13.

nuanças, suas prosas, seus comportamentos. Apresentou o cotidiano belo-horizontino, enfatizando a beleza da cidade; o movimento do cinema e do *footing* como maiores distrações dessa gente. Constou ainda, o hábito da leitura de notícias nas “folhas contadeiras”, a carruagem *táxi* e o plebeu bonde, os sonhos de ganhar na loteria ou de “vitórias no amor ou no ludopédio”, a rotina do trabalho e o cortejo a senhorinhas. E resumindo a vida dali, proferia. “[...] Nesta pauta, bailando uma vez cada ano e indo aos cinematógrafos toda santa noite – labutando e digerindo nos intervalos – caminha essa gente do berço para a sepultura como o chamado astro-rei descreve a sua trajetória de leste para oeste”.

As crônicas do *Minas Geraes* dessa época são assinadas por Antônio Crispim, pseudônimo do poeta Carlos Drummond de Andrade, à época diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

Bom Viver

Si o meu amigo Abílio Barreto consentisse, eu acrescentaria algumas páginas à sua “Memória Histórica de Bello Horizonte”. Estas:

... A esse logar chamam de Bello Horizonte pela formosura e largueza de seus horizontes, que, entre lobo e cão, se cobrem da vária tinta, e matizada; o que porém, não é apreciado pelos nativos, os quaes, a ess' hora, se vão em busca dos divertimentos frívolos vulgarmente cognominados de cinematographos e “footing”. Constituem taes práticas a mór distracção dessa gente, de seu natural mui recatada e pacífica; por forma que não há pelo arraial e nem se permitem outros modos e ardis de matar o tempo.

Nos cinematographos e passeios ao longo das montras e bazares, dissipam os da villa as horas que medeiam entre jantar e cama; e em chegando o comboio da metrópole, com as folhas contadeiras dos últimos feitos e notícias, toda a grey se encaminha de novo para os seus penates, valendo-se, para isso, da carruagem chamada “táxi”, ou doutra, mais plebéa, que acode pelo nome de bonde.

Dormem os moradores de dez horas da noite à sete da manhã; e o sonho delles, si não mente a sciencia das almas, aprendida no trato e comércio diário do animal humano, é povoado de amenas visões, quais sejam: prêmios da Fortuna, victorias no amor ou no ludopedio e quejandos.

Em raiando a aurora, todos se aprestam para a lida quotidiana, tendo a maioria o cuidado prévio de se purificar com banho geral ou particular; e após essa operação, se nutrem e cobram forças sorvendo a bebida própria de tal clima e povo, o chamado café; não sem haverem passado os olhos sobre as gazetas da terra, e entre elas a que estampa os escritos de certo Antônio Crispim. Alimentados, dest' arte, espírito e corpo, se vão em pós de suas ocupações, se homens; e se do contrário sexo, logo se aporfiam na tarefa de estragar planos com um bater sem conta e proveito; o que tudo vae até a hora da primeira grande collação, o almoço; e recomeça depois da dita collação, para no sol seguinte recomeçar outra vez, e assim por deante.

De trezentos em trezentos soes, mais ou menos, soffre semelhante norma de vida grave alteração, que põe de catrambias os preconceitos e usanças estabelecidas dês que homem é homem: os estudantes, querendo apparentar gênio folgazão e offerecer aos demais habitantes egual ensanchar, lançam aos quatro ventos a nova de um sarau. Por todos os logares públicos, de nenhuma outra coisa ou successo se boqueja: os dias são contados, que nem horas, à medida que se avizinha o apregoadado festim. Consistente é esse brinco na reunião de mancebos e donzelas, ostentando os seus mais ricos trajes e escarpins, em salões adrede preparados com myriades de luzinhas do mais variegado tom. Engenhos de sopro e de corda, estes derradeiros em menos cópia, alegram a partida, que toda ella é passada em dansas de moderna feição. Antes da arraiada se dispersa a grata companhia, mui convencida das excellencias da festa. A qual a festa passa a figurar no rol dos celebrados eventos da villa, dando azo a referencias neste teor: “Fulano recebeu a Fulana como esposa dois dias antes do baile da Casa dos Doutores”, ou “Cahí enfermo tres semanas após o baile dos esculapios”.

Nesta pauta, bailando uma vez cada anno e indo aos cinematographos toda santa noite – labutando e digerindo nos intervallos – caminha essa gente do berço para a sepultura como o chamado astro-rei descreve a sua trajetoria de leste para oeste. – Antonio Crispim.³¹

Antônio Crispim, no *Minas Geraes* de 17/05/30, descreve o anoitecer da cidade e suas atividades pós-jantar. Na crônica, a Capital de linhas retas já aposentou os funcionários advindos da antiga Ouro Preto, pela idade. O *footing* e o cinema são umas das opções da mocidade; a música nos bares ao som do maxixe embalava a juventude. O futebol é pauta de discussão, “Os problemas do “football” e os problemas acadêmicos: ‘Jairo vai jogar domingo que vem?’”. A cidade prossegue vigiada pelos namorados casadoiros da praça e custosamente vai ficando pra trás, reclamante e negligenciada – “Nesses morros, os bairros modestos se alastram laboriosamente, reclamando água, luz, bondes, telefones e lojas de sírios”.

Vamos ver a cidade

A tarde murchou para os lados do Calafate. A escuridão emenda as escarpas da Serra do Curral com o céu onde começam a scintillar as estrelas do poeta Ademar Tavares. Da Serra até a antiga Praça do Mercado, duas feiras de luzes compõem uma “feerie” geometrica. A cidade acabou de jantar.

Na rua Piauhy ha cadeiras de palhinha pelas calçadas. “Como eu estava dizendo hontem...” começa o chefe de secção em actividade para o chefe de secção aposentado, este último também republicano historico. É uma conversa que veio de Ouro Preto com a Capital, e ainda não terminou. Enquanto isso, as moças fazem o *footing* na Avenida Parauna, cujo asfalto brilha como um sapato novo.

O bonde conduz os frequentadores de cinema, que aproveitam a viagem para discutir as vantagens e desvantagens do film sonoro. Nunca se chega a um

³¹ Minas Geraes. Terça-feira, 16 de maio de 1930. *Sociaes*, p.9.

acordo, a não ser quanto à possibilidade de se entender o inglês que não se aprendeu. “Norma Shearer tem uma voz horrível”, commenta um rapaz bem informado: e a discussão recomeça infructifera.

Gente nos cafés da Avenida Affonso Penna. Pedacos de maxixe saltam das victrolas e a garganta de Hackel Tavares ou de Gastão Formenti conta que o vento “espaçou sua paioça”. O rapaz louro e de nariz grande perdeu a conta dos chopps e mandou recomeçar em benefício da estatística. Musica da xicara sobre o marmore, abafando o chiar dos discos. Os problemas do “football” e os problemas académicos: “Jairo vae jogar domingo que vem?” “A eleição de Fulano para 3º orador do Centro é uma immoralidade”.

Já andamos muito e estamos cansados. A cidade ficou lá adeante, com seus ruidos e fogos. Nesses morros, os bairros modestos se alastram laboriosamente, reclamando agua, luz, bondes, telefones e lojas de sírios. Só o namorado, o eterno namorado de todas as ruas, acusa a sua presença eterna e múltipla. Entre o passeio e a janella circulam pedidos, perguntas, queixas e confissões: “Você é uma fingida, diz que gosta de mim mas não gosta”. “E você é muito ordinário, andou namorando a Cotinha no baile do Fluminense”. Elle ia responder à essa calúmnia, mas olha para o céu em que ha uma lua tão bonita, dá um suspiro e entrega para a lua. Nisso vem vindo homem do amendoim torrado e elle com um nickel recupera a felicidade. Os dois estão mastigando, sob o luar. - Antonio Crispim³²

No Brasil do início do século XX, segundo Sevckenko (1998) desencadeou-se, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, uma febre esportiva motivada pelas supostas benesses física e morais advindas dela. Obviamente, o futebol nessa época já se postava como atividade mais praticada e admirada pela população, inicialmente pela aristocracia e reinventada pelas classes menos favorecidas. Guterman (2009, p.50) sustenta a premissa de que a “[...] a ruptura do futebol, de esporte de elite para esporte de massa, de esporte amador para esporte profissional, se daria mais concretamente nos anos 1920, quando a Primeira República já dava sinais de desgaste em razão de seu desprezo atávico por tudo o que cheirasse a povo”.

Corroborado por Pereira (2000, p.109) como jogo irrestrito socialmente, o futebol seria distinguido como *poderoso evento de massas*.

Construído a princípio por seus próprios praticantes como símbolo de uma identidade restrita, o jogo transformava-se em um poderoso evento de massas – em um processo que pode nos ajudar a entender o movimento que acabaria por fazer do futebol um meio de identificação entre amplas parcelas da sociedade.

Já não se podia desprezar o poderio social, político e econômico que uma partida de futebol representava. Dos anos 1920 em diante, o cenário do futebol em Minas

³² Minas Geraes. Quarta-feira, 17 de maio de 1930. Sociaes, p.8.

Gerais, no Brasil e no Mundo já tinha organização concreta. Já havia sido introduzido oficialmente nas Olimpíadas de Londres de 1908 e, em 1930, seu primeiro campeonato mundial, organizado pela FIFA³³, aconteceu no Uruguai. As competições de futebol continuam sendo, até os dias atuais, um dos maiores eventos de massa do planeta.

Com o desenvolvimento expressivo do futebol, o interesse da imprensa esportiva foi evidente, tanto que, em 1919 foi criada a *Associação Mineira de Chronistas Sportivos* (AMCS), órgão que seria reconhecido pela *Liga Mineira de Sports Athleticos*³⁴ no mesmo ano (RODRIGUES, 2006).

A AMCS foi uma promotora de eventos esportivos, segundo seu estatuto, tinha por fim “cooperar para a difusão e engrandecimento do desporto, estimular a sua prática por todos os meios ao seu alcance” (RIBEIRO, 2007, p.94), sendo o futebol o seu preferido. Ela não se furtava em anunciar e promover os *seus* torneios no Prado Mineiro, como o Torneio da Imprensa de abril de 1920, no *Diário de Minas*:

Os apreciadores do popular sport bretão vão ter hoje, com o Torneio de foot-ball, promovido em homenagem à imprensa, pela Associação Mineira dos Chronistas Desportivos, um dos seus melhores dias. O Torneio da Imprensa, a realizar-se hoje no Prado Mineiro, vae de facto marcar época nos annaes da nossa vida sportiva. Leva-nos a affirmar o enthusiasmo pouco commum que se vêem notando nas rodas de sport da capital.³⁵

No dia 17 de abril de 1921, aconteceu, no Prado Mineiro, um torneio que recebeu o nome de *Taça A.M.C.D*, denotando o prestígio da entidade e o valor a ela abonado. Em jogo preliminar do torneio bater-se-iam os clubes que futuramente protagonizariam o maior clássico do futebol de Belo Horizonte: *Athletico X Palestra*.

O torneio em questão foi anunciado pelos jornais *Minas Geraes* e *Diário de Minas*. Contudo, a ênfase dada pelo último, para o jogo *Athletico X Palestra* foi

³³ Fifa – Fédération Internationale de Football Association – fundada em 1904.

³⁴ Em 1915, contando com a parceria dos poderes públicos foi fundada a Liga Mineira de Esportes Atlético e realizado o primeiro campeonato oficial da cidade (COUTO, 2003). A revista *Vida de Minas* do dia 15 de fevereiro de 1915 anuncia a criação da *Liga Mineira de Sports Athleticos*, grande passo na institucionalização do esporte que assumia cada vez mais a sua característica moderna. O *Campeonato de Foot-ball* teria início no mês de abril daquele ano.

³⁵ Diário de Minas. Domingo, 4 de abril de 1920, seção Chronica Sportiva, p.2.

surpreendente, visto que era um jogo inédito; “[...] em verdade, de despertar curiosidade e interesse”, além disso, o Palestra Itália, diria o jornal, “já manifestou a sua força e pretende trilhar em Minas a mesma róta do valoroso campeão da Paulicéa”.

Notas do *Minas Geraes*.

A Associação Mineira de Chronistas tem trabalhado ativamente em favor dos próximos jogos America X Luzitano e Athletico X Palestra, promovidos nesta Capital pela mesma sociedade, em disputa de um artístico bronze e de uma rica medalha.³⁶

Realiza-se hoje, conforme o noticiado, o esperado encontro America X Luzitano em disputa da rica “Taça A.M.C.D.”
Em jogo preliminar, bater-se-ão os quadros do Athletico e Palestina, sendo oferecido ao vencedor uma rica medalha de ouro. Haverá bondes extraordinários para o Prado.³⁷

Notas do *Diário de Minas*.

O grande festival de hoje. A Associação Mineira do Chronistas Desportivos, consoante tem sido noticiado, inicia, com o festival de hoje, a serie dos que pretende realizar em nosso meio, para dar, segundo o seu programma, uns rebates de vibração na vida sportiva horizontina.

Os jogos que se vão ferir hoje prometem esse entusiasmo e hão de levar às archibancadas do Prado Mineiro uma assistencia respeitavel, desejosa de verificar o resultado das duas pugnas.

Si de uma, a principal da tarde, mais ou menos se antevê o final (o que entretanto não se pode garantir), quanto à outra – a partida Athletico X Palestra – a questão é, em verdade, de despertar curiosidade e interesse.

Club novissimo mas que vem surgindo com todos os requisitos para conquistar os melhores louros, a sociedade Sportiva Palestra Italia já manifestou a sua força e pretende trilhar em Minas a mesma róta do valoroso campeão da Paulicéa.

Com respeito ao Athletico não é preciso dizer sinão que a sua tradição e as glórias que lhe cobrem o pavilhão exigem, sempre da sua parte, esforço e vontade firme.

E heis aí por que sempre nos está picando a curiosidade de saber qual o vencedor dessa pugna. Por este e outros motivos não há como negar que o Prado hoje desperta interesse.³⁸

Alcançou o mais completo sucesso o festival promovido pela Associação Mineira de Chronistas Desportivos anteontem realizado no Prado Mineiro.

As vastas archibancadas encheram-se de apreciadores do popular sport bretão, e não era menos a concorrência nas geraes, dando-nos a impressão agradável de que se vae iniciando magnificamente a temporada sportiva de

³⁶ Minas Geraes. Quinta-feira, 14 de abril de 1921, seção Sports, p.6.

³⁷ Minas Geraes. Sábado, 11 de novembro de 1922, seção Desportos, p.6.

³⁸ Diário de Minas. Domingo, 17 de abril de 1921. Vida *Sportiva*, p.2.

1922. A Associação de Chronistas deu, assim, oportunidade a uns momentos de entusiasmo em nossa vida sportiva.³⁹

No ano seguinte, a AMCS voltaria a organizar no Prado Mineiro outro torneio, marcando o encerramento da temporada desportiva de 1922. Athletico e Palestra, mais uma vez, fariam o jogo preliminar disputando a *Taça Concordia*. A principal contenda, *Taça Dr. Jair Mendes*, seria disputada pelas extintas agremiações do Lusitano e Yale.

TORNEIO DA IMPRENSA. – Está definitivamente organizado o brilhante festival com que a Associação Mineira de Chronistas Desportivos encerrará a temporada desportiva deste anno, amanhã, no campo do Prado Mineiro. [...] Às 14 horas medirão forças as esquadras do Palestra e Athletico, para conquista da “Taça Concordia”⁴⁰

TORNEIO DA IMPRENSA. – [...] Jogo principal Lusitano X Yale ... Nos outros jogos, o 2º quadro do Lusitano venceu o primeiro do Hellenico, conquistando a taça “dr. Jair Mendes”, e o Athletico e o Palestra empataram por 2 X 2.⁴¹

Consequentemente à ação da AMCS de badalar o futebol, também se promoviam as equipes e seus jogadores. O cidadão que ia ao jogo fazia parte de uma estrutura peculiar: a expectativa para o jogo, o deslocamento para o Prado, as relações sociais no campo, a afinidade por uma agremiação e/ou jogador envolviam os sujeitos participantes de significados e sentimentos próprios do palco do futebol. A simples ação de assistir ao jogo dava lugar ao pertencimento, ao torcer por um dos lados.

Demonstrando a devida importância, ao final das notas esportivas dos jornais, eram comuns avisos referentes ao funcionamento dos bondes. No dia dos jogos, circulavam em quantidade extraordinária para o Prado Mineiro. O bonde, provavelmente, foi um dos transportes que mais influenciaram a rotatividade da assistência nos jogos. Pelo fato de serem de fácil acesso, foi utilizado indistintamente pelas classes sociais e, talvez, tenha contribuído para o processo de popularização do futebol por onde funcionou. “[...] Em Bello Horizonte, como em todas as cidades civilizadas, mais de 95% de seus habitantes, usam os meios electros de transportes

³⁹ Diário de Minas. Terça-feira, 19 de abril de 1921. Vida Sportiva, p.2.

⁴⁰ Minas Geraes. Quarta-feira, 15 de novembro de 1922. Desportos, p.07.

⁴¹ Minas Geraes. Quinta-feira, 14 de abril de 1921. Sports, p.07.

urbanos, porque são baratos, limpos, seguros e aprazíveis”, o bonde “[...] abriga e conduz todas as classes sociais”⁴².

Na edição do *Estado de Minas*⁴³, de 1º de março de 1931, após anunciar, com grande entusiasmo, a partida *entre o tri-campeão da cidade e o Club Athletico Mineiro* para a tarde do mesmo dia no campo do Palestra, divulgou, também, a frequência e local de partida dos bondes (FIG.2) que atenderiam aos torcedores que seguiriam para o prélio válido pelo Campeonato Mineiro.



FIGURA 2: Anúncio do bonde para o jogo Atlético X Palestra.
Fonte: Estado de Minas. Domingo, 1º de março de 1931, p.6.

Na Belo Horizonte do começo, Pedro Nava (1974, p.111), discorrendo pela memória de seus *mortos*, familiares e amigos, descreve o crescimento da cidade que “[...] precisou outra condução além dos cavalos de que todos se serviam. Da gente do povo aos professores de Direito que vinham dar aulas na Faculdade – de chapéu coco, fraque, colarinho alto e botas. Estas eram indispensáveis, até para os pedestres, como único meio de vencer a poeira vermelha que tingia tudo na cidade nascida sobre o solo de ferro”. Era o bonde, após inúmeros testes, inaugurado em 1906.

No Brasil, relatam Costa e Schwarcz (2007), o bonde alterou costumes locais. Ao invés de ficarem paradas nas janelas das casas observando o movimento das ruas, as pessoas passaram a utilizá-los não só como meio de transportes, mas como um promotor de sociabilidades. Era possível sair de casa observando diversas paisagens nas

⁴² Estado de Minas. Terça-feira, 30 de abril de 1935. *Propaganda da Companhia de Força e Luz de Minas Geraes para o uso do Bonde pela população*, p.7.

⁴³ Estado de Minas. Domingo, 1º de março de 1931, p.6.

janelas dos bondes, mesmo que superlotados, atrasados ou propensos a acidentes. Seria o preço da modernidade.

Na Belo Horizonte dos anos 1920, Moura (2010, p.34) expõe a existência de uma rotina que tinha como mote o futebol sem distinção social.

“[...] as pessoas, nos dias de jogos dos seus times, construía[m] ou ressignificavam os costumes, os limites e as convenções sociais. Assim, os habitantes da cidade inventavam novas formas de ocupação da mesma, de relacionamentos com os outros e de usufruírem dos espaços públicos. Uma “dose” de permissividade também podia ser evidenciada nos momentos de comemoração dos torcedores. Coisas que as pessoas não fariam no dia-dia passaram a ser possíveis nos arredores dos campos de futebol e nas horas de celebração das vitórias”.

Quem melhor se ocuparia do futebol do que as crianças? As ruas e lotes vagos seriam locais aproveitados e desfrutados, a brincadeira os fazia frequentar as páginas policiais da época. Quando os soldados, mantenedores da ordem social, perseguiram e prendiam o *couro*, era o péssimo momento em que provocavam “[...] grande indignação em todos os garotos – players”⁴⁴ (FIG.3).



FIGURA 3: Anúncio da prisão de uma bola de futebol.

Fonte: O Estado de Minas. Quinta-feira, 11 de agosto de 1928. No Mundo dos Sports, p.1.

A seção *Vida Sportiva* do *Diario de Minas* de 1921 alertou para o fato de se ficar sem o futebol por um longo tempo na cidade: *É preciso não parar...* o período posterior à temporada do futebol não podia tirar da torcida os momentos de prazer que o movimento esportivo proporcionava a Belo Horizonte. Os dirigentes deveriam diminuir “[...] as férias sportivas com um ou outro encontro de interesse. [...] para se não perder o costume... de ir ao Prado”.

⁴⁴ O Estado de Minas. Quinta-feira, 11 de agosto de 1928. No Mundo dos Sports, p.1.

É preciso não parar...

Observa-se frequentemente em Belo Horizonte, em nosso movimento sportivo, o seguinte: algum entusiasmo, algumas festas, durante o campeonato. É terminar este, e logo o nosso mundo sportivo cáe num desanimo, num indifferentismo nunca visto. Já estamos prevendo para agora uma época assim. Ainda falta um jogo para a decisão definitiva da temporada anual, e a impressão que tem é de que acabou o foot-ball em Belo Horizonte! Ora, isso é justamente o que não deve acontecer. Os dirigentes do desporto, na liga e nos clubs, proporcionarão horas de prazer á nossa torcida si conseguirem amenisar as indolentes ferias sportivas com um ou outro encontro de interesse. Quando se não tratasse de uma necessidade evidente para o incremento sportivo do nosso meio, ao menos seria para se não perder o costume... de ir ao Prado, já tão perdido nestes tempos.⁴⁵

Um articulista da seção *Esportes* do *Minas Geraes* registrou a vida socioesportiva do início da década de 1930 alertando para a impossível separação de homem contemporâneo do esporte, independentemente da classe. *Mormente no Brasil...* numa assistência de futebol é que se extravasa as amarras sociais impostas “[...] e se apresentam como realmente são”. Motivo da “grande assistencia que os campos de football apanham”. Esta crônica ultrapassava o simples entendimento do futebol como uma simples prática esportiva sem sentido, ela o alçava a um jogo capaz de promover consciência ao homem contemporâneo diante das mazelas sociais da época.

O homem moderno é o menos livre de todos os mortais. Quanto mais se instrue e civiliza, tanto mais estreita lhe é a esteira do convencionalismo que domina a sociedade e sobre a qual esta lhe obriga a ação. A complexidade desconcertante de sua vida, com a qual o homem se debate quotidianamente, aqui vencendo-lhe as arestas, ali cedendo ao seu jugo, absorve-lhe todas as atenções e cuidados, determinando-lhe a atividade incessante e viva de todas as suas energias. Entretanto, há os homens que não lutam, que passam pela existência despreocupados, que, como disse certo escritor francês, Anatole, talvez, se acomodam tão displicentemente na vida como se sentassem em macia poltrona. Mas desses não é o homem atual, filho do século, com as suas vertigens e paralisias, assomos e retraimentos, ele deve ser uma excrescência do passado, esquecido à margem pelo tempo ou, o que também é aceitável, admitindo-se que a intromissão dos maquinismos na atividade, no futuro, nos prescindia da ação direta, um extemporâneo. Como quer que seja, o homem que objetivamos é o que diariamente a vida nos mostra, lutando sempre e sempre cada vez mais preso às leis que a sociedade lhe impõe. Não de dizer que esta secção é puramente esportiva e que nós hoje estamos fugindo à sua finalidade. Mas, com o intuito unicamente nos esportes é que começamos, daqui, a ver o homem contemporâneo. Porque se mantém tão íntima a ligação de ambos, que não se pode falar sobre um sem se lembrar do outro. Compreendendo assim, está justificado o domínio quase absoluto dos esportes sobre todas as classes. Mormente o football no Brasil, já não há quem não lhe seja um gratuito apologista e quem não procure um estádio para fazer vibrar um pouco as suas emoções. A sociedade exige tributos

⁴⁵ Diário de Minas. Terça-feira, 20 de dezembro de 1921. *Seção Vida Sportiva*, p.2.

pesadíssimos e cada um de nós tem dentro de si um menino travesso. É, pois, em uma partida de football que esse menino irá viver umas horas, enquanto desaparece o boneco que a sociedade modelou, porque o entusiasmo que agita uma assistência é o símbolo eloqüente da revolta contra as exigências sociais. É a prova do quanto o homem aspira a liberdade integral. Em um campo de football nós vemos, perdidos na vibração espontânea de heterogênea massa, o magistrado que antes decidira uma causa com a circunspeção a que a toga lhe obriga; o pensador que, no gabinete, é tão impenetrável quanto os problemas metafísicos; o financista que faz malabarismo com números para pôr em equação a atual crise econômica do mundo; o romancista que vê luar com o sol a pino para imprimir a uma página amorosa o sentimentalismo exigido pelos incorrigíveis românticos. E ao lado destes, o engraxate, o cambista, o empregado do comércio, o funcionário. E todos eles, “nobres e plebeus”, têm nos gestos, nos gritos, nas expansões, as expansões, os gestos e os gritos do garoto que trazem consigo. É no football, portanto, que os homens se libertam das peias sociais e se apresentam como realmente são. E, tendo o homem necessidade de ser o que é ao menos uma vez por ano, está provada a razão da grande assistência que os campos de football apanham (dizemos football porque ele é o nosso esporte favorito). G.⁴⁶

O homem, designado *nobres e plebeus* no texto da crônica anterior, é revelado sem liberdade – não a liberdade sonhada pelos escravos de outrora – mas a liberdade que a rotina da vida capitalista o tomou, absorvendo-lhe todas as atenções para a disciplina do trabalho e cada vez mais preso às leis que a sociedade lhe impunha. A liberdade integral só é percebida no campo de futebol, local onde *se apresentam como realmente são* e onde se faz liberar um pouco as suas emoções.

A *Folha do Dia*, expediente de 21 de abril de 1930, instruiu como deveria se proceder a assistência do futebol. Provavelmente, essa matéria foi motivada pelas confusões que o acontecimento esportivo já havia causado em outras ocasiões. Vaias e atitudes violentas eram causadas, segundo a reportagem, pela falta de conhecimento das regras e alterações do sistema nervoso.

As manifestações de desagrado, principalmente as vaias, são inteiramente contraproducentes: ou irritam ou tonteiam o juiz. Em ambas as hipóteses a observação e a visão se alteram, tornando sua actuação pior.

- Aplaudir ou incentivar, ou por qualquer forma prestigiar atitudes violentas ou indisciplinadas de amadores, é um grave mal para eles próprios. Quasi sempre, a influência da assistência, em casos tais, leva-os a excessos de que não seriam capazes e a consequência é que a punição a lhe ser imposta é muito maior do que a que realmente poderiam sofrer.

- O amador instigado pela assistência, para desenvolver o jogo bruto, irrita-se cada vez mais e joga cada vez menos, pois a perfeição técnica que assenta

⁴⁶ Minas Geraes. Sexta-feira, 11 de setembro de 1931. Esportes, p.11.

sempre ao equilíbrio psíquico, é incompatível com as alterações do sistema nervoso.

- Um assistente não deve entrar em campo, seja sobre que pretexto for, pois a sua presença, além de nada solucionar, só aumenta a confusão.

- Antes de condenardes a actuação do juiz, lede as regras do jogo, ainda mesmo supondo conhece-las, pois haveis de ver que, muitas vezes, o conhecimento que tendes é impreciso... ou a emoção do momento alterou-o.

- A marcação de uma penalidade (foul), visa sempre beneficiar um team contra o qual o adversário praticou uma infracção. Ora, se a marcação da penalidade prejudicar, em vez de favorecer, evidentemente o juiz não a deve marcar.

- Lede as regras do jogo e vede quantas injustiças haveis praticado por desconhecel-as!⁴⁷”

Como vemos, havia preocupação do jornal em conhecer e ensinar a torcida como se comportar diante do jogo. Era intenção dar um sentido de organização social para o esporte. O futebol já se portava como um dos divertimentos favoritos da população, sendo visto como um espetáculo e se constituindo, assim, como uma atividade de importância inegável no cotidiano da cidade de Belo Horizonte. Esta atividade proporcionou sentimentos antagônicos e inseparáveis como alegria e tristeza, sofrimento e prazer, e originou no público o sentimento do pertencimento, acompanhado das práticas de torcer e de vibrar pelo seu *time do coração*.

Analisando o texto e valendo-nos de Gomes (2011, p.19) notamos que a assistência ao jogo de futebol já evidenciava uma manifestação cultural constituinte do lazer, prática social vivenciada como desfrute e manifestação da cultura que cada vez mais se construía nas interações entre o local e o global. A manifestação dos gestos e dos gritos do garoto que cada adulto trazia durante o jogo detinha significados singulares que os sujeitos torcedores vivenciavam ludicamente no tempo/espaço social dos campos de futebol. Silva (2005, p.29) é enfático expondo que quando se escolhe um time, reconhece-se e se aceita seu patrimônio além de negar tudo aquilo que é diferente. Concordamos com o autor. “Nessa escolha, não entra a lógica do descartável, marca do mundo moderno”, e ainda, “manter-se fiel a um time pela vida toda é manter seu caráter, suas idiossincrasias, é ter um rosto definido”.

Escolher o Atlético Mineiro ou o Palestra Itália como time preferencial transformaria os seus encontros em momentos de destaque no futebol de Belo

⁴⁷ Folha do Dia. Segunda-feira, 21 de abril de 1930. Caderno Folha Esportiva, p. 10.

Horizonte. Por isso, as evidências de rivalidade os elevariam rapidamente à posição de maior *clássico* da cidade.

1.5- O torcedor e os primeiros sinais de rivalidade

*“Eu sei que futebol é assim mesmo,
um dia a gente ganha, outro dia a gente perde,
mas por que é que, quando a gente ganha,
ninguém se lembra de que futebol é assim mesmo?”⁴⁸*

Aos poucos a figura do torcedor foi tomando parte do cenário a partir da consolidação em andamento do futebol na cidade e das agremiações que a ela se dedicavam, uma quantidade considerável de pessoas parecia criar gosto por acompanhar, na figura de espectador, tanto os exercícios rotineiros, quanto as partidas interclubes (RIBEIRO, 2007). A família torcedora começava a fazer parte do movimento do futebol (FIG.4), como representado no desenho do jornal *O Foot-ball*⁴⁹ de setembro de 1917.



FIGURA 4: Família mineira torcedora rumo ao futebol no Prado.
Fonte: *O Foot-ball*. Sexta-feira, 21 de setembro de 1917, p.2.

⁴⁸ Fragmento da crônica intitulada *Parlamento da rua*, por Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil* 02/02/1974 (LORIO, 2006, p.58)

⁴⁹ *O Foot-ball*. Sexta-feira, 21 de setembro de 1917, p.2.

No torcedor, a presença de um comportamento quase ingênuo de provocar o outro (outro time, outra torcida, outro torcedor) constituía-se em um desdobramento da paixão e do pertencimento a uma agremiação. O outro só existiria à medida que existe o *meu time* (SOUZA NETO, 2010).

Silva (2001) e Morato (2003) são explícitos quando falam no torcer no futebol. Segundo esses autores, para se torcer é necessário criar vínculos, não é uma definição geneticamente estabelecida como muitos afirmam ao dizer que já nasceram torcendo por um clube. Torcer é uma construção cultural e baseia-se principalmente em nossas relações, em nossas experiências: desde meninos somos influenciados por familiares e amigos.

Provavelmente, em Belo Horizonte, a organização da *Liga Mineira de Sports Athleticos*, em 1915, um dos primeiros órgãos gerenciadores do futebol local, deu margem ao aparecimento de atitudes rivais entre agremiações, pois os atletas e até dirigentes teriam que ficar *ligados* a apenas um clube, o que não necessariamente ocorria. Arlei Damo (2002) narra que o aparelhamento e a profissionalização do futebol no Brasil (mesmo que ainda camuflada) insuflaram a competitividade e conseqüentemente o acirramento das rivalidades entre as equipes.

O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade, (o futebol) tornara-se uma atividade-fim, mas não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, e sim como um fim voltado à competitividade entre agremiações e, por extensão, ao acirramento das rivalidades sócio-econômicas, étnicas, locais e regionais (DAMO, 2002, p.41).

Kowalski (2001, p.57) nos esclarece o sentido da rivalidade dizendo que é preciso que haja o “rival”, pois “[...] sem um grande adversário não ocorre um grande jogo, nem a vitória se torna expressiva e válida”. E nas palavras de Ferreira e Kowalski (2009) fica o questionamento: qual será o motivo de tamanha rivalidade quando os times entram em campo: ideologias, cultura, conhecimento ou história?

Ter equipes rivais dividindo os vários espaços sociais de uma cidade é corriqueiro no Brasil, como se não fosse possível existir apenas uma agremiação principal num território comum a todos. É importante ter o rival, como considera Wisnik (2008, p.51).

A divisão da população de uma cidade em times rivais, claramente dualizada em algumas cidades, como acontece com Grêmio e Internacional em Porto Alegre, Atlético e Cruzeiro em Belo Horizonte, e Bahia e Vitória em Salvador, obedece, para além dos perfis sociológicos, a uma necessidade antropológica: a de se dividir em “clãs totêmicos” mesmo no mundo moderno, e disputar ritualmente, num mercado de trocas agonísticas, o primado lúdico-guerreiro, como se não fosse possível ao grupo social existir sem suscitar por dentro a existência do outro – *o rival cuja afirmação me nega me afirmando*.

A história da rivalidade futebolística em Belo Horizonte teve os seus primeiros sinais nos jogos de Atlético e América. Em 1921, porém, a cidade assistiria a chegada do Palestra como mais uma equipe competitiva, ao ponto de desafiar os dois mais antigos e esquentar as rivalidades no futebol da cidade. O que antes era uma dupla de protagonistas, com os italianos do Palestra, tornou-se um trio.

CAPÍTULO 2

2.1- Os antigos rivaes *Athletico e America* e a novel associação *S. S. Palestra Italia*

Mario Rodrigues Filho foi um dos ícones da crônica futebolística brasileira do século XX. Seus comentários eram claros e inspirados no linguajar do torcedor, a popularidade de sua obra fez com que a tornasse objeto de estudo nas ciências sociais nos dias atuais. Para ele “[...] O futebol não seria uma paixão do povo se os sujeitos não se identificassem com um time, o seu time, com uma bandeira e uma camisa; quem torce em futebol está ligado, irremediavelmente, ao seu clube, para o bem ou para o mal, para a felicidade ou para a desgraça” (RODRIGUES FILHO, 1964)⁵⁰.

Em Belo Horizonte, notadamente, o *Club Athletico Mineiro* (1908) e o *America Football Club* (1912) foram os primeiros detentores de competitividade mais acirrada na cidade. Georgino de Souza Neto traz em seu trabalho de mestrado que a conquista do bicampeonato em 1926-1927 pelo *Athletico* acentuou a rivalidade entre este clube e o América. E, que a presença do *Palestra Italia* – fundado em 1921 – criaria uma nova percepção de luta e oposição, mas não dirimiria a antiga emulação existente entre os tradicionais times da Capital (SOUZA NETO, 2010).

O jogo Atlético X América foi o primeiro a tirar da população futebolista momentos de ansiedade específica para os momentos pré-jogo. A seção *Desportos do Minas Geraes* de 1929 exhibe a expectativa para o encontro *dos antigos rivaes*. Apesar de serem, porém, as duas agremiações de maior representatividade esportiva do estado e de se “[...] degladiarem no campo da lucta”, ambas eram dotadas de simpatias mútuas e sentimentos de irmandade, o que muito orgulhava os expectadores.

Foot-ball – A grande tarde desportiva de hoje no Stadium *Antonio Carlos*.
Mais algumas horas e toda população sportiva de Bello Horizonte accorrerá, presurosa, ao stadium da rua Bernardo Guimarães, para assistir ao mais disputado e renhido encontro do campeonato: America X Athletico.
Possuidores de respeitáveis e adextradas “elevens”, em que se vêm elementos de real valor no sport no Estado, a pugna de hoje entre os dois antigos rivaes será daquellas em que o expectador tem, por repetidas vezes, o coração a pulsar de verdadeira emoção e entusiasmo.

⁵⁰ Nota à segunda edição.

E acresce a tudo isso uma aureola de intensa symphatia de amizade que envolve os dois gloriosos clubs por parte de todo o povo mineiro que, mesmo fóra da capital, acompanha com vivo interesse seus dois queridos conjunctos, orgulhos do sport de Minas.

E é por isso que podemos prever para hoje a melhor tarde sportiva do anno, em que ao lado da technica do “*association*”, teremos o prazer de ver duas esquadras irmãs se degladiarem no campo da lucta com aquelle ardor, energia e bravura dignos sempre dos maiores elogios.⁵¹

No futebol brasileiro, segundo Damo (2002, p.54-55), “todo clube tem seu outro, seu contrário”, além disso, “as maiores rivalidades são entre clubes locais, da mesma cidade, e isto se deve, em parte, ao fato destas rivalidades terem se constituído num período em que preponderavam as disputas pelas ligas metropolitanas, sob a égide do amadorismo”. Sendo assim, o Palestra Itália se meteria no meio dos dois tradicionais rivais Atlético e América. Contudo, ele já nasceria forte e pretensioso.

A três de abril de 1921, três meses após sua fundação e anterior aos primeiros jogos contra Atlético e América, a *Vida Sportiva* do *Diário de Minas*, descreveu o novato clube. “[...] O Palestra, sendo embora uma sociedade nova, já se vae impondo ao nosso meio desportivo pelo progresso rapido que está assinalando a sua existencia”⁵².

A *Societá Sportiva Palestra Italia*, no ano de sua fundação e após um torneio de acesso⁵³, já fazia parte da divisão de elite do futebol local⁵⁴. O grande feito do Palestra em 1921 foi, no ano de estreia, disputar a final dos segundos times do Campeonato da Cidade. Tal acontecimento chamou a atenção do *Diário de Minas* e demonstrou que a agremiação exclusiva de italianos nascera para estrelar o rol de equipes vencedoras. O América não se sagraria campeão sem antes defrontar-se com a novata equipe Palestrina, que não queria *saber de nomes nem de tradições*.

⁵¹ Minas Geraes. Domingo, 23 de junho de 1929. Desportos, p.11.

⁵² Diário de Minas. Domingo, 3 de abril de 1921. Vida Sportiva, p.2.

⁵³ “Pelo apoio que recebeu de ricos imigrantes e pela experiência de seus jogadores, o *Palestra* foi capaz de, desde o início, constituir-se em equipe competitiva. Tanto é que, logo em seu primeiro ano de existência, filiou-se a LMDT e, depois de disputar eliminatória envolvendo o *Palmeiras*, o *Ipanema* e o *Guarany*, chegou à primeira divisão do campeonato de 1921. Apesar de recém-criada, a entidade despontou como uma força em condições de fazer frente aos veteranos *Athletico* e *America*” (RIBEIRO, 2007, p.91).

⁵⁴ “Palestra Italia F.C. – Em regosijo pela sua entrada para a 1ª divisão da Liga Mineira, o Palestra Italia offereceu ante-hontem, á noite, um copo de cerveja aos seus associados e ás auctoridades sportivas desta Capital. Falaram os srs. Tolentino Miraglia e dr. Columbano Duarte, sendo ambos muito aplaudidos” (Minas Geraes. Segunda e Terça-feira, 25 e 26 de abril de 1921, seção Sports, p.5).

Dizem, entretanto que o Palestra, trenado, forte, confiante, não quer saber de nomes nem de tradições. E, afinal de contas, tem lá sua razão.⁵⁵

O festival sportivo de hoje no Prado Mineiro é desses que despertam o maior interesse. Póde dizer-se que, pela anciedade com que se espera, o jogo Palestra X America (segundos quadros) é já um encontro célebre.

Nestes últimos dias, em nossas rodas sportivas, não se fala em outra cousa, sinão no magnífico embate. Vamos, com effeito, presenciar uma lucha admirável no campo e a um entusiasmo estupendo entre os torcedores. As opiniões a respeito do resultado são as mais desencontradas.⁵⁶

Fazer parte de uma sociedade tradicional como a mineira talvez requeresse uma dose maior de envolvimento dos italianos do Palestra no círculo futebolístico. Em abril 1922, com pouco mais de ano de fundação, o Palestra organizou um festival desportivo em benefício da Santa Casa de Misericórdia da Capital.

Estariam os administradores utilizando do futebol como veículo para a inserção do Palestra Itália (ou de seus dirigentes) nas altas classes sociais de Belo Horizonte?

Fato é que o festival foi amplamente divulgado pelo *Minas Geraes*, pois, além da nobre iniciativa dos palestrinos, contou com a participação dos quatro grandes clubes de futebol da cidade: América, Atlético, Morro Velho e o próprio Palestra, “[...] todos elles de reconhecido valor”.

Torneio de foot-ball. – Os apreciadores do foot-ball terão no próximo domingo uma excellente tarde desportiva, que vae sem dúvida levar ao Prado uma colossal assistência. Trata-se de um sensacional torneio no qual tomarão parte o América, o Athletico, o Palestra Italia e o Morro Velho. O festival desportivo de domingo será em benefício da Santa Casa de Misericórdia da Capital. Haverá para tal jogo que está marcado para as 13:00 horas, bondes extraordinários, sendo franca a entrada das senhoras e senhorinhas. Na sede do Palestra, terá lugar hoje o sorteio da ordem dos jogos, a qual publicaremos amanhã. Dados os fins beneméritos a que se destinam as rendas do festival, é de esperar que afflua ao Prado Mineiro uma grande assistência.⁵⁷

FESTIVAL DESPORTIVO – Foi recebido com a maior sympathia a notícia da sensacional festa desportiva organizada para o próximo domingo pelo “Palestra Italia” desta Capital, em benefício da Santa Casa de Misericórdia. O jogo de domingo, que promete ter o máximo brilhantismo, está sendo esperado nos nossos meios desportivos com a maior anciedade, pois os clubs que se vão encontrar, todos elles de reconhecido valor estão trenando rigorosamente. No sorteio ante-hontem realizado, ficou decidido que o “Athletico” jogará com o “Palestra” e o “América” com o “Morro Velho”. A

⁵⁵ Diário de Minas. Quarta-feira, 21 de dezembro de 1921. Vida Sportiva, p.3.

⁵⁶ Diário de Minas. Domingo, 25 de dezembro de 1921. Vida Sportiva, p.3.

⁵⁷ Minas Geraes. Quarta-feira, 8 de março de 1922. Desportos, p.7.

directoria do “Palestra” convidou para o imponente festival as altas autoridades do Estado.⁵⁸

FESTIVAL DESPORTIVO Como já foi noticiado, o festival de amanhã, promovido pela sympathica associação “Palestra Italia”, será em benefício da Santa Casa desta Capital, o que faz prever o êxito da nobre iniciativa dos palestrinos. 1º jogo: America X Morro Velho 2º jogo: Athletico X Palestra Italia; 3º jogo: final⁵⁹

O FESTIVAL DE HOJE. – Promete ter a maior animação o esperado festival desportivo, promovido pelo Palestra Italia, para hoje, no Prado Mineiro. (...)⁶⁰

FESTIVAL DESPORTIVO. – Está marcado pra o próximo domingo o encontro decisivo entre os clubs que sahiram vencedores nos jogos de domingo ultimo, em disputa de uma artística taça offerecida pelo “Palestra Italia”. Final: Athletico X America.⁶¹

Houve vários torneios que foram, por assim dizer, precursores do Campeonato Mineiro, como a *Taça Bueno Brandão* de 1914, organizada pela LMDT. Os primeiros campeonatos mineiros (a partir de 1915) foram amadores e contaram com equipes somente de Belo Horizonte. Por isso o nome de Campeonato da Cidade. A profissionalização chegaria, oficialmente, em 1933.

2.2- Os primeiros campeões da cidade

Ao longo das primeiras 16 edições do Campeonato da Cidade é possível inferir algumas ponderações acerca da preponderância da rivalidade entre as equipes participantes. Apesar de o Atlético Mineiro ser o primeiro campeão (1915), o período foi dominado amplamente pelo América, conquistando 10 campeonatos seguidos (1916 a 1925).

O Palestra Itália disputou o primeiro campeonato em 1921, ano de sua fundação, e, logo em 1922, conquistaria a segunda colocação do certame, algo que se repetiria por seis vezes seguidas (1922 a 1927), figurando a frente do Atlético nos últimos quatro títulos do deca campeonato americano. E, se em 1926 e 27 o Atlético sagrar-se-ia bi-

⁵⁸ Minas Geraes. Sexta-feira, 10 de março de 1922. Desportos, p.6.

⁵⁹ Minas Geraes. Sábado, 11 de março de 1922. Desportos, p.7.

⁶⁰ Minas Geraes. Domingo, 12 de março de 1922. Desportos, p.7.

⁶¹ Minas Geraes. Sexta-feira, 72 de março de 1922. Desportos, p.6.

campeão com o Palestra de vice, em 1928,29 e 30 o Palestra, segundo Couto (2003), reforçado por um técnico e quatro jogadores do Palestra de São Paulo, seria tricampeão. O Palestra figurou entre os dois primeiros colocados em nove das dez primeiras edições disputadas por ele, agitando a ordem vigente até então (Vide quadro 1).

Quadro 1 - Campeões do Campeonato da Cidade de 1915 a 1930

Campeonato de Futebol da Cidade		
Edição	Campeão	Vice-campeão
1915	Clube Atlético Mineiro	América Futebol Clube
1916	América Futebol Clube	Clube Atlético Mineiro
1917	América Futebol Clube	Clube Atlético Mineiro
1918	América Futebol Clube	Clube Atlético Mineiro
1919	América Futebol Clube	Yale
1920	América Futebol Clube	Guarany – BH
1921	América Futebol Clube	Clube Atlético Mineiro
1922	América Futebol Clube	Sociedade Sportiva Palestra Itália
1923	América Futebol Clube	Sociedade Sportiva Palestra Itália
1924	América Futebol Clube	Sociedade Sportiva Palestra Itália
1925	América Futebol Clube	Sociedade Sportiva Palestra Itália
1926	Clube Atlético Mineiro	Sociedade Sportiva Palestra Itália
1927	Clube Atlético Mineiro	Sociedade Sportiva Palestra Itália
1928	Sociedade Sportiva Palestra Itália	Clube Atlético Mineiro
1929	Sociedade Sportiva Palestra Itália	Clube Atlético Mineiro
1930	Sociedade Sportiva Palestra Itália	América Futebol Clube

Fonte: Federação Mineira de Futebol⁶²

Souza Neto (2010, p.118) anunciou a entrada do Palestra Itália como força no futebol de Belo Horizonte já nos seus primeiros anos de existência.

Se a rivalidade construída entre America e Athletico centralizava as atenções da vida esportiva na Capital, o ano de 1926 demarcaria uma importante mudança. A presença constante do Palestra Itália entre os primeiros colocados nos principais campeonatos instituiria a determinação de uma terceira força rival. Entre 1926 e 1930, todos os títulos conservaram-se nas mãos dos novos adversários: Athletico (1926-1927) e Palestra (1928-1929-1930). Neste período, a torcida palestrina passou a ocupar relevante espaço no cenário do futebol em Belo Horizonte, dividindo, com atleticanos e americanos, o simbólico *status* de “melhor e maior torcida”.

Os números conspiraram para a inserção do Palestra no rol de vencedores, o que motivaria o aumento da sua importância e torcida. É inegável que as posições, primeiramente do Atlético e depois do América, foram substancialmente ameaçadas pela chegada do Palestra. A zona de conforto vivida pelos dois tradicionais clubes seria

62

Encontrado

em

http://www.fmfnet.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=598:campeoes-modulo-i&catid=60:campeoes-mineiros&Itemid=162. Acesso dia 28/03/2012 as 13:00h.

rapidamente transformada num triângulo de forças, formado por América, Atlético e Palestra. O *Diário da Tarde*, de fevereiro de 1931, 10 anos após a fundação do Palestra, reporta o sucesso precoce dos *periquitos* e a figura de *Nininho*, seu primeiro grande ídolo.

A S. S. Palestra Italia constituiu-se, em pouco tempo, na Capital, um gremio poderoso, de pretigio e sympathias radicados no seio da nossa população. [...] Os valorosos “periquitos”, creanças pela idade, já conquistaram, não obstante, como gente grande, fartos louros, dando exemplo frisante de quanto pode a força de vontade bem orientada. É de justiça encarecer, como nota honrosa para o Palestra, que o campeonato de 1930 foi conquistado sem um empate sequer, por onde se verifica a pujança do “onze” em que predomina, como astro de primeira grandeza, a figura insinuante de Nininho.⁶³

Já se viam motivos suficientes para considerar o Palestra uma equipe de igual talento e do nível das demais agremiações. Pelo currículo alcançado nos seus primeiros 10 anos, viram-se, também, nos jogos entre Atlético e Palestra, conotações de *animosidade recíproca* referentes a um clássico: seriam “[...] adversários irreconciliáveis e poderosos nas canchas mineiras”.

Enfim, a construção da rivalidade entre Atlético e Palestra pode ter sido um acontecimento mais rápido do que se pudesse supor. O Atlético, seguro na sua égide tradicional, encontrou nos forasteiros do Palestra Itália um adversário à altura, pois este, logo de início, ocupou espaços que normalmente eram do Atlético e do América.

A crônica da seção *Esportes* do *Minas Geraes* de 1931 diz muito dos *grandes competidores* Atlético e Palestra. O articulista diz “[...] o quanto contraproducente são as rixas desportivas, e como estão mantendo as mais amistosas relações. Porém, “[...] quando a bola caía em movimento a rivalidade dava uma vassourada nas cortezias”. Em tempos de semiprofissionalismo dos anos 1930, condutas amistosas dentro de campo dificilmente se sustentavam. No texto do jornal é destacada “[...] a antiga rivalidade que distanciava Atlético e Palestra”, rivalidade que, ao contrário, se acirraria e ultrapassaria em importância a de Atlético e América.

Os clubs Palestra e Atlético, pela igualdade de forças que equilibra as suas esquadras e nota de sensacionalismo que imprimem às partidas em que se contendem, foram considerados pelo nosso público esportivo como adversarios irreconciliaveis e poderosos nas canchas mineiras.

⁶³ Diário da Tarde. Sábado, 14 de fevereiro de 1931. *Palestra! Palestra!*, p.1.

De fato, tempo houve em que a animosidade recíproca dos dois grandes clubs montanheseiros atingiu tal ponto, que tudo que se lhe dizia ao contrário ou que se fazia para ocultá-la, era em vão, sem resultado satisfatório.

Às vezes os dois grandes competidores trocavam brindes, votos de prosperidades, ramalhetes de flores; escrevia-se um discurso laudatório e o capitão de um quadro o declamava em campo, como se os clubs fossem os maiores amigos deste mundo.

E a gente, vendo isso tudo, ficava até comovido na arquibancada, pensando na maneira cordial que eles se admiravam.

Mas, nada passava de presente de gregos e quando a bola caía em movimento a rivalidade dava uma vassourada nas cortezias.

Hoje, para a prosperidade do esporte mineiro, folgamos registrar que a antiga rivalidade que distanciava Atlético e Palestra cedeu lugar a louvável entendimento dos dois queridos clubs que, compreendendo o quanto contraproducente são rixas desportivas, estão mantendo as mais amistosas relações.

Ainda agora, a situação criada por Barros, ex médio atleticano, pôs à prova o pensamento do Atlético.

Barros, terminada a sua inscrição pelo alvi-negro, renovou-a, inscrevendo-se em seguida pelo Palestra. O player ficou, portanto, em posição melindrosa. Mas, o Atlético, em atenção ao Palestra e ao próprio jogador implicado, abriu mão da inscrição, facultando a Barros o ingresso franco nas fileiras palestrinas. Como se vê, o club de Anibal Matos teve um gesto cuja beleza é para elogios e, sem dúvida, profundo reconhecimento do pessoal do Palestra. Que o exemplo do Atlético inspire, doravante, a solução das pequeninas questões que tanto enfraquecem a harmonia do nosso meio esportivo. – G.⁶⁴

O cenário futebolístico local dos anos 1920 e 30, habituado ao acirramento polarizado entre o Clube Atlético Mineiro e o América Futebol Clube, presenciaria a inserção do Palestra nesse rol e assistiria à transição do nível de importância e rivalidade existentes nos jogos do Atlético contra o América para os jogos do Atlético contra o Palestra.

Em 1934, *A Folha da Tarde* noticiou o grande acontecimento do final de semana (FIG.5). “[...] o maior encontro de futebol na cidade é o clássico Palestra X Athletico”. No jornal, o texto registra que Palestra e Atlético são dois clubes *queridíssimos* e expõe o sentimento exercido pelo acontecimento.

Os fans da pelota já sabem que o maior encontro de futebol na cidade é o clássico Palestra X Athletico. [...] Esse jogo tem mais valor do que um jogo contra clubes de fora. [...] Oes adeptos do association vibram durante toda a semana, antevendo a um encontro devéras sensacional, prene de entusiasmo e disciplinarmente disputado⁶⁵.

⁶⁴ Minas Geraes. Quinta-feira, 10 de setembro de 1931. Esportes, p.11.

⁶⁵ Folha da Tarde. Terça-feira, 27 novembro de 1934, p.2.



FIGURA 5: Primeira manchete designando o jogo como o “clássico”.

Fonte: Folha da Tarde. Terça-feira, 27 novembro de 1934, p.2.

No jogo de número 29 entre Atlético e Palestra descrito no *Minas Geraes*⁶⁶, acontecido a três de abril de 1934, notamos a primeira utilização da expressão *CLÁSSICO* para a contenda. À época, tal designação era utilizada com a devida moderação, só empregada para jogos de reputação significativa. Não obstante, *CLÁSSICO* para Atlético contra América só notamos no *Estado de Minas*⁶⁷ de 1936.

Brilhante vitória do Palestra sobre o Atlético.

Como sempre o clássico Atlético x Palestra levou anteontem, ao campo do último, grande assistência, e deu-lhe, com fases emocionantes e sensacionais imprevistos, intenso entusiasmo e vibração.⁶⁸ (grifos nossos)

América e Athletico defrontam-se hoje na ultima prova do turno em disputa da primasia (sic) do certamen – como desfilarão os quadros para o “clássico”. (...) A peleja máxima da phase do campeonato que hoje se encerra será disputada entre os grandes rivaes da cidade.⁶⁹ (...) (grifos nossos)

Tomando por base a participação ativa da imprensa de Belo Horizonte, das décadas de 1920 e 1930, na promoção e divulgação dos jogos de futebol da cidade, aliado à fundação e atuação de sucesso da Sociedade Sportiva Palestra Itália, temos uma noção panorâmica de que a rivalidade entre os clubes mais tradicionais, Atlético e América, teve de imediato a entrada do Palestra.

2.3- América x Atlético: dois pioneiros dos esportes montanhese

Tendo sido por muito tempo o jogo mais importante de Belo Horizonte, os encontros de Atlético contra América possivelmente foram uns dos que mais

⁶⁶ Minas Geraes. Terça-feira, 3 de abril de 1934. Esportes, p.14.

⁶⁷ Estado de Minas. Domingo, 23 de agosto de 1936, p.8.

⁶⁸ Minas Geraes. Terça-feira, 3 de abril de 1934. Esportes, p.14.

⁶⁹ Estado de Minas. Domingo, 23 de agosto de 1936, p.8.

movimentaram os dias de futebol local nas décadas de 1910/20/30. Então, observando o histórico das partidas entre eles, talvez seja possível inferir os motivos pelos quais o embate Atlético *versus* América foi, paulatinamente, perdendo em importância, se comparado a Atlético *versus* Palestra.

Não foi possível identificar estatísticas confiáveis sobre os jogos de Atlético contra América dos anos 1915 a 1942. Contudo, verificando informações em sítios eletrônicos⁷⁰, pudemos perceber 84 jogos, acontecidos de 25/07/1915 a 08/10/1942, concluídos em 21 empates, 27 vitórias do América e 36 vitórias do Atlético.

De antemão, só com os números não parece ser possível entender o incremento ou a perda da rivalidade entre eles, até por que a rivalidade poderia ser algo relativo ao futebol como um todo e, não, especificamente de um com o outro. Enfim, o que foi notado no período investigado diz muito sobre a história das conquistas de ambos e dos períodos em que aconteceram.

A hegemonia dos americanos, em títulos do futebol de Belo Horizonte, teve seu auge de 1916 até 1925, quando se sagrou 10 vezes campeão consecutivamente. É, também nesse período, a ocorrência da maioria das vitórias americanas sobre o Atlético. Em 10 anos, foram 15 vitórias do América, contra somente quatro derrotas e nove empates. Deduzimos que, durante o amadorismo do futebol belo-horizontino o Atlético foi amplamente dominado pelo América. Algo que mudaria nos períodos posteriores.

As reportagens jornalísticas dos anos 1920, ao falarem de futebol, tinham textos parecidos quando descreviam os jogos das equipes principais da cidade, mais explicitamente quando tratavam dos jogos Atlético x América e Atlético x Palestra.

Reportagens que repercutiram América contra Atlético

Após um jogo Atlético contra América em outubro de 1922, o jornal *Diário de Minas*⁷¹, declarou que “[...] os dois contendores, como sempre, quando se encontram, portaram-se valentemente produzindo magnífico jogo, que muito entusiasmou os numerosos assistentes”. As palavras do jornal dão o tom do encontro, mas o texto se assemelha com relatos de jogos de outras equipes, como Palestra contra Atlético.

⁷⁰ www.futpedia.globo.com/confronto/america-mg-x-atletico-mg; www.classicoeclassico.sites.uol.com.br; 100anosgalo.blogspot.com.br; www.webgalo.comze.com.

⁷¹ Diário de Minas. Terça-feira, 10 de outubro de 1922. Vida Sportiva, p.2.

O jogo Atlético contra América, mesmo durante a supremacia americana, foi o principal encontro dos campeonatos, provavelmente o mais carregado em rivalidade da época. Em partida de novembro de 1922, o *Diario de Minas*⁷² observou “[...] os antigos rivais mostrando o mesmo ardor combatente, o mesmo entusiasmo e a mesma cavação que sempre põem em pratica quando se encontram”.

No ano do último título do decacampeonato americano (1925), O *Diario de Minas*⁷³ expôs que após mais um “[...] jogo do campeonato de <football> entre as duas esquadras das mais temidas da cidade, o America vence o Athletico por 4 x 1”. Findava-se a fase áurea do América, suas glórias conquistadas seriam a sustentação do seu futuro.

De 1926 a 1932, Atlético e América se enfrentaram 13 vezes. Nesses anos, as estatísticas se equivaleram, passando, aos poucos, a serem favoráveis ao Atlético, que venceu seis jogos, empatou dois e perdeu cinco vezes do América. Em tempos de semiprofissionalismo e muita confusão nos bastidores, o Atlético sobrepujou os americanos nos confrontos diretos, característica que não mais mudaria.

Uma das possíveis explicações para a mudança é o fato de os diretores americanos terem sido reticentes à implantação do profissionalismo do futebol. Tal postura pode ter prejudicado os resultados da equipe em campo, pois o processo de profissionalização foi algo inevitável às equipes que se mantiveram no topo da concorrência. Dessa forma, se as partidas entre eles ainda tinham o respeito da imprensa e dos fãs, os resultados passariam a ser mais positivos para o Atlético, campeão em quatro oportunidades, enquanto o América começava a sua decadência de vitórias e títulos.

Nos jornais, foi mantida a característica das reportagens, os jogos mantiveram a importância de outrora, como o do dia 23/05/1926, quando o *Diario de Minas*⁷⁴ deu conta de que “[...] uma enorme multidão assistiu a disputa, concorridíssima de parte a parte, terminando com a vitória do Athletico por 6 x 3”.

⁷² Diário de Minas. Quinta-feira, 16 de novembro de 1922. Vida Sportiva, p.2.

⁷³ Diário de Minas. Terça-feira, 16 de junho de 1925. Vida Sportiva, p.2.

⁷⁴ Diário de Minas. Terça-feira, 25 de maio de 1926. Vida Sportiva, p.2.

Em outra vitória atleticana em 1927, o *Correio Mineiro*⁷⁵ relatou um encontro magnífico entre os antigos rivais, “[...] com assistencia calculada em mais de cinco mil pessoas, destacando-se o grande numero de famílias da nossa melhor sociedade”. O jornal expôs que esse jogo era o que melhor representava a elite local.

O acontecimento de um torneio amistoso, em junho de 1927, chamou a atenção do *Correio Mineiro*⁷⁶. Atlético e Palestra compareceram com as suas segundas equipes, o que foi taxado de episódio lamentável, pois, “[...] como se sabe, ambos possuem esquadras magnificas e bem treinadas”. A vitória do América sobre o Atlético não teve a mesma repercussão que as ausências dos dois grandes da cidade.

Na inauguração provisória do seu estádio da alameda, em 1928, o América parecia ainda respirar os ares de um passado de glórias e de tradição social na cidade. *O Estado de Minas*⁷⁷, em matéria de página inteira de sua seção de esportes, descreveu “[...] que a Capital está agora dotada de uma nova praça de esportes, senão modelar, pelo menos melhor do que qualquer uma outra do Estado”. A grande obra do América, em vias de ser concluída, era “[...] digna de todos os titulos, da sympathia de nossa elite e reflexo sincero e estupendo do club que magnificamente representa”. No jogo da inauguração, válido pelo campeonato local, “[...] numa luta titânica, o Athletico venceu o América pelo apertado score de 1 a 0”.

No *Diario Mineiro*⁷⁸, de 25 de junho de 1929, apesar da tradição do encontro, constatou: Atlético e América, apesar de serem *dois clubes da elite*, neste encontro, o que “[...] se viu foi um jogo falho de technica, muita indisciplina e em vez de futebol, tourada”.

Em jogo de junho de 1930, a reportagem do *Estado de Minas*⁷⁹ observou uma partida entusiasmada e frequentemente aplaudida *pelo seu bando* favorito, o que era comum. Em destaque no jornal, um comentário relativo a um atleta do América que mostra o que era jogar num clube da nata da cidade, e que havia se destacado no jogo: -

⁷⁵ Correio Mineiro. Terça-feira, 14 de junho de 1927. Jogos e Desportos, p.2.

⁷⁶ Correio Mineiro. Terça-feira, 28 de junho de 1927. Jogos e Desportos, p.3.

⁷⁷ Estado de Minas. Terça-feira, 11 de setembro de 1928. No mundo dos sports, p.5.

⁷⁸ Diário Mineiro. Terça-feira, 25 de junho de 1929. Diário dos Esportes, p.5.

⁷⁹ Estado de Minas. Terça-feira, 10 de junho de 1930, p.4.

“Canhoto! O moreno da alma branca, que sempre foi um nome querido no sport mineiro, maravilhou o mundo inteiro no jogo de domingo”. (grifos nossos)

A suposta partida de número 53, em janeiro de 1931, é a que melhor divide a história de jogos entre América e Atlético. Até nesse momento, havia uma supremacia americana sobre os atleticanos, mas a goleada de 6 a 2 do Atlético imporia uma trajetória de superioridade alvinegra, quer no número de vitórias quer nas conquistas de títulos. No jogo em questão, o *Estado de Minas*⁸⁰ noticiou “[...] uma partida entusiasmada e leal, onde o America sofreu um dos maiores revezes de sua carreira sportiva”.

O campeão de 1931 foi o Atlético, porém, pertenceu ao não acontecimento da partida do segundo turno entre Atlético e América a nota negativa da competição. Não havia entendimento entre os clubes sobre a instituição ou não do profissionalismo no futebol local, diante do impasse, a crônica do *Minas Geraes*⁸¹ lamentou que o mês de outubro “[...] passou calmo e desinteressante para os esportistas belorizontinos”, pois “[...] a família esportiva mineira” foi privada de assistir ao prélio “[...] dos dois pioneiros dos esportes montanheseis, o espetáculo maximo das competições locais”.

Ocorreu sem importância a tarde esportiva de ante-onde, nesta Capital O já momentoso caso que veio dividir a família esportiva mineira, privou-nos anteontem de passar pelas agradáveis emoções que a Liga Mineira nos estava reservando para o final do seu campeonato de football, com a realização jogo em que se mediriam America e Atletico. Em certamens anteriores, os prélios que puseram no gramado das peijas as principais esquadras dos dois pioneiros dos esportes montanheseis constituíram o espetáculo Maximo das competições locais, já pelo entusiasmo que coloria as jogadas, ja pela qualidade de football que era dado ao julgamento. Este ano, no primeiro turno, ainda tivemos para descontrolre dos nossos nervos, a ventura de ver no palco de um estádio, sob o sereno da cordialidade, locomover-se e lidar as hostes americana e atleticana, numa batalha que ficou memorável no coração inquieto da cidade. No segundo turno, entretanto, divergências inesperadas entre clubes e sportmen vieram deslustrar o termino da atual temporada esportiva, seguindo-se ao brilhantismo anualmente registrado, a monotonia, que pousou sobre a vida do no nosso football, nestes últimos dias. E o domingo de anteontem, que estava fadado a vibrar os esportistas belorizontinos, passou calmo e desinteressante, entre o pó de chuva que caiu sobre a cidade e os toques sonolentos das sirenes. G.

⁸⁰ Estado de Minas. Terça-feira, 27 de janeiro de 1931, p.6.

⁸¹ Minas Geraes. Segunda e terça-feira, 12 e 13 de outubro de 1931. Esportes, p.11.

A crítica do *Minas Geraes* dava conta de que o maior prejudicado foi o público, pois, enquanto se discutia nos bastidores o regime de trabalho dos jogadores de futebol, jogos eram desmarcados e equipes importantes como América e Palestra tentavam se manter amadores. O América se manteve reticente durante toda a década de 1930, período em que assistiu outras equipes se tornarem mais fortes e vencedores do que ele, possivelmente, ancoradas nas facilidades que a profissionalização proporcionava aos atletas.

A partir de 1933 até 1937, primeiros anos profissionais, ficaram marcados pela transposição dos números atleticanos sobre o América. Entretanto, até 1937, o *Villa Nova Atlético Club*, da vizinha cidade de Nova Lima, fundado em 28 de junho de 1908 pelos ingleses da mineradora *Saint Jonh d'El Rey Mining Company*, existente desde 1934 na cidade, foi a sensação do futebol local. O clube cresceu e por volta de 1927 foi registrado na Liga Metropolitana de Belo Horizonte. Com a oficialização da profissionalização do futebol o Villa Nova tornar-se-ia uma das maiores forças do futebol mineiro dos anos 1930 (SILVA, 2007).

Mesmo com o advento do Villa Nova, Atlético e América ainda era um grande encontro. Porém, os números passaram a ser amplamente favoráveis ao Atlético. Em 22 jogos localizados, houve 13 vitórias atleticanas, cinco empates e quatro reveses para o América. Os decacampeões de outrora não figurariam nenhuma vez entre os dois primeiros dos campeonatos do período. Villa Nova, Atlético, Siderúrgica e Palestra seriam os protagonistas.

Vencer o América já não era incomum para o Atlético em 1933, mas ainda preenchia as páginas esportivas dos jornais. Em amistoso no mês de março o *Estado de Minas*⁸² descreveu “[...] um triunfo justo, obtido em condições de nitidez que evidenciaram a superioridade da representação alvi-negra por 4 a 2”. Nesta partida “[...] a rapaziada americana interrompeu o jogo por conta da atuação do juiz”, o que causou a invasão do campo por diretores e associados do América (FIG.6).

⁸² Estado de Minas. Terça-feira, 14 de março de 1933, p.8.



FIGURA 6: Flagrante da invasão do campo, por diretores, associados e policiais.
Fonte: Estado de Minas. Terça-feira, 14 de março de 1933, p.8.

À época, a equipe do Villa Nova era a de maiores conquistas, mas *uma* vitória do Atlético sobre o América em 1934 significou o alcance da ponta da tabela do campeonato e levantou grande expectativa do jornal. O *Estado de Minas*⁸³, apesar da superioridade e vitória atleticana, pronunciou que “[...] a partida reuniu novamente os maiores rivaes de nossas canchas”. A importância histórica do América parecia sustentar a força da camisa *rubra*⁸⁴, embora não figurasse mais entre os primeiros colocados.

Talvez, o maior desserviço da diretoria americana à sua história foi o episódio ocorrido durante uma partida em abril de 1935, ano em que completava 10 anos sem títulos. Nesse jogo, ao final do primeiro tempo, depois de franco domínio do Atlético, o placar marcando 5 a 0 para os alvinegros, sem dar explicações plausíveis, o América não retornou para o segundo tempo, maculando a sua imagem de equipe vencedora e respeitada. A “[...] atitude lamentavel e deselegante dos rubros causaria” uma enxurrada de críticas do *Estado de Minas*⁸⁵. Para o jornal, uma partida de futebol, “[...] sendo um gênero de diversão como outro qualquer, nenhum dos participantes” poderia “furtar-se ao cumprimento do programma, como o fez o America”. Por ser um “gremio de

⁸³ Estado de Minas. Terça-feira, 31 de julho de 1934, p.9.

⁸⁴ A diretoria do América, insatisfeita com a implantação do profissionalismo na década de 1930, em protesto, instituiu a cor vermelha no seu uniforme.

⁸⁵ Estado de Minas. Terça-feira, 30 de abril de 1935, p.8.

tradições, cujo passado cheio de glórias jamais autorizaria que delle se esperasse tão precipitado e deselegante gesto”. A reportagem conclui dizendo que a polícia deveria ter obrigado o reinício da partida porque “o publico que paga para assistir um jogo de futebol tem o seu direito adquirido”.

Em 1936, o Atlético interromperia a sequência de títulos do Villa Nova e conquistaria o título mineiro daquele ano e traria o Palestra como vice. Nos dois jogos do campeonato houve uma vitória do Atlético por 5 a 4 no turno e um empate em 0 a 0 no retorno. O *clássico* empatado, descrito no *Estado de Minas*⁸⁶, foi disputado num “[...] ambiente de grande tensão e expectativa, pois enquanto o prélio anterior assignalava nada menos que nove tentos espetaculares, o placar emudeceu desta vez, peccando por falta, o score copiou o jogo”.

O campeonato de 1937 parecia caminhar para o bicampeonato atleticano. No primeiro turno se manteve no topo da tabela, ratificado com uma goleada sobre o América, em 26 de dezembro de 1937. O *Estado de Minas*⁸⁷ relatou “[...] o surpreendente 4 a 0 como o maior triumpho athleticano no decorrer do presente certame, e ainda marcaram o revez mais espetacular sofrido pelos rubros nestes ultimos tempos. Quatro derrotas consecutivas na parte final do campeonato para América, Siderúrgica (campeão) e Villa Nova (vice) tirariam, porém, a oportunidade do bi atleticano.

O título do Siderúrgica em 1937 serviu como marco divisor nos grupamentos de jogos do estudo. Além do ineditismo da conquista do Siderúrgica e vice-campeonato do Villa Nova, ambas equipes do interior, pela primeira vez, desde 1921, nem Atlético, nem Palestra comporiam a primeira ou a segunda colocação do campeonato.

A hegemonia atleticana foi nítida de 1938 a 1942. Conquistou quatro títulos do campeonato profissional e foi vice em um, enquanto o América seria vice-campeão em 1942, apenas. Nos jogos Atlético contra América, a força dos alvinegros foi incontestável. Nas 20 partidas encontradas nesse período, houve 13 vitórias atleticanas, quatro empates e três triunfos do América.

Campeão incontestável em 1938, o Atlético não deu chances ao América. Em três jogos, três vitórias atleticanas, sendo o de 11 de setembro o maior placar, 6 a 1. O

⁸⁶ Estado de Minas. Terça-feira, 15 de setembro de 1936, p.8.

⁸⁷ Estado de Minas. Terça-feira, 28 de dezembro de 1937, p.10.

choque do rivaes, pela *Folha de Minas*⁸⁸, “[...] surgiu aos olhos da “torcida” como um acontecimento de proporções grandiosas, levou ás dependencias do estadio de Lourdes uma assistencia numerosa. O alvi-negro reafirmou o seu valor de ponteiro da tabella do campeonato, ostentando o honroso titulo da temporada oficial”. Até 1942 o Atlético seria, incontestavelmente, o maior conquistador de títulos.

O Atlético perseguia o seu segundo bicampeonato em 1939 e, nos três jogos disputados contra o América, não houve nenhum revez, sendo duas vitórias e um empate. Nesse empate em setembro, a *Folha de Minas*⁸⁹ confirmou “[...] os prognósticos de que realizariam a maior partida do segundo turno do campeonato profissional de futebol de 1939”. As dependências do estádio de Lourdes foram pequenas para a “[...] assistencia numerosa e entusiastica que viram o match-attracção da cidade”. O jornal relatou o “[...] prelio-sensação de todos os tempos, reunindo os dois rivaes de todos os tempos: Athletico e America”.

Em 1940 o Atlético não conseguiria o tricampeonato, impedido pelo Palestra. Mas manter-se-ia sem perder do América: em três jogos pelo campeonato, foram duas vitórias e um empate. Talvez, o segundo jogo tenha sido o mais emblemático, pois nele ficou nítida a diferença entre um clube que se definia profissional (Atlético) e o que vivia confuso sem determinar o seu regime de atuação profissional ou amador (América).

Perder de 5 a 0 não seria algo tão dramático se não tivessem acontecido as cenas descritas no *Estado de Minas*⁹⁰ de após o jogo. Segundo o jornal, a partida teve “[...] o entusiasmo característico de todas as pelepas entre America e Athletico”. O primeiro tempo foi equilibrado terminando 1 a 0 para o Atlético, mas a partir do segundo gol “o America se descontrolou por completo” tomando mais 3 gols com facilidade. “[...] Ao inves de endereçarem a sua reacção rumo ao placard, entraram a aplicar uma violência desenfreada e sem uma razão para esse acto”. Alguns jogadores do América passaram a praticar “*brincadeiras e visagens* algumas vezes até dentro da área perigosa” e após o jogo fizeram “referencias insultuosas e jocosas contra a L.F.B.H.”.

⁸⁸ Folha de Minas. Terça-feira, 13 de setembro de 1938, p.10.

⁸⁹ Folha de Minas. Terça-feira, 19 de setembro de 1939, p.10.

⁹⁰ Estado de Minas. Terça-feira, 16 de julho de 1940, p.5.

Ora, esses acontecimentos deslustram o nome de um team que como o America tem uma tradição e um passado a zelar. Censuramos, com vehemencia, o procedimento de taes jogadores, sem analysar se o club é ou não professional. Acima de circunstancias occasionaes e de regimes, está o espírito esportivo, que não pode nem deve sujeitar-se a infantilidades de caracter subalternos.

Tais atitudes geraram críticas severas do jornal que refletiam a ambiguidade e a decadência que vivia o tradicional clube da cidade.

A sina americana se manteve em 1941 e 42. Foram cinco jogos contra o Atlético pelos campeonatos mineiros e cinco derrotas consecutivas. O *Estado de Minas*⁹¹ descreveu um destes jogos onde, apesar de ter jogado bem, o América “[...] caiu por 3 x 0 no *classico*”.

Considerações acerca de Atlético contra América

Com o passar dos anos, de 1915 a 1942, concluímos que, mesmo que tenha havido um período de hegemonia do América sobre o Atlético (até 1925), os resultados descreveram uma ascendência inegável do Atlético a partir de 1926, momento em que os títulos e vitórias do América se escassearam e o Atlético o ultrapassou em resultados positivos, impondo aos antigos rivais, significativas derrotas dentro do campo.

À época, o América chegou a ficar quatro anos sem vencer o Atlético (de 16/07/1939 a 27/06/1943), totalizando 17 jogos. Dessa forma, é possível que os números não sejam definidores da rivalidade entre eles, até porque os jornais da época mantiveram a importância do embate denominando-o *clássico* mesmo com a incontestada superioridade atleticana, mas é razoável observar que o fato de o América ter decaído em competitividade pode ter possibilitado o advento de outros rivais para o Atlético, caso do Palestra Itália, Villa Nova e Siderúrgica. Os dois últimos não se manteriam fortes e vencedores. Com o tempo, destacou-se o embate do Clube Atlético Mineiro contra a Sociedade Esportiva Palestra Itália.

⁹¹ Estado de Minas. Terça-feira, 27 de maio de 1941, p.7.

2.4- América X Palestra: os *periquitos* desafiaram a tradição

Ao analisarmos os resultados dos jogos do Palestra contra o América (1921 a 1942), pudemos perceber o quão parecida foi a trajetória desse encontro se comparada com a de Atlético contra América. Ficou demonstrado, nos números, que o Palestra ainda na década de 1920, se tornou uma equipe mais forte nos confrontos diretos contra o América. Foi possível inferir, pela estatística e pela dinâmica das partidas nos jornais, que o Palestra foi, paulatinamente, sobrepujando o América, visto que em, menos de 10 anos, já era uma equipe mais efetiva, conquistando títulos ao final da década de 1920 e disputando partidas movimentadas. Ao passo que o América não sustentou a postura vencedora do período do decacampeonato, nitidamente perdeu espaço para o Palestra e outras equipes como o Villa Nova e Siderúrgica.

Analisando por período, de 1921 a 1925, o esquadrão americano multicampeão não deu a menor chance à recém-fundada equipe do Palestra. Os palestrinos não venceram nenhuma vez, empataram três jogos e amargaram nove derrotas. Passar-se-iam quase seis anos (14 jogos) até o Palestra conseguir vencer o América pela primeira vez.

No período posterior, 1926 a 1932, houve uma mudança drástica no perfil dos resultados. Dos 28 jogos encontrados, o Palestra terminou vencedor em 17 oportunidades, perdeu sete e empatou quatro vezes. A superioridade palestrina ficaria evidente quando impôs ao América um jejum de quase três anos sem vencê-lo, num total de 12 jogos. Assim como o tradicional rival Atlético fizera, no mesmo período anterior à profissionalização do futebol, o Palestra se imporia ao América dentro de campo. Chegando ao ápice no tricampeonato mineiro de 1928/29/30.

Nos anos iniciais do profissionalismo, 1933 a 1936, nem América nem Palestra conquistaram campeonatos, mas a superioridade palestrina nos jogos se manteria sobre o rival. Eles se enfrentaram 20 vezes, cabendo ao Palestra oito vitórias, contra quatro vitórias americanas e sete empates.

De 1937 a 1942 foram encontrados 20 jogos. Mesmo num período conturbado para o Palestra Itália, quando sofreu com os desdobramentos do Brasil contra a Itália durante a Segunda Grande Guerra Mundial, o América não conseguiu se impor. O

Palestra fechou o seu ciclo de existência com 10 vitórias; o América venceu sete partidas e houve três empates.

Reportagens que repercutiram América contra Palestra

No campeonato de 1922 se encontraram três vezes e o América empatou uma e ganhou as outras. O *Diário de Minas*⁹² cobriu o jogo do dia 16 abril, e relatou que “[...] uma numerosa assistência compareceu no Prado para assistir o embate mais importante do dia: saíu vencedor o América por 4 a 2.

No ano de 1923 apenas um jogo pelo campeonato local. Nesse, o América aplicou a maior goleada até então: 7 a 1. O *Diário de Minas*⁹³ anunciou que “[...] esse encontro estava sendo esperado com grande ansiedade, pela expectativa, que se afigurava a todos, do perfeito equilíbrio dos combatentes”. Entretanto, o Palestra não mostrou “[...] o seu eficiente valor em campo partindo para violência. O desfecho da partida redundou em mais um assinalado triunfo para o vencedor”.

O América continuava sua invencibilidade sobre o Palestra em 1924. No único jogo do campeonato o *Minas Geraes*⁹⁴ relatou “[...] uma partida excelente, movimentadíssima, e como era esperado constituiu o melhor jogo do campeonato, até agora disputado”. Esse jogo já tinha o Palestra como uma equipe de respeito, pois havia sido vice-campeã nos dois últimos campeonatos. Dessa forma, o jornal ponderou observando que o *apertado* “[...] score por que venceu a esquadra americana da bem uma idéia do equilíbrio das forças, que se empanharam arduamente no combate”.

No ano de 1925 houve dois jogos amistosos e nenhum oficial. Só voltariam a se encontrar em 1927, ano em que o Palestra venceria pela primeira e no estádio do América, “[...] por 4 a 1, contra qualquer expectativa da numerosa assistência”, diria o *Diário de Minas*⁹⁵. “A praça de sport do América”, segundo o *Correio Mineiro*⁹⁶, “[...]”

⁹² Diário de Minas. Terça-feira, 18 de abril de 1922. Vida Sportiva, p.2.

⁹³ Diário de Minas. Sábado, 26 de junho de 1923. Vida Sportiva, p.3.

⁹⁴ Minas Geraes. Terça-feira, 23 de junho de 1924. Desportos, p.8.

⁹⁵ Diário de Minas. Terça-feira, 21 de junho de 1927. Esportes, p.2.

⁹⁶ Correio Mineiro. Terça-feira, 21 de junho de 1927. Jogos e Desportos, p.3.

esteve repleta de famílias e de apreciadores do sport bretão”, onde a “torcida de ambos apreciaram a merecida vitória” do Palestra. O *Minas Geraes*⁹⁷, além de enaltecer “[...] a lucta das mais empolgantes até aqui travadas” alertou que “si o Palestra continuar a jogar como no domingo passado será o mais forte adversario para os quadros da Liga, tal é o esforço empregado pelos seus jogadores”.

No ano em que o Palestra se tornaria campeão pela primeira vez, 1928, também foi o ano da virada no perfil estatístico nos jogos contra o América. Nos três jogos do ano, o Palestra venceu todos, sendo dois pelo campeonato oficial; e essa sequência negativa para o América só seria quebrada em dezembro de 1930, 11 jogos após. O segundo jogo no campeonato de 1928, mesmo num dia chuvoso descrito pelo *O Estado de Minas*⁹⁸, “[...] foi assistido por uma enorme assistencia que vibrou de entusiasmo durante todo o decorrer da pugna”. Os 2 a 1 do Palestra foi conquistado numa “lucta muito equilibrada e titânica”.

O Palestra seria bi-campeão inapelável em 1929 e não seria o América o seu maior adversário: em três jogos foram três vitórias palestrinas. Na segunda partida do campeonato *O Estado de Minas*⁹⁹ narrou que “[...] a multidão (FIG.7) que compareceu ao stadium do America soffreu um logro lamentável. Não viu nem um lance de sensação. Nem uma defesa bonita. Nem siquer uma discussão...”. Apesar da “[...] partida tão desinteressante, monotona e sem movimento, o Palestra venceu porque era o mais forte”.

⁹⁷ Minas Geraes. Quarta-feira, 22 de junho de 1927. Desportos, p.9.

⁹⁸ O Estado de Minas. Terça-feira, 11 de dezembro de 1928. No mundo dos sports, p.5.

⁹⁹ O Estado de Minas. Terça-feira, 9 de julho de 1929. No mundo dos sports, p.3.



FIGURA 7: Parte da numerosa assistência no grande match Palestra x América.
Fonte: O Estado de Minas. Terça-feira, 9 de julho de 1929. No mundo dos sports, p.3.

O provável 29º confronto da história de América contra Palestra decidiu o Campeonato da Cidade de 1930. Sem perder um jogo sequer, o Palestra derrotou o América por 2 a 0 e venceu pela terceira vez consecutiva o certame local. O *Estado de Minas*¹⁰⁰ comentou que “[...] os guapos da camiseta verde, souberam impor-se no nosso meio sportivo, pela sua bravura e destemida coragem e por uma disciplina digna de todos os elogios. Ave Palestra! Pela terceira vez campeão da Capital!”.



FIGURA 8: Cena comum nos jogos do estádio do América. Garotos em cima da árvore da rua, torcendo...

Fonte: Estado de Minas. Terça-feira, 2 de setembro de 1930, p.6.

¹⁰⁰ Estado de Minas. Terça-feira, 2 de setembro de 1930, p.6.

O América manteve uma forte equipe no ano de 1931 e, finalmente, conseguiu quebrar o jejum de vitórias contra o Palestra. O primeiro jogo do campeonato oficial entre eles foi amplamente descrito pelo *Estado de Minas*¹⁰¹, pois o Palestra ostentava os três títulos anteriores e o América buscava o primeiro lugar da tabela. No jornal, notou-se o desafogo de uma das partes. “[...] para o América a vitória tem uma grande significação, porque ha muito tempo não conseguia o alvi-verde sobrepujar o Palestra”. Então, testemunhados por uma numerosa multidão, “[...] América e Palestra se bateram como dois leões, enfrentaram-se como dois cavalheiros da idade media que decidiam as questões terçando as espadas”. Foi numa partida dramática que o “América conseguiu a sua mais significativa e brilhante victoria sobre o Palestra Italia”, ao final dos 4 a 3, os torcedores americanos, “[...] tomados de formidavel frenesi avançaram as grades que cercam a cancha para carregarem os triumphadores do importantissimo prelio em cima dos seus hombros”.

Nos primeiros anos profissionais em Belo Horizonte, nem América, nem Palestra conquistaram títulos importantes. No ano de 1935, enfrentaram-se duas vezes, com uma vitória americana e uma derrota. No primeiro encontro do ano, a *Folha de Minas*¹⁰² relatou que “[...] os dois tradicionais rivais ofereceram ao publico um espetaculo aquém das suas possibilidades, falhando assim, a expectativa de que se cercava”. O jogo foi monótono e, “por mais que insistissem, não poderiam proporcionar ao publico uma peleja como de outras vezes já realizaram”.

Voltar a conquistar o campeonato e figurar no rol de equipes vencedoras se mostrava uma tarefa árdua e, por mais que fizessem partidas movimentadas em 1936, América e Palestra não voltariam à primeira colocação. Enfrentaram-se duas vezes no campeonato oficial e cada um venceu uma partida, sendo que a segunda, conforme a *Folha de Minas*¹⁰³, foi disputada no estádio do Barro Preto onde “[...] o América reapareceu frente ao Palestra disposto a se desferrar do revés que soffrera no primeiro turno do campeonato”. Após um “excellente espetaculo de futebol” e algumas paralisações o América triunfou sobre o Palestra por 3 a 1.

¹⁰¹ Estado de Minas. Terça-feira, 16 de junho de 1931, p.6.

¹⁰² Folha de Minas. Terça-feira, 23 de abril de 1935, p.8.

¹⁰³ Folha de Minas. Terça-feira, 6 de outubro de 1936, p.10.

Após 10 anos, o Palestra voltaria a ser campeão em 1940. Diferentemente do América, o clube dos italianos se adaptou ao regime profissionalista e montou uma equipe vencedora, enquanto o América rastejava nas últimas colocações. Noticiado no expediente da *Folha de Minas*¹⁰⁴, após aplicar uma sonora goleada de 6 a 0 no América, o Palestra e o Atlético continuaram “[...] *ostentando a liderança na tabella, agora mais distanciados do segundo colocado, Siderurgica*”, e do terceiro, o Villa Nova. Nota-se, porém, na reportagem algo que dava a dimensão da força e da tradição do América fora dos campos. Apesar de último colocado na tabela, o jornal se dispôs a explicar amplamente a derrota acachapante dos *rubros*, que só perderam por conter uma equipe novata, mas que no futuro voltaria a se impor perante qualquer adversário. Previsão que não se confirmaria.

Houve quem esperasse a qualquer momento um colapso do esquadrão rubro, considerando-se tratar de um quadro em formação, sujeito, portanto a um revés inesperado através de uma contagem ampla. A nossa impressão é de que o America actual conseguindo abrir a contagem, reúne possibilidades para sustentar o placard e só se entregar por uma diferença minima, porque indiscutivelmente nos seus defensores ha sangue e entusiasmo para equilibrar uma partida que se haja iniciado favoravelmente, mas, se o adversario obtiver inicialmente uma vantagem numerica, o “onze” americano cederá facilmente, porque os seus integrantes ainda não possuem o traquejo e a experiencia, a calma e o controle de nervos dos cracks affeitos às peripécias e às surpresas dos grandes embates. E isso só se poderá conseguir com o tempo. O America possui uma equipe bem ajustada de valores novos, que futuramente ganhará classe e experiencia para se impor definitivamente perante qualquer adversario, por mais forte que seja.

Considerações acerca de América contra Palestra

O América sucumbiu a adversários que normalmente vencia. O Palestra Itália se mostrou um rival implacável, marcadamente, a partir do seu primeiro título na cidade, 1928. Apesar de os jornais sustentarem o nome do América, sempre o conduzindo à condição de equipe valorosa e tradicional, sistematicamente, os alviverdes perderam espaço, pois não conquistaram títulos importantes e nem mesmo se mantiveram vencedor frente a Palestra e Atlético.

¹⁰⁴ Folha de Minas. Terça-feira, 3 de dezembro de 1940, p.8.

Mesmo sem títulos e com nítida dificuldade para vencer o Palestra nos anos 1930 e 40, o América ainda era uma equipe de respeito a ser batida. Protegido ou não pela imprensa tinha a consideração dos adversários. Contudo, ainda que fosse um jogo movimentado e de interesse geral, América X Palestra não tinha o tratamento de *clássico*, expressão comum na década de 1930 quando os jornais descreviam as partidas de Atlético X América ou mesmo de Atlético X Palestra.

CAPÍTULO 3

3.1- Os mundos de Atlético e Palestra

Se observarmos a cronologia fria do calendário, diremos que o Atlético Mineiro e o Palestra Itália são equipes nascidas no século XX: 1908 e 1921, respectivamente. Entretanto, se analisarmos os contextos históricos dos períodos em que foram fundados, pode ser que haja diferenças substanciais nos 13 anos que os separam e seja possível inferir duas nações brasileiras balizadas pelos clubes de Belo Horizonte em questão.

Seria 1901 o ano que melhor simboliza o início do século XX? Que fatos históricos podem ter caracterizado a mudança do século XIX para o XX? Em quais circunstâncias, desportos europeus modernistas, como o *foot-ball*, foram assimilados no tropical Brasil? São questões que podem definir 1908 e 1921 como anos significativamente diferentes.

3.1.1- Os anos do Atlético Mineiro

A corrida para o século XX é marcada pelo desenvolvimento científico europeu desde o século XVI até o seu apogeu, em meados de 1870, na chamada Revolução Tecnológica. Ao passo que dominaram com desenvoltura as forças naturais, energia, transportes, comunicações e, principalmente, armamentos, foi criada uma situação privilegiada, que desencadeou uma dominação em dimensões globais “[...] permitindo-lhes impor uma hegemonia apoiada na ideia de uma vocação inata da civilização europeia para o saber, o poder e a acumulação de riquezas” (SEVCENKO, 2006, p.15).

À época, calçados nos ideais de *ordem e progresso*, o mundo seria conduzido, às *rédeas* europeias, a um futuro de abundância, racionalidade e harmonia (SEVCENKO, 2006). O Atlético Mineiro – 1908 – nasceu nesse momento de exímio progresso científico baseado no positivismo, hegemonicamente europeu, e fez parte dos primeiros anos do futebol em Belo Horizonte. A cidade em questão vivia uma ambígua efervescência durante a sua implantação, convivendo com a civilidade aristocrata da alta sociedade e a simplicidade de um povo humilde que aqui vinha se instalando pela oportunidade de trabalho.

A corrida armamentista europeia velava um período de relativa tranquilidade. As relações diplomáticas do final do século XIX e início do XX asseguraram uma atmosfera de convivência intitulada *Paz Armada*, constituída de desconfianças mútuas entre as nações, que dificilmente terminaria sem agressões. Seria o progresso científico capaz de assegurar a paz? Os interesses comerciais não subverteriam as regras de convivência pacífica? Costa e Schwarcz (2007) esclarecem que naquele momento um conflito parecia uma possibilidade esdrúxula em face dos novos avanços técnicos que traziam confiança de um domínio absoluto sobre a natureza e os homens. Era a fantasia do progresso e das civilidades. “[...] E então, num repente inesperado, veio o mergulho no vácuo, o espasmo caótico e destrutivo, o horror engolfou a história: a irrupção da Grande Guerra descortinou um cenário que ninguém jamais previra (SEVCENKO, 2006, p.16). A era de avanços científicos extraordinários culminaria na pior das incivilidades, a Primeira Grande Guerra Mundial, de 1914 a 1918, período posterior à fundação do Clube Atlético Mineiro e anterior ao Palestra Itália.

A conjuntura política brasileira da segunda metade do século XIX apresentava-se na transição da monarquia para república (1889) e sua economia era basicamente agrária, monopolizada pelo café paulista. Segundo Costa e Schwarcz (2007), os ideais democráticos e abolicionistas, proclamados tardiamente em comparação com as outras ex-colônias sul-americanas, fizeram com que a sociedade local sofresse mais com a ambiguidade trazida pelas mudanças. De um lado, a ideia de um país utópico-moderno e progressista e, do outro, uma nação ainda assolada no atraso endêmico. O Brasil dependente economicamente da Inglaterra, monárquico, colonial, escravocrata e agrário sofreria com o progresso civilizatório importado da Europa e implantado *na marra* em algumas cidades, “[...] era hora de reformar cidades, planejar novos inventos, adaptar descobertas; enfim, vestir as diferentes capitais com a nova roupagem que escondia os trópicos e exaltava a modernidade” (COSTA e SCHWARCZ, 2007, p.128). Os obstáculos ao futuro promissor eram enormes e contrastavam com a imagem moderna veiculada pelos governos da época: analfabetismo, pobreza, aversão ao trabalho, miscigenação indesejável, doenças, criminalidade, falta de higiene, dependência financeira e instabilidade política e econômica tornariam a tarefa da senhora república bem complexa.

O fato de o Brasil ter vivido sob os auspícios da monarquia colonialista e escravocrata da família real portuguesa pode ter causado o distanciamento dos efeitos benéficos da modernidade e, também, maléficos, como a Primeira Grande Guerra Mundial. E ainda que a participação brasileira na guerra tenha sido pífia, o acontecimento teve saldo catastrófico para a Europa. Milhões de mortes e uma devastação que geraram reflexos em todo o mundo. Além disso, assistiu-se à ascensão dos Estados Unidos no plano global e ao aparecimento de regimes autoritários em diversas regiões da Europa.

Para o Brasil, a guerra foi algo longínquo. O efetivo brasileiro que lutou no conflito foi pequeno e participou basicamente da área da saúde a partir de 1917. As notícias do *front* chegavam pela imprensa. Para entender o jogo das reportagens da época, podemos nos apoiar na memória de Pedro Nava (1974, p.172), testemunha da guerra de informações na Belo Horizonte nos anos do confronto. Ele, aos 11 anos, conheceu o lado sombrio das “[...] atrocidades alemãs”, que, “massacravam crianças, como Herodes. Matavam mulheres, como Átila. Incendiavam cidades como Nero, degolavam, fuzilavam...”. E conheceu os que, para ele, eram os benfeitores *aliados*, que “[...] iam para a guerra como quem vai a um piquenique. Rindo alto, rindo de braço dado”. A guerra de Nava, aluno numa escola de educação inglesa, era do bem contra o mal, a que ele assistia como uma diversão. O garoto em questão não sabia que a guerra seria um divisor de eras.

Mesmo sem ser destaque no comércio mundial, a pacata vida social brasileira, sobretudo da capital federal, viveu incremento de novos costumes e hábitos, bancados pela euforia do, ainda inseguro, novo regime de governo e pelo surto industrial do início do século XX (COSTA e SCHAWARCZ, 2007). Os principais sítios econômicos e decisórios se estabeleceriam no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Era presumível que suas cidades desenvolvessem primeiramente.

Lentamente o Brasil começava o processo de mudança de país iminentemente rural para urbano. Dessa forma, as ruas das cidades passaram a compor mais intensamente o cotidiano do povo brasileiro. As urbes modernas elegeriam logradouros definidores de suas personalidades, locais de convivência comercial e divertimento. Desde o início do século XX, João do Rio (2007, p.26) já proclamava que “[...] nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a

inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas”. Não adianta procurar o conceito ou definição de *rua* em dicionários ou enciclopédias, porque, para João do Rio (2007, p.15) “a rua é um factor da vida das cidades, a rua tem alma!”. As cidades brasileiras desenvolveriam as suas identidades nas suas ruas modernas e, também, nas vielas lúgubres que não faziam parte do projeto civilizatório.

O Rio de Janeiro, de 1890 até a Primeira Grande Guerra Mundial, se maravilhava com a reurbanização modernista, simbolizada pelo alargamento da Avenida Central, renomeada Rio Branco posteriormente. A capital do Brasil, diriam Costa e Schwarcz (2007, p.28) “[...] parecia corresponder ao surto que ocorria em outras partes do mundo, além de trazer a sensação de que o país estava em harmonia como o progresso e a civilização mundiais”. O orgulho era notável no seu povo: o artista inquirido por João do Rio (2007, p.72) em 1907 resolveu pintar a Avenida Central na parede do botequim no intento de homenageá-la e torná-la “[...] imorredoura. O advento do nosso progresso estatelava-se ali para todo o sempre” naquela pintura comemorativa, pelo menos até o dia em que o próprio governo determinasse a demolição daquela mesma rua do botequim.

A São Paulo de antes da guerra que já era pujante e em franco crescimento, “tornou-se palco privilegiado para transformações socioeconômicas, urbanísticas, físicas e demográficas” no Brasil (COSTA e SCHWARCZ, 2007, p.30), e, por conta disso, sofreu com o passado recente escravista e discriminatório. À época, na *metrópole do café*, como dariam vazão a tanta gente diferente, constituída de negros, brancos, mestiços e estrangeiros instalados em função dela e que no fundo definiria sua identidade? Sevcenko (1992, p.31) nos leva a pensar deliberando que “[...] essa cidade brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados”. São Paulo cresceria ao ponto de se tornar uma das maiores do planeta, crescimento financiado pela indústria emergente e o agronegócio cafeeiro, tornou-se, segundo Lambert (1976, p.108), “[...] a locomotiva do novo país, que puxava 19 carros vazios”.

E Belo Horizonte? Esta, inaugurada em 1897, cortejou o século XX. Não conheceu o Brasil colônia. Republicana e sem escravos, surgiu em moldes modernos e

civilizados. O *Anuario de Minas Geraes*, de 1906, anunciou as instituições que a cidade já continha:

[...] imprensa diária, revistas de Direito, arte e letras, serviço de assistência pública e hospitalar, telegrapho, telephones, teatro, clubs, asylos, collegios, sociedades pias e beneficentes, de sport (tiro e corridas), institutos leigos e religiosos, templos catholicos e protestantes, bibliothecas, hotéis, açougues, policiamento, quartéis, prisões etc.

A propaganda oficial do governo do Estado¹⁰⁵ não previu as mazelas que surgiriam junto à cidade, mas expõe o esforço dos políticos em demonstrar somente os elementos progressistas da moderna capital mineira que, em 1906, tinha população de “[...] quasi 20 mil almas”, mas que fora projetada para uma “população de 200 mil habitantes”.

Entretanto, a Belo Horizonte a que nos referimos são duas, ambas do juiz-forano Pedro Nava, a primeira, Nava (1974), do início da cidade e do noviço Atlético Mineiro, o dito escritor não viveu *in loco*, mas reviveu nas ruas “[...] dos seus mortos” a “urbe poeirenta e pobre de outrora que acabava no Quartel, na Rua Maranhão, na Avenida Paraúna, na Rua Tomé de Sousa, na Rua dos Tupis, na Avenida Paraná, no Mercado, no Arrudas, nos leitos da Central e da Oeste”. “[...] A Avenida Amazonas só tinha quatro quarteirões”. A segunda Belo Horizonte de Nava (1976) é a do Palestra Itália, de quando “[...] tinha dezessete anos e Belorizonte ao meu (seu) alcance”. Dias de “lembrança submarina dos fícus e dos moços que subiam e desciam a Rua da Bahia”. Na rua cheia de vida de Nava “andarão sempre as sombras de Carlos Drummond de Andrade, de seus sequazes, cúmplices, amigos, acólitos, satélites...”. Da intelectualidade, capitaneada pela figura de Drummond, emergia uma cidade próspera e letrada. Para Nava, “[...] todos os caminhos iam à Rua da Bahia, dela partiam vias para os fundos do fim do mundo, para os tramontes dos acabaminas...”.

¹⁰⁵ *Anuario de Minas Geraes*. Belo Horizonte, 1906, p.132.

3.1.2- Os anos do Palestra Itália

Das cinzas da Primeira Grande Guerra brotou uma nova organização geopolítica mundial. Antigos impérios europeus (Germânico, Turco-otomano e Austro-húngaro) ainda ligados a oligarquias de séculos anteriores foram reorganizados. Foi um novo momento que daria forma ao século XX, momento de grandes invenções e das metrópoles. O historiador Nicolau Sevcenko (1992, p.32) observou no pós-guerra a emergência do novo mundo: “seja pela morte, afastamento ou desmoralização dos antigos líderes, uma nova geração emergiu: jovens portadores da “ideia nova”, gente vinda do seio do caos metropolitano e formada nele”.

Garcia (2002) pondera que o novo mundo também mexeu com o Brasil. Se antes da guerra a influência inglesa era incontestada, após a guerra isso mudaria. A Inglaterra e os Estados Unidos lutaram juntos contra a Alemanha e expulsaram os interesses dos alemães do Brasil, porém, apesar de vitoriosos, os ingleses veriam seu domínio comercial ser sobrepujado e assistiriam à ascensão norte-americana sobre a economia brasileira durante os anos entre guerras.

O estado de São Paulo era o motor econômico do Brasil na transição do século XIX para o XX. E, com o fim da escravidão, era preciso o incremento de uma nova fonte de mão de obra, motivado pela crescente demanda de serviço na agricultura e indústria locais. Aliado a isso, o governo brasileiro tinha a intenção de *branquear* a pele do brasileiro, que à época já havia miscigenado entre brancos europeus, ameríndios e negros africanos. Sendo assim, incentivou-se um movimento de imigração de europeus para o Brasil (LAMBERT, 1976).

Até 1915, imigrantes europeus com destino ao Brasil (2,9 milhões) vieram espontaneamente e subsidiados pelo governo. Com ênfase na cafeicultura, enfrentaram o problema colocado pelo processo de transição do trabalho escravo para o livre (ANDRADE et al, 2007). Em Minas Gerais, segundo Pereira (2010), além da agricultura, houve incentivos para a imigração atuar na construção de Belo Horizonte. Por intermédio de propagandas na Europa, o governo brasileiro difundiu uma imagem do Brasil como terra de oportunidades. De 1888 a 1903, segundo o *Annuario de Minas*

*Geraes*¹⁰⁶, o governo do Estado registrou a entrada de 72.788 imigrantes europeus em Minas Gerais, principalmente italianos e espanhóis, sendo que 49.332 chegaram no período de construção da cidade (1893-1897). Dentre os imigrantes que se fixaram na cidade, os italianos formaram a maior parte, e destes, muitos eram profissionais arquitetos, lavradores, paisagistas, empreiteiros, mestres de obras, empreendedores, artistas e comerciantes. Logo se destacariam na indústria e comércio local, trazendo nas suas bagagens a cultura do trabalho.

Se o Atlético Mineiro surgiu numa Belo Horizonte ainda jovem e em construção identitária, o Palestra Itália nasceu com características bem diferentes. O desenvolvimento dos italianos no comércio¹⁰⁷ desde a inauguração da cidade pode ter gerado sentimentos repulsivos por parte da tradicional sociedade mineira. Os itálicos já não eram mais os pobres imigrantes que aqui chegaram somente pela crescente demanda de mão de obra deixada pelos escravos. Sua colônia na cidade, ao final dos anos 1910, era exclusiva e organizada. E, paralelamente ao nacionalismo eclodido na Europa após o fim da Primeira Grande Guerra Mundial, surgiu a *Società Sportiva Palestra Italia*, em 1921, dois anos após o nascimento do partido fascista italiano.

O Palestra Itália existiu no período entre guerras, 1921 a 1942, num “[...] país de atitude esportiva onde pululavam clubes de futebol”¹⁰⁸ e o povo saíra das sombras de suas casas. Na ocasião, alguns acontecimentos de 1918 a 1945 sacudiram o Brasil e o mundo. Especificamente, 1921 é emblemático, pois organiza tudo que em 1922 explodiria em São Paulo. O jovem Pedro Nava (1976, p.318) se preparava: “[...] alguma coisa havia no ar que ninguém entendia, que a Guerra abafara e que a belicosa paz dos vinte ia fazer explodir...”, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral em São Paulo, Drummond em Belo Horizonte, lideraria “uns poucos moços que iam se conhecer, se

¹⁰⁶ Anuario de Minas Geraes. Bello Horizonte, 1906, p.71-72.

¹⁰⁷ “Eram serrarias, marcenarias e carpintarias, fábricas de ladrilhos e marmorarias, fábricas de carros e carroças, tipografias, colchoarias, curtumes, olarias e ferrarias, além de artigos para vestuário, sabão, fundição, caldeirarias funilarias, cervejarias, fábrica de palhas de cigarro e de cigarros” (PEREIRA, 2010, p. 6).

¹⁰⁸ A análise de Nicolau Sevcenko (1992) é acerca da chegada dos esportes e divertimentos modernos em São Paulo, porém este movimento é notado em outras regiões do país.

compreender, desafiar a cidade, serem nela marginalizados”. A turma¹⁰⁹ modernista da *ditirâmbica* Rua da Bahia tinha o *espírito que se movia sobre Minas* e, por atuarem na imprensa local exerceriam influência na opinião pública, ou seja, incomodariam os moldes hegemônicos de manutenção da sociedade.

O Palestra Itália nasceu num turbilhão político-cultural. E por ser um clube de origem italiana, dificilmente ficaria imune às consequências de cada episódio. Com um ano de idade, assistiu aos participantes da Semana de Arte Moderna em São Paulo e os modernistas mineiros chamaram a atenção para o Brasil, para o interno, para o regional, movimento culminado com o Manifesto Antropofágico de 1928, liderado por Oswald de Andrade¹¹⁰, onde ele advertia, em 1928, que *a nossa independência ainda não foi proclamada*.

Sobreviveu à crise mundial de 1929, quando a *Grande Depressão* americana abalou o comércio exterior brasileiro e conseqüentemente a política do *Café com Leite*, sistema de monopólio político que tinha os mineiros e paulistas como protagonistas. Em 1930, testemunharia a implantação do *Estado Novo* liderado por Getúlio Vargas e o aparecimento de novas lideranças políticas (SILVA, 2005).

Os italianos do Palestra, assim como o mundo, acompanhariam o eclodir da Segunda Grande Guerra Mundial em 1939, conflito provocado e liderado pela política expansionista do nazismo alemão e pelo fascismo italiano, representados pelas figuras de Adolf Hitler e Benito Mussolini. Contudo, mesmo defendendo as cores da nação italiana em seu uniforme (verde, vermelho e branco), os palestrinos assistiriam ao governo brasileiro declarar guerra contra a Itália e a Alemanha em agosto de 1942 (PINHEIRO, 1995), fato que levou à extinção do nome de Sociedade Sportiva Palestra Itália, forçada pela conhecida *Lei da Nacionalização* - Decreto-Lei n. 868, de 18 de novembro de 1938 que atingiu as associações filantrópicas, culturais e esportivas em

¹⁰⁹ O grupo artístico cultural “Estrela” da Rua da Bahia (primeira geração modernista) dos anos 20 é formado por Francisco Martins de Almeida, Hamilton de Paula, Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Souza, João Pinheiro Filho, Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, Emílio Moura, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, Dario Magalhães, João Alphonsus de Guimaraens, Milton Campos, Cyro Versiani dos Anjos, Guilhermino Cesar, Ascânio Lopes, Luís Camilo (NAVA, 1976, p.350).

¹¹⁰ O texto Manifesto Antropofágico foi publicado na Revista Antropofagia (ano 1, nº 1) em maio de 1928.

todo o País (FROSI e MAZO, 2012). Em 1944, a Força Expedicionária Brasileira seguiria rumo a Guerra no continente europeu, combatendo forças alemãs em solo italiano (PINHEIRO, 1995).

3.2- *Club Athletico Mineiro X Societá Sportiva Palestra Italia*

A história dos jogos do *Club Athletico Mineiro* contra a *Societá Sportiva Palestra Italia* teve início num período de amadorismo do futebol em Belo Horizonte. Segundo Moura (2010), o futebol foi amador, por estatuto, até 1933. O profissionalismo seria implantado no Brasil, primeiramente no Rio de Janeiro, com a fundação da Liga Carioca de Futebol. Os paulistas acompanhariam a tendência, e o profissionalismo se difundiria para os estados mais próximos, caso de Minas Gerais.

De 1921 a 1942 foram encontrados 79 jogos entre Atlético e Palestra, naturalmente, alguns jogadores foram se destacando, fosse pela facilidade de fazer gols, fosse pelo espírito combativo no meio do campo ou pela segurança demonstrada na função de goleiro.

Alguns jogadores e acontecimentos foram marcantes na história do Atlético e do Palestra dos anos da pesquisa, 1921 a 1942.

A década de 1920 e 30 são os períodos em que surgiram três ídolos atleticanos, o *trio maldito*, Said, Jairo e Mário de Castro, bicampeões em 1926/27 e 1931/32. Eles disputaram 12, 11 e oito jogos contra o Palestra e marcaram, respectivamente, nove, seis e oito gols nesse adversário. O goleiro Cafunga e o zagueiro Evando foram os atleticanos que mais jogaram contra o Palestra. Eles fizeram parte da retaguarda atleticana em 35 clássicos. Na linha de frente, os atacantes Paulista, Nicola, Rezende e Selado estavam presentes nas principais conquistas. E após o *trio maldito*, coube ao dianteiro Guará¹¹¹ a artilharia do Atlético: em 26 participações contra o Palestra, Guará marcou 21 gols e se tornou um dos jogadores mais admirados da equipe.

¹¹¹ O atacante atleticano Guará teve um fim trágico, iniciado numa contusão sofrida na partida de número 60 do Atlético contra o Palestra Itália em 4 de junho de 1939 (o fato consta no texto à frente).

O novato Palestra Itália teve praticamente a mesma formação de 1928 a 1930. Nesse período, Geraldo, Nereu e Rizzo, Bento, Pires e Nininho, Piorra, Ninão, Carazzo, Bengala e Armandinho compuseram a base de uma esquadra que dificilmente perdia para o Atlético. Em cinco jogos, foram três vitórias, um empate e uma derrota. Além disso, o Palestra, em menos de dez anos de fundado, sagrou-se tricampeão local, algo que o Atlético, mesmo com o *trio maldito*, ainda não havia conseguido.

Nessa ascensão palestrina, chamou a atenção a trajetória dos jogadores com sobrenome Fantoni. Eles eram Ninão, Nininho e Niginho. Não foram os que mais partidas disputaram pela equipe, mas, por terem ascendência italiana, transferiram-se para o Lazio de Roma no início da década de 1930. No cálculo, eles se destacaram como: Fantoni I, II e III, e essa movimentação na vida dos Fantoni foi motivo de orgulho e assunto nos jornais de Belo Horizonte, não só pelo futebol, como também pela participação no selecionado italiano nos anos 30 e o envolvimento de Benito Mussolini em suas vidas¹¹². Além da saga dos Fantoni, os jogadores palestrinos que merecem destaque e mais partidas disputaram contra o Atlético são: o goleiro Geraldo I (37), os atacantes Bengala (46), Alcides (35), Caieira (32), Piorra e Calixto (25). Os maiores artilheiros do período palestrino são Niginho, com 19 gols, Bengala, Alcides e Orlando, com 12 gols cada.

A maioria dos 79 jogos entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália foram repercutidos na imprensa de Belo Horizonte:

3.3- 1º Período (8 jogos de 1921 a 1925)

Em 1921, ano de fundação do Palestra, aconteceu o jogo inaugural e, durante quatro anos, o Palestra dispôs em seu plantel, por força do seu regulamento, somente jogadores de nacionalidade italiana ou descendentes.

Na década de 1920, o futebol já era bem popular em Belo Horizonte. Moura (2010), diz que os indícios encontrados nas fontes que consultou, sobretudo imprensa, lhe permitiram afirmar que o futebol já fazia parte da vida de muitos habitantes da

¹¹² Nininho (Fantoni II) foi o único dos três Fantoni a jogar pela seleção italiana, mas não foi convocado para a Copa de 1934. Os outros dois, Ninão e Niginho, foram convocados por Mussolini a lutarem pelo exército italiano, fato que motivou a volta de ambos para o Brasil.

cidade. O veterano Atlético Mineiro representava grupos elitistas tradicionais, e o Palestra Itália era dos itálicos em ascensão social. A dualidade Atlético (tradicionalismo) *versus* Palestra (exclusividade) trouxe algo diferente para o cenário esportivo da cidade.

No período inicial, em que o Palestra Itália contou somente com jogadores *oriundi*¹¹³, 1921 – 1925, Palestra e Atlético se enfrentaram oito vezes, sendo o último no dia 20 de setembro de 1925, acontecido num festival em comemoração à data da reunificação da península itálica, de muita importância para os italianos.

Nesses primeiros oito jogos, notamos vantagem no número de vitórias e gols marcados para o noviço Palestra. Foram três vitórias para o Palestra (15 gols marcados), três empates e duas vitórias do Atlético (11 gols marcados). Ao final deste primeiro período, o Palestra já demonstrara a que veio, enfrentando o Atlético de igual para igual desde o primeiro jogo.

Já, no primeiro jogo da história dos dois clubes, encontramos algum interesse da imprensa para o novo encontro futebolístico da cidade. *Atlético X Palestra* não foi ignorado e não passou despercebido. O *Minas Geraes*, *Diário de Minas* e o *Diário de Notícias* a anunciaram em seus expedientes.

Chama a atenção o fato de os primeiros quatro jogos terem sido noticiados pelos jornais, inclusive com escalação das equipes e descrição das partidas. Não foi possível, porém, notar a presença de algum jogador em destaque pelos periódicos.

¹¹³ Imigrantes italianos que aqui desembarcaram à procura de riquezas, oportunidades de trabalho, refúgio político ou ainda motivados pelo sonho do viver igualitário prefigurado nas utopias anarquistas. Como se sabe, vieram eles aos milhares, legiões de imigrantes que se concentraram nas regiões meridionais do país, mão-de-obra para suprir a necessidade de braços, especialmente nas lavouras de café. Estima-se que entre 1875 e 1914 transferiram-se para o Brasil cerca de um milhão e duzentos mil italianos (QUEIROZ, 2000).

Quadro 2 - Jogo em 17 de abril de 1921

Jogo 1	Local	Competição	Placar
17/04/1921	Prado Mineiro	Amistoso	Atlético 0 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Walter, Furtado, e Alvim; Fernando, Eduardo, Coutinho; Hernani, Zica, Amaral, Minotti e Marcio		
Palestra Itália	Scapelli; Ciccio, Polenta e Chechini; Américo, Kalin, Lino; Spartaco, Nani, Attilio e Henriqueto		
Gols	Attilio (2) e Nani (Palestra)		

O *Diario de Minas*¹¹⁴, de 19 de abril de 1921, sobre o 1º jogo, relata o interesse e a curiosidade que ele, precocemente, causou, terminando com a vitória da *novel associação* Palestra Itália contra o veterano Atlético Mineiro. “Essa partida”, dizia o jornal, “cujo resultado despertava o interesse e a curiosidade geraes, terminou com uma brilhante victoria do Palestra pelo score de 3 a 0”. Seria o prelúdio de um encontro movimentado, digno das maiores atenções jornalísticas.

Quadro 3 - Jogo em 15 de maio de 1921

Jogo 2	Local	Competição	Placar
15/05/1921	Prado Mineiro	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Walter, Furtado, e Alvim; Fernando, Eduardo, Coutinho; Hernani, Zica, Amaral, Minotti e Marcio		
Palestra Itália	Alvaro I, Alvaro II, Furtado, Fernando e Teophilo; Eduardo, Manso, Burjalo, Zica, Ernani, Morgan (Coutinho entrou no 2º tempo)		
Gols	Zica e Coutinho (Atlético); Chechini (Palestra)		

O *Diario de Minas*¹¹⁵, sobre o 2º jogo, descreve a partida como a que mais curiosidade e mais animação despertou no dia esportivo e já via a formação, há dias, de certa rivalidade “[...] entre o club da colônia italiana e o tradicional Athletico Mineiro”. Clima criado devido à derrota do Atlético para o Palestra no jogo inaugural, e decretou a transformação dessa importante partida numa das boas assistidas em Belo Horizonte, onde “[...] degladiaram com animação as forças contendoras”.

¹¹⁴ Diário de Minas. Terça-feira, 19 de abril de 1921, seção Vida Sportiva, p.2.

¹¹⁵ Diário de Minas. Quarta-feira, 18 de maio de 1921. Vida Sportiva, p.2.

Quadro 4 - Jogo em 11 de setembro de 1921

Jogo 3	Local	Competição	Placar
11/09/1921	Prado Mineiro	Campeonato da Cidade	Atlético 1 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Felicissimo, Furtado, Fernando, Teophilo, Zica, Burjalo, Zezé, Avelino, Eduardo, Rui, Titita		
Palestra Itália ¹¹⁶	Cicarelli, Ciccio, Pulenta, Nani, Atilio, Armandinho, Furtadinho		
Gols	Zica (Atlético); Armandinho (Palestra)		

Aos poucos o jogo Atlético contra Palestra adentrava o gosto do cidadão de Belo Horizonte. O terceiro jogo foi relatado pelo jornal *Diario de Minas*¹¹⁷, de 11 de setembro de 1921, como “[...] o jogo mais importante do campeonato” organizado pela liga mineira. O jogo terminou empatado em 1 a 1, mas “foi um match movimentado e cheio de interesse, em que o Palestra e o Athletico souberam por á prova os seus requisitos de technica e treinamento”.

Quadro 5 - Jogo em 12 de março de 1922

Jogo 4	Local	Competição	Placar
12/03/1922	Prado Mineiro	Torneio Amistoso	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Feliciano, Odilon, Piquito, Quetinho, Porfírio, Teophilo, furtadinho, Titita, Zica, Ivo e Coutinho		
Palestra Itália	Eugenio, Cicio, Pulenta, Camardelli, Cali, Quiquino, Armandinho, Chicarelli, Nani, Nello, ?		
Gols	Coutinho (2) (Atlético); Nani (Palestra)		

Não houve maiores interesses para este jogo amistoso. O *Diario de Noticias*¹¹⁸ definiu que “[...] parecia mais um treino do que uma partida de foot-ball, pois os “teams” não mostraram technica nem resistencia”.

As partidas de números 05, 06, 07 e 08 (acontecidas de 1922 a 1925), apesar de algumas notas no *Minas Geraes*, não obtiveram destaque. As descrições foram breves e

¹¹⁶ As escalções dos dois times foram encontradas no jornal Diário Popular, de segunda-feira dia 12 de setembro de 1921, *Chronica Sportiva*, p.4. Porém, o jornal não descreveu a atuação de todos os jogadores do Palestra, ficando incompleta a escalação.

¹¹⁷ Diário de Minas. Terça-feira, 13 de setembro de 1921. *Vida Sportiva*, p.3.

¹¹⁸ Diário de Notícias. Segunda-feira, 13 de março de 1922. *Chronica Sportiva*, p.2.

se limitaram a pequenas observações, sem se notabilizarem acontecimentos importantes. Nas fontes de pesquisa consultadas ou mesmo em *sites* esportivos e livros memorialistas do futebol de ambos, não encontramos os relatos, escalações e goleadores desses jogos.

As informações apuradas para estes jogos foram:

Jogo 05: Campeonato da Cidade, 21/05/1922, Atlético 0 X 1 Palestra.

Jogo 06: Amistoso em 12/11/1922, Atlético 2 X 2 Palestra.

Em pequena nota o *Minas Geraes*¹¹⁹ do dia 11 de novembro de 1922 avisou, à época, que “[...] às 14 horas medirão forças as esquadras do Palestra e Athletico, para conquista da *Taça Concordia*”, e, na edição do dia 15/11/1922¹²⁰, em breve comentário, noticiou que o “[...] Athletico e o Palestra empataram por 2 X 2”.

Jogo 07: Amistoso em 06/05/1923, Atlético 1 X 1 Palestra.

Esse jogo aconteceu na festa de inauguração do estádio do América F.C. no dia 06 de maio de 1923 e figurou como preliminar do jogo principal entre o América Mineiro e o América do Rio de Janeiro. O *Minas Geraes*¹²¹ cobriu a grande festa americana, que mesmo assim não desprezou a força local de Atlético e Palestra: “[...] a primeira partida do dia feriu-se entre as treinadas equipes do “Athletico Mineiro” e do “Palestra Italia”, os dois valorosos clubs locais”. O jornal relatou um jogo bem movimentado, terminado 1 a 1.

Jogo 08: Em 20/09/1925, Atlético 3 X 5 Palestra.

Digamos que o período italiano do Palestra se encerrou em grande estilo. Para comemorar a “gloriosa ephemeride de XX de setembro de tão grande significação para os italianos”, foi organizado um festival no Estádio do Palestra, onde o evento de maior importância seria um jogo amistoso entre os donos da casa e o Atlético. Esse encontro foi descrito e anunciado pelo *Minas Geraes*¹²² como “duas valorosas esquadras” em condições de revestir o aludido festival de raro brilhantismo.

¹¹⁹ Minas Geraes. Sábado, 11 de novembro de 1922. Desportos, p.6.

¹²⁰ Minas Geraes. Quarta-feira, 15 de novembro de 1922. Desportos, p.6.

¹²¹ Minas Geraes. 7 e 8 de novembro de 1923. Desportos, p.6.

¹²² Minas Geraes. 18 de setembro de 1925. Desportos, p.12.

Considerações sobre o 1º Período

O início da história dos jogos é contornado por um mundo ainda se refazendo das cinzas advindas do final da Primeira Grande Guerra Mundial. O Brasil ainda estava sob a *política do Café com Leite* com a eleição do mineiro Artur Bernardes para presidente, em 1922, mas alguns setores da sociedade começavam a se organizar contra essa política, caso dos levantes tenentistas de São Paulo e da Coluna Prestes do Rio Grande do Sul, ambos em 1924. A insatisfação foi demonstrada também nas artes, tendo como palco principal a Semana de Arte Moderna, de 1922, acontecida no Teatro Municipal de São Paulo, refletindo em toda a nação.

O mundo foi sacudido, em 1922, com a implantação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a ascensão política nacionalista do fascismo italiano, representado pela figura do Primeiro Ministro Benito Mussolini. Na Alemanha, surgiu a liderança de Adolf Hitler do partido nazista, com planos imperialistas horripilantes para o futuro. Nas artes, o principal movimento foi o Manifesto Surrealista liderado por André Breton.

À primeira vista, ter Mussolini como líder italiano transformou a colônia italiana num grupo mais exclusivista ainda, pois a figura forte e eloquente do *Duce*, exaltando as qualidades dos itálicos em todo o mundo, ajudou na formação do Palestra Itália de Belo Horizonte, porém, pode ter despertado o sentimento de repulsa por parte do restante da população. Ao mesmo tempo em que os italianos do Palestra participavam intensamente da sociedade local, também criava animosidades, esse sentimento, provavelmente foi transportado para o futebol.

Para além dos resultados esportivos, pois não se pode dizer que Atlético e Palestra obtiveram títulos expressivos até 1925, período em que assistiram à hegemonia do América na cidade, podemos indiciar que o Palestra provocou curiosidade, interesse e estranhamento gerais se promovendo e envolvendo-se em diversas ações sociais na cidade. Entre os festivais de autoria da diretoria palestrina estão: o de março de 1922 (4ª jogo) em benefício da Santa Casa de Misericórdia da Capital e o festival desportivo em comemoração à data de 20 de setembro italiana, acontecido em 1925 (8º jogo). Tais atos promocionais podem ter influenciado na consolidação e afirmação identitárias do clube

italiano na elite do futebol local e os preparou para ser um dos grêmios mais populares, ao ponto de desafiar a tradição de Atlético e América no campo de jogo.

Entretanto, o exclusivismo italiano acabaria. Segundo Couto (2003), o Palestra, com o intuito de se aproximar dos *bons* jogadores brasileiros e de se identificar com o restante da população, em 1925, além de retirar a cláusula do seu estatuto que proibia a participação de outras descendências em seu quadro de atletas, adotou o nome aporuguesado Sociedade Sportiva Palestra Itália.

3.4- 2º Período (17 jogos de 1926 a 1933)

Embora mudanças significativas ocorressem durante os anos vinte na direção da profissionalização do futebol, o amadorismo prevaleceu durante a década, marcada por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo via subsídios para os jogadores (LEVINE, 1982). O movimento em prol da profissionalização parecia irreversível, mesmo que houvesse pressões pela manutenção do *status* amador por parte de diretores de clubes de elite, caso do América mineiro, o cenário era de mudança. Souza Neto (2010, p.114) é enfático: “[...] da assistência fidalga dos primeiros anos do futebol na Capital mineira, pouco restara”.

Os anos anteriores à profissionalização do futebol, segundo Moura (2010), foram marcados por intensos debates veiculados pela imprensa no Brasil e em Belo Horizonte. Muitos foram os discursos pró e contra à profissionalização, mas o ambiente se encaminhava para a legalidade da profissão de *footballers*. Alguns jogadores já *viviam da bola* ou tiravam vantagens econômicas dela; aos que se destacavam em campo havia respeito e reconhecimento na cidade e, dessa forma, começavam a cultivar admiradores na assistência, que se mostravam cada vez mais numerosos. De 1927 a 1932, Couto (2003, p.45), diz que “[...] o futebol mineiro passou por uma fase de transição entre o amadorismo e o profissionalismo”. Belo Horizonte¹²³ e o futebol eram outros ao final da década de 1920, ambos *modernos* e popularizando-se.

¹²³ O período que vai do final da década de 1920 ao final da década de 1930, (...) marca, na história de Belo Horizonte, uma fase de intenso crescimento urbanístico e populacional, com a superação, em diversos aspectos, da cidade provinciana das primeiras décadas do século XX (SILVA, 2009, p.25).

Na fase semiprofissional, Atlético e Palestra se enfrentaram 17 vezes. Nesses jogos, foi possível notar ampliação da cobertura jornalística diferente do período anterior. Mais uma vez, porém, o equilíbrio marcou as estatísticas. Em mais de 10 anos de confrontos não notamos um deslanche no número de vitórias de um time sobre o outro. Dos 17 encontros notados foram oito vitórias e 45 gols do Atlético, três empates e seis vitórias e 33 gols do Palestra.

Moura (2010) elenca os jogadores alçados à condição de ídolos de suas torcidas nesse período amador. No caso do Atlético, são lembrados, principalmente, Said, Jairo e Mário de Castro, intitulados pela imprensa como o *trio maldito*, eles são os maiores goleadores atleticanos nos 19 jogos analisados, somando 22 gols entre eles. E, no Palestra, destacaram-se, Nininho, pela forma que se entregava aos jogos e os tricampeões (1928 a 1930) Ninão, Carazo, Bengala, Armandinho e Piorra.

Em relação aos jogos, notamos um hiato de quase dois anos sem jogos entre Atlético e Palestra, a saber: o jogo oito aconteceu a 20/09/1925; o próximo seria no dia 14/08/1927. Nesse jogo nove, o Palestra já contaria com jogadores brasileiros e valeria pelo Campeonato da Cidade. Os jornais que cobriram os jogos do período semiprofissional foram, basicamente, o *Minas Geraes*, *Diario de Minas*, *Diario de Noticias*, *Estado de Minas*, *Diario Mineiro* e *Correio Mineiro*.

Quadro 6 - Jogo em 14 de agosto de 1927

Jogo 9	Local	Competição	Placar
14/08/1927	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 4 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Ruy; Chiquinho e Brant; Franco, Ivo e Hugo; Getulinho, Said, Jairo, Orion e Cardoso		
Palestra Itália	Geraldo; Rizzo e Gil; Pararaio, Porphyrio e Nino II; Piorra, Nani, Quiquino, Bengala e Armandinho		
Gols	Getulinho, Said (2) e Mário de Castro (Atlético) Quiquino e Nani (Palestra)		

No primeiro jogo dessa fase, nono da história, talvez, mais importante do que o resultado, 4 a 2 para o Atlético, foi o entusiasmo da “[...] extraordinária assistência”,

destacado pelo *Minas Geraes*¹²⁴ e o fato de o jogo ter sido “ansiosamente esperado pelo nosso mundo desportivo”.

O jornal *Correio Mineiro*¹²⁵ descreveu minuciosamente a partida. A “[...] assistência foi calculada em cerca de 5 mil pessoas e foi magnífica a torcida que ambos os clubs levaram ante-hontem ao campo”. Interessante no relato do jornal é a descrição de atitudes reprováveis de torcedores palestrinos e atleticanos, desencadeando em confusão entre as torcidas depois de terminado o jogo. Vale destacar que era apenas o jogo de número 9 entre os clubes e já havia rivalidade entre as torcidas:

(...) Nas archibancadas do lado da torcida atleticana, alguns elementos “indesejáveis” começaram a cometer disturbios que provocou a reação de alguns palestrinos exaltados, chegando o conflito a tomar proporções bem desagradáveis. (...)

(...) O que não podemos deixar de lamentar é a attitude de alguns torcedores do Palestra que intervieram no conflicto de maneira desastrosa, não respeitando nem as distinctas senhorinhas que se achavam nas archibancadas. (...)

É possível presumir pelo menos uma parte da assistência nada fidalga nesse jogo. Intitulados *indesejáveis*, os torcedores, ao invés de se comportarem como *gentlemen*, obrigaram o jornal a utilizar de expressões que lembravam uma confusão generalizada: *distúrbios*, *exaltados*, *desagradáveis*, *desastrosa* foram algumas das palavras que definiram o comportamento da torcida atleticana e palestrina.

Quadro 7 - Jogo em 27 de novembro de 1927

Jogo 10	Local	Competição	Placar
27/11/1927	Estádio do América	Campeonato da Cidade	Atlético 9 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Perigoso; Chiquinho e Brant; Franco, Ivo e Hugo; Getulão, Said e Jairo, Mario e Getulinho		
Palestra Itália	Geraldo; Pararaio e Rizzo; Porphyrio, Osti e Nino II; Piorra, Nani, Nino I, Bengala e Armandinho		
Gols	Said (2), Jairo (3), Mário (3), Getulinho (Atlético) Nino I e Bengala (Palestra)		

¹²⁴ Minas Geraes. Terça-feira, 16 de agosto de 1927. Desportos, p.11.

¹²⁵ Correio Mineiro. Terça-feira, 16 de agosto de 1927. Jogos e Desportos, p.3.

Supomos que o décimo jogo, disputado em 27/11/1927, pouco mais de dois meses após, significou um encontro mais acalorado em função da confusão acontecida anteriormente. Esse jogo, além da expectativa provocada pela imprensa, marcaria o primeiro bicampeonato atleticano (1926/27) e a maior goleada sobre o Palestra até então, 9 a 2.

No *Minas Geraes*¹²⁶, observamos a expectativa para o encontro: “[...] o glorioso alvi-negro terá, domingo, um dos seus mais importantes encontros”; vencer o Palestra valeria a conquista do primeiro bicampeonato atleticano. Após o jogo, o mesmo *Minas Geraes*¹²⁷ relataria o estádio “[...] onde se verificou a lucta, repleto de *torcedores*, salientando-se o elemento feminino. Pela segunda vez, coube ao Club Athletico Mineiro o título de campeão de Bello Horizonte”.

O *Diario de Minas*¹²⁸ também cobriu a goleada: “[...] o Athletico vence brilhantemente venceu a valorosa equipe da S. S. Palestra Italia”.

Havia naquele momento, uma transição. O público fidalgo estava se misturando ao mais popular, o futebol se reinventava. O rebuscado ficava por conta da escrita dos jornais, como na descrição da torcida de algumas senhorinhas que estavam presentes na goleada do Atlético sobre o Palestra no dia 27 de novembro de 1927 pela *Gazeta Esportiva*¹²⁹:

O Athletico procurava abater o seu leal adversario, o Palestra. Uma onda de entusiasmo sem par tinha invadido aqueles corações, enchendo-os de impetuosa emoção. Dentre estas delicadas flores, que ornavam o campo do alvi-verde, a senhorita M. L., da srna G. Dias salientava-se pelo seu genial modo de torcer, ora gesticulando graciosamente, ora, em baixa voz, aprovando o jogo do quadro alvi-negro. [...] Eram três mocinhas, que, talvez desprezando os gritos e algazaras da torcida, conversavam calmamente, durante o encontro de domingo ultimo. Uma dellas, sabemos chama-se D. H. falavam do valor de alguns jogadores do Athletico e do Palestra.

¹²⁶ Minas Geraes. Sexta-feira, 25 de novembro de 1927. Desportos, p.8

¹²⁷ Minas Geraes. Terça-feira, 28 e 29 de novembro de 1927. Desportos, p.10.

¹²⁸ Diario de Minas. Terça-feira, 29 de novembro de 1927. A nota esportiva, p.2.

¹²⁹ Gazeta Esportiva. Sábado, 10 de dezembro de 1927, p.3.

Frequentar o estádio passava, ao poucos, a ser programa acessível a muitos. A figura do torcedor substituíra a mera presença nas arquibancadas.

Quadro 8 - Jogo em 2 de setembro de 1928

Jogo 11	Local	Competição	Placar
02/09/1928	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Perigoso, Evandro e Chiquinho; Cordeiro, Brant e Hugo; Getulio, Said, Jairo, Mario e Jasminor		
Palestra Itália	Albino, Rizzo e Nereu; Morgante, Carazzo e Nininho; Piorra, Nino, Zezinho, Bengala e Morgantinho		
Gols	Said e Mário de Castro (Atlético)		

Após seis vice-campeonatos seguidos (1922/23/24/25/26/27) e a histórica goleada sofrida em 1927, o Palestra Itália sagrar-se-ia tri-campeão da cidade (1928/29/30). E, se no primeiro jogo do campeonato de 1928 o Atlético venceu por 2 a 0, em seguida, o Palestra só seria derrotado novamente em 1931 (quatro jogos após). Nesse período, os destaques trazidos pelos jornais (a seguir) são notabilizados por uma maior ênfase na divulgação e descrição mais entusiástica dos jogos entre Atlético e Palestra.

O 11º jogo, acontecido a 02 de setembro de 1928, foi sucedido de grande celeuma, causada por uma carta publicada na seção *A Pedidos* do jornal *O Estado de Minas*, supostamente escrita por um palestrino após a derrota por 2 a 0 do Palestra. Nela são observadas injúrias e insensatezes contra o Atlético, mas a diretoria do Palestra refutou a atitude e se pronunciou negativamente sobre o acontecido. Independentemente da autoria, o uso da carta pelo jornal esquentaria o clima entre as equipes, capaz de “[...] crear uma athmosphera de rivalidades e odios”.

[...] Nenhum palestrino, digo mais, nenhum sportman seria capaz de escrever aquillo. Certamente, foi obra de espírito mal intencionado com o objectivo evidente de crear, em torno do glorioso Palestra, uma athmosphera de rivalidades e odios. Depois do jogo do dia dois do corrente, entre o Athletico e o Palestra houve, é exacto, pessoas que, em nome do Athletico, se excederam, transpuzeram o limite do razoavel e da decencia. Mas, não foi obra do Athletico e nem dos athleticanos. Quem guarda no seu activo, tradições gloriosas e cavalheirescas como o Athletico Mineiro não pode descer até onde foi os exaltados.¹³⁰

¹³⁰ O Estado de Minas. Terça-feira, 11 de setembro de 1928. No Mundo dos Esportes, p.6.

A expectativa para o jogo no *Minas Geraes*¹³¹ trazia o “[...] Grande Encontro de hoje entre o Palestra e o Athletico. O glorioso campeão de 1927 enfrentaria a esquadra mais homogênea do presente campeonato” e que se mantinha invicta.

Para demonstrar a ansiedade causada pelo jogo, vale destacar as palavras de *O Estado de Minas*¹³².

Nunca se viu em Belo Horizonte um tal entusiasmo por uma partida de foot-ball, como o que se vem verificando em torno do grande encontro de hoje entre as esquadras do Athletico, campeão da cidade, e do Palestra, ponteiro da tabella.

O *Minas Geraes*¹³³ não economizou na descrição do jogo. “[...] Foi um espetáculo devéras surprehendente o que a nossa Capital teve oportunidade de assistir domingo”. Para relatar o primeiro revés sofrido pelo Palestra Itália no ano de 1928, o jornal chamou de luta de leões o encontro. As arquibancadas e adjacências comprimiram a “[...] animada e entusiastica *torcida*, calculada em mais de 10.000 pessoas”. A vitória atleticana foi recebida “[...] por entre demonstrações de alegria e jubilo por milhares de alvi-negros, assinalando um facto de grande importância”.

Quadro 9 - Jogo em 16 dezembro de 1928

Jogo 12	Local	Competição	Placar
16/12/1928	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Donorte, Binga e Romeu; Cordeiro, Brant e Ivo; Dalmy, Said, Jairo, Mario e Geraldino		
Palestra Itália	Albino, Nereu e Rizzo; Morgante, Osti e Nininho; Piorra, Ninão, Zezinho, Bengala e Armandinho		
Gols	Said e Mário de Castro (Atlético); Armandinho e Ninão (Palestra)		

Duas edições do *Minas Geraes* noticiaram “[...] o esperado encontro entre as poderosas esquadras: Athletico X Palestra”. Os jornais destacaram que o encontro “[...]

¹³¹ Minas Geraes. Domingo, 2 de setembro de 1928. Desportos, p.23

¹³² O Estado de Minas. Domingo, 2 de setembro de 1928. No mundo dos sports, p.7.

¹³³ Minas Geraes. Terça-feira, 3 e 4 de setembro de 1928. Desportos, p.10.

vem despertando grande entusiasmo nas rodas desportivas de Belo Horizonte¹³⁴”. E, “[...] a julgar-se pelo valor das duas esquadras, será, sem duvida, renhido e cheio de bellos lances¹³⁵”.

Mesmo tendo sido um dia chuvoso “[...] os sportmen da Capital affluiram em massa ao *field* do Palestra. Em *O Estado de Minas*¹³⁶ há descrição de que “[...] raramente o mundo sportivo da capital tem o ensejo de apreciar a um encontro de football como o de ante-hontem”. O jornal notou a torcida dividida em “duas facções, que vibrava com entusiasmo, ovacionando o nome de seus predilectos”: no Atlético, Jairo, Said e Mário de Castro e no Palestra Itália, Nininho, Ninão e Bengala. A partida terminaria 2 x 2.

Quadro 10 - Jogo em 16 de junho de 1929

Jogo 13	Local	Competição	Placar
16/06/1929	Estádio do Atlético	Campeonato da Cidade	Atlético 1 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Oswaldo, Chiquinho e Binga; Cordeiro, Brant e Ivo; Dalmy, Jairo, Said, Mario e Cunha		
Palestra Itália	Geraldo, Nereu e Rizzo; Bento, Pires e Nininho, Piorra, Ninão, Zezinho, Bengala e Armandinho		
Gols	Jairo (Atlético); Bengala (2) Ninão (Palestra)		

O *Minas Geraes*¹³⁷, na expectativa para o 13º jogo entre Atlético e Palestra, em seu expediente do dia 09/06/1929, destacou em sua página esportiva algo que já se mostrava corriqueiro: “[...] promete ser brilhante e vem sendo aguardado com muita ansiedade pelo mundo desportivo de Belo Horizonte”.

Para relatar o jogo, vitória do Palestra por 3 a1, verificamos reportagens extensas em dois jornais da cidade, *Minas Geraes e Diario de Minas*.

¹³⁴ Minas Geraes. Sábado, 15 de dezembro de 1928. Desportos, p.11.

¹³⁵ Minas Geraes. Domingo, 16 de dezembro de 1928. Desportos, p.17-18.

¹³⁶ O Estado de Minas. Terça-feira, 18 de dezembro de 1928. No mundo dos sports, p.3.

¹³⁷ Minas Geraes. Sexta-feira, 7 de junho de 1929. Desportos, p.11.

O *Minas Geraes*¹³⁸ traz um relato-crônica, em que explora todos os acontecimentos que circundavam o encontro futebolístico entre Atlético e Palestra. O jornalista abusou das metáforas que sugeriam o quão grande e importante era o movimento para esse jogo.

O domingo esportivo despovoou muito cedo o centro da cidade. Bello Horizonte ficou sendo o campo do Athletico. Ao meio dia, a multidão da torcida começou a movimentar-se. Automóveis cheios. Onibus andando pesadamente. Subindo o morro, grandes grupos de gente apressada davam a idea de uma emigração penosa.

Aos poucos as arquibancadas do Estádio do Atlético se enchiam e as previsões começavam: “[...] 15.000 ... 18.000 De um lado da archibancada a torcida do Athletico, a maior da cidade. Do outro, a do Palestra”. E como quem ia para uma guerra, “as torcidas entreolham-se. Palestra! Athletico!”. Perto do fim do jogo os atleticanos começaram a retirar-se e “a archibancada começa a esvaziar-se”, ainda dando tempo de “algumas brigas de torcedores. Murros e confusão”. Para finalizar o texto, o jornalista concluiu:

O encontro do Club Athletico Mineiro e Palestra Italia, despertando geral entusiasmo na cidade, fez accorrer à esplendida praça de sports da rua Bernardo Guimarães uma multidão considerável, calculada em mais de 20.000 pessoas. Forças que se equilibram, as adextradas equipes disputantes apresentaram um jogo cheio de lances, emoções e entusiasmo, digno da melhor crítica.¹³⁹

O jornal *Diario de Minas*¹⁴⁰, também cobriu o jogo, mas se ateve somente à disputa, destacando a “[...] infeliz actuação do conjuncto alvi-negro, que se mostrou pouco treinado e despido de qualquer entusiasmo”, não conseguindo fazer frente à “ardente vontade” do Palestra. Os nomes dos jogadores foram explorados durante a reportagem, “Geraldo!!, Oh! Jairo!, Bengala perde...”, algo que não aconteceu no *Minas Geraes*.

¹³⁸ Minas Geraes. Terça-feira, 10 e 11 de junho de 1929. Desportos, p.12-13.

¹³⁹ Minas Geraes. Terça-feira, 10 e 11 de junho de 1929. Desportos, p.12-13.

¹⁴⁰ Diario de Minas. Terça-feira, 11 de junho de 1929, p.3.

Quadro 11 - Jogo em 17 de novembro de 1929

Jogo 14	Local	Competição	Placar
17/11/1929	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 5 Palestra
Atlético Mineiro	Oswaldo, Evandro e Binga; Cordeiro, Brant e Ivo; Dalmy, Orlando, Jairo, Mario e Cunha		
Palestra Itália	Armando, Nereu e Rizzo; Bento, Pires e Nininho; Piorra, Ninão, Carazzo, Bengala e Armandinho		
Gols	Jairo e Orlando (Atlético); Armandinho, Ninão (2), Bengala, Binga (contra) (Palestra)		

Estádio lotado nos jogos Palestra contra Atlético já não era novidade em 1929. E como o Palestra ostentava o título de campeão da cidade de 1928, tornava o encontro ainda mais esperado. O 14º jogo seria declarado pelo *Minas Geraes*¹⁴¹: “[...] o maior instante sportivo de 1929”. O Atlético reconhecido pelo jornal “com a maior torcida de Bello Horizonte e o Palestra com uma porção de meninas bonitas vibrantes”.

Atlético X Palestra, afinal, que jogo é esse? “[...] Para nossa gente o maior do mundo”. O que é o Atlético? “Uma espécie de democracia resistente, que as derrotas não alteram. Isto é o Athletico”. O que é o Palestra? “É uma porção de brasileiros que alguns torcedores consideram como italianos. Principalmente no dia do jogo. Por teima. Para contrariar”. Que sentimentos este jogo provoca? “Vontade de rir e de chorar. Mistura horrível. Uma coisa que nem Deus seria capaz de exprimir. O povo esperando. A maior ansiedade de 1929. Os athleticanos convencidos de bater. O Palestra certo de bater”. Ao final, 5 a 2 para o Palestra, “a rapaziada do Palestra conquistou facilmente as sympathias do povo de Bello Horizonte”.

O *Estado de Minas*¹⁴², além da descrição do jogo, testemunhou o entusiasmo que a cidade viveu para esta partida: “[...] raramente se tem visto tão numerosa assistencia como a que affluu ao campo do Palestra. Mais ou menos, 10.000 pessoas enchiam as varias dependencias do ground, apresentando ambas um aspecto festivo”. Além de um grande jogo, Atlético e Palestra movimentava a cidade, era motivo de discussões nas ruas. Enfim, a maior festa da cidade.

¹⁴¹ Minas Geraes. Terça-feira, 18 e 19 de novembro de 1929. Desportos, p.11.

¹⁴² Estado de Minas. Terça-feira, 19 de novembro de 1929, p.5.

Quadro 12 - Jogo em 1º de junho de 1930

Jogo 15	Local	Competição	Placar
01/06/1930	Estádio do Atlético	Campeonato da Cidade	Atlético 1 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Donorte (Quito), Evandro e Caneca; Cordeiro, Brant e Barros; Geraldino, Said, Mário, Jairo e Cunha		
Palestra Itália	Geraldo, Nereu e Rizzo; Bento, Pires e Nininho, Piorra, Ninão, Carazzo, Bengala e Mariano		
Gols	Mário (Atlético); Piorra e Carazzo (Palestra)		

15º jogo em 1º de junho de 1930. O último da série invicta do Palestra sobre o Atlético. O *Minas Geraes*¹⁴³ trazia a expectativa que o jogo provocava e advertia:

Sim, é hoje. Data historica. O maior dia deste anno. Gente vibrando de entusiasmo puro. E outros misturando entusiasmo com ambição. Grandes apostas no Athletico e no Palestra. Segunda-feira, novos ricos. E sujeitos tristes, exactamente como aquelles que gastam tudo no Carnaval.

A alegria caberia a apenas um time, “[...] Afinal, Palestra e Athletico. Hoje tudo pegará fogo”. Em 1930 o jornal já alertava, Palestra contra Atlético “nunca precisou de propaganda”.

O *Minas Geraes*¹⁴⁴ não tinha dúvida: “[...] O jogo Palestra e Athletico é o que consegue reunir em campo o maior numero de pessoas”. A torcida de velhos italianos mal sabia torcer, “si o Palestra shootava por cima: - Per La madona. Impossibile. Athletico, a maior torcida da cidade. O Palestra tinha um terço da assistencia”. Enfim, a maior conclusão do jornal, ao final de mais uma vitória palestrina, foi declarar que o “[...] Palestra foi inventado em Bello Horizonte para vencer sempre o Athletico”. Enfim era algo que já incomodava os alvi-negros.

O expediente do *Diario de Minas*¹⁴⁵ de 03/06/1930 observou que a última partida do Palestra X Atlético “[...] foi a melhor partida já realizada este anno em nossos campos, constituindo o espetáculo desportivo mais empolgante dos últimos tempos”. O

¹⁴³ Minas Geraes. Domingo, 1º de junho de 1930, p.12.

¹⁴⁴ Minas Geraes. Terça-feira, 02 e 03 de junho de 1930. Desportos, p.11.

¹⁴⁵ Diário de Minas. Terça-feira, 03 de junho de 1930. Uma partida de futebol bem disputada, p.3.

estádio recebeu “[...] cerca de 12.000 pessoas que se comprimiam nas vastas dependências da praça de desportos do Athletico”.

No ano de 1931 foram realizados sete jogos entre Atlético e Palestra, um recorde de encontros até então. Houve repercussão assídua nas páginas do *Minas Geraes* e *Estado de Minas*. Além destes, coube ao *Diario da Tarde*¹⁴⁶ de 14 de fevereiro, a convocação mais chamativa para o primeiro jogo de 1931.

No momento de fecharmos a presente edição, soubemos com segurança que estão sendo entabuladas negociações para um encontro de foot-ball entre os mais fortes rivaes da cidade: -- Club Athletico Mineiro e Sociedade Sportiva Palestra Italia, no proximo dia 1º de Março.

Quadro 13 - Jogo em 1º de março de 1931

Jogo 16	Local	Competição	Placar
01/03/1931	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 3 x 4 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Evandro e Binga; Cordeiro, Brant e Mario Gomez; Naná, Said, Orlando, Chaffyr e Cunha		
Palestra Itália	Geraldo, Nereu e Gil; Bento, Pires e Nininho; Piorra, Ninão, Carazzo, Niginho e Bellini		
Gols	Cunha e Naná (Atlético); Ninão (2), Piorra e Carazzo (Palestra)		

No expediente do dia 1º de março de 1931, o *Minas Gerais*¹⁴⁷ demonstrou a rivalidade *footballistica* explícita entre os “[...] mais fortes adversários das canchas mineiras”, o que provocou exagerado entusiasmo pré-jogo. O *excessivo clubismo* justificava plenamente “o vivo interesse com que os bellorizontinos apreciadores do association aguardavam o encontro de logo mais”.

No *Estado de Minas*¹⁴⁸ a expectativa para a maior *pugna* do ano.

E foi tão somente para esta lucta que os interessados do football viveram toda a semana. Só se falou de Palestra. Só se falou de Atlético. Nas esquinas, nos bondes, nos cafés, nos meio-fios, em toda parte, grupos de torcedores só falavam no assunto official. Quem vencerá? Atlético? Palestra? (FIG.9)

¹⁴⁶ Diário da Tarde. Sábado, 14 de fevereiro de 1931, p.2.

¹⁴⁷ Minas Geraes. Domingo, 1º de março de 1931. Sports, p.12.

¹⁴⁸ Estado de Minas. Domingo, 01 de março de 1931, p.6.

Ante tamanha espera, segundo o *Estado de Minas*, a diretoria do Palestra, prevendo acontecimentos desagradáveis na torcida durante a partida, apelou publicamente à torcida palestrina: “[...] afirm de que seja cada torcedor o juiz de seus proprios actos, evitando-se deste modo, acontecimentos desagradáveis que venham prejudicar a boa reputação que goza o nosso estremecido club, nos meios desportivos desta Capital”. A solicitação terminava lembrando ser “dever de nossa torcida ser sincera e justa no seu modo de apreciar o jogo, e, desapaixonadamente, aplaudir com entusiasmo os amadores que pizarem o gramado”.

Explicitamente, o jornal diz que, “[...] com os torcedores exaltados as autoridades policiaes e desta sociedade, agirão com todo o rigor contra os que com palavras, gestos ou actos offenderem directores de club, amadores, juizes ou pessoas do publico”. Porém, de nada adiantariam os pedidos.

Palestrinos ou Athleticanos? Athleticanos ou Palestrinos?

É o que veremos logo mais, no campo da Av. Paraopeba

FIGURA 9: Expectativa do *Estado de Minas* para o jogo.
Fonte: Estado de Minas. Domingo, 01 de março de 1931, p.6.

Após a partida, o *Minas Geraes*¹⁴⁹ relatou o jogo ratificando a importância provocada pelo encontro: “[...] Palestra, 4 – Athletico, 3, uma das mais brilhantes que se têm realizado nesta Capita”. A grande massa popular presente no stadium palestrino testemunhou, “com applausos e vivas, uma empolgante pugna entre os mais fortes adversários das canchas mineiras”. O jornal termina alertando para o “[...] sério conflito entre *torcedores* dos quadros em lucta”, causados pela ansiedade e “superexcitação” nas arquibancadas.

Entretanto, vale destacar a descrição bem mais contundente do *Estado de Minas*¹⁵⁰. O jogo de *interesse invulgar* não terminaria no tempo regulamentar. O Atlético, por ordem do seu presidente, se sentindo prejudicado abandonou o campo. “[...] Foi simplesmente lamentável. O Atlético deveria proceder diferente em respeito ao

¹⁴⁹ Minas Geraes. Terça-feira, 02 e 03 de março de 1931. Sports, p.15.

¹⁵⁰ Estado de Minas. Terça-feira, 03 de março de 1931, p.6.

seu adversário e ao público”. E quanto à selvageria do público, vale observar a revolta do jornal relativa à torcida.

Não era propriamente torcida, aquela multidão que se aglomerava nas geraes do campo da av. Paraopeba. Era antes um ajuntamento de irresponsáveis, que não tem noção do que seja a propriedade alheia. Uma verdadeira torcida, torce, grita, reclama, ameaça, porém nunca depreda. Quando foi conquistado o 3º ponto do Athletico a torcida das geraes, fez tombar as grades, e após o jogo, trechos das archibancadas foram também atingidos pela fúria. Foi sem dúvida, uma triste prova dos nossos “torcidas”. Da maneira que os fatos se passaram, seria de desejar um policial para cada torcedor.

As cenas de depredação causada pela insanidade dos presentes a cada gol marcado denotam o *estado de nervos* que essa partida provocara antes e durante o jogo. A guarnição policial tornar-se-ia um componente essencial nesses encontros. Ao final, o presidente do Palestra Itália falaria à imprensa que “[...] em vista do que acontecera o Palestra Italia não mais disputaria partidas amistosas de foot-ball com o Club Athletico Mineiro, só luctaremos com os athleticanos em partidas de campeonato”. A decisão do presidente palestrino, é possível, acirraria ainda mais os ânimos dos encontros de ambos adversários.

Quadro 14 - Jogo em 22 de março de 1931

Jogo 17	Local	Competição	Placar
22/03/1931	Estádio do Atlético	Campeonato da Cidade	Atlético 3 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Maurilio e Nariz; Cordeiro, Brant e Mario Gomes; Naná, Said, Jairo, Chaffyr e Cunha (Orlando)		
Palestra Itália	Geraldo, Nereu e Gil; Bento, Pires e Nininho; Piorra, Ninão, Carazzo, Niginho e Bellini		
Gols	Naná e Orlando (Atlético)		

O Atlético, no dia 22 de março de 1931, teria mais uma oportunidade de quebrar o tabu de quase três anos sem vencer o Palestra. E, talvez, justamente por isso, o *Minas Geraes*¹⁵¹ já alertasse para “[...] o cunho de sensacionalismo de que se caracterizam as pugnas travadas entre os maiores adversários dos campos mineiros”. O resultado do

¹⁵¹ Minas Geraes. Domingo, 22 de março de 1931. Sports, p.12-13.

match de logo mais tornava “[...] palpitante o interesse de nossos afeiçoados ao Sport bretão”.

E para ratificar os prognósticos, o *Minas Geraes*¹⁵² relatou a partida: o anunciado embate “[...] que tanta ansiedade vinha pondo no coração dos amigos do football” foi deveras movimentado, “Bello Horizonte viveu, na tarde agitada e luminosa de ante-hontem, um dos seus maiores dias”. O estádio *Antônio Carlos* recebeu “aproximadamente vinte mil pessoas”, plateia que assistiu, finalmente, a vitória do Atlético, “após sucessivas derrotas frente aos palestrinos. 3 a 0, um *score* significativo sobre o tri-campeão”.

No *Estado de Minas*¹⁵³ houve grande destaque para a vitória atleticana (FIG.10), pois o Palestra havia “[...] três anos sem conhecer os dissabores de uma derrota frente aos clubs da Capital”. Outro destaque no jornal era a expectativa quanto ao comportamento da assistência, pois existia preocupação que ocorressem incidentes de violência como no jogo anterior. Mas, a assistência deu *um bom* exemplo de comportamento e desta forma, “[...] é de se esperar que em um futuro bem próximo não mais sejamos expectadores de scenas vergonhosas que tanto depõem contra os nossos torcedores do futebol”. O torcedor, definitivamente, em 1931 já deixara de ser mero expectador e passara a ser motivo de preocupação para o bom andamento do espetáculo.



FIGURA 10: Anúncio da vitória do Atlético sobre o tri-campeão Palestra.
Fonte: Estado de Minas. Terça-feira, 24 de março de 1931, p.6.

Quadro 15 - Jogo em 21 de junho de 1931

Jogo 18	Local	Competição	Placar
21/06/1931	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 3 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Nariz e Maurilio; Cordeiro, Brant e Mario Gomes; Dalmy, Said, Orlando, Chafir e Cunha		
Palestra Itália	Geraldo, Nereu e Gil; Stannoli, Maeco e Calixto; Piorra, Niginho, Carazzo, Bengala e Belini		
Gols	Said, Dalmy e Cunha (Atlético); Niginho (2) (Palestra)		

¹⁵² Minas Geraes. Terça-feira, 23 e 24 de março de 1931. Sports, p.13.

¹⁵³ Estado de Minas. Terça-feira, 24 de março de 1931, p.6.

“Palestra! Athletico! Chegou finalmente a hora da “onça beber água”! Tricolores e alvi-negros, os antigos rivaes de nosso foot-ball, mais uma vez defrontar-se-ão na disputa de uma peleja official”. Era a chamada do *Estado de Minas*¹⁵⁴ para o jogo que dominara as rodas esportivas da semana e preocupava pela disciplina do público.

O Atlético, “[...] numa lucta renhida do principio ao fim”, venceu novamente o Palestra pelo Campeonato da Cidade, 3 a 2, e “comprovaram admiravelmente o nome que gosam no meio sportivo de Minas”. Redundância no Minas Geraes¹⁵⁵ sobre o 18º jogo entre o Atlético e o Palestra: “[...] o de ante-ontem levou ao stadium palestrino colossal assistência, que encheu literalmente”. Este relato do jornal, acontecido a 23 de junho de 1931, trouxe uma declaração definindo a importância do encontro Atlético contra Palestra para Belo Horizonte; no jogo em questão não houve conflitos e “[...] assumiu proporções poucas vezes registradas, dando a impressão de que o foot-ball é, incontestavelmente, em nossa Capital, o Sport de todas as classes sociaes”.

“Rivaes de longa data”, Atlético e Palestra, proporcionava aos “sportistas bellorizontinos, as mais memoráveis pugnas de “association” que temos oportunidade de assistir”. As palavras anteriores do *Estado de Minas*¹⁵⁶ traduziam a atmosfera de rivalidade em torno deste encontro e demonstrou, na reportagem, todo o entusiasmo das duas torcidas.

Possuindo como possui o C. A. Mineiro uma grande maioria da torcida bellorizontina, é fácil de prever principalmente para aqueles que frequentam os nossos campos, a intensidade da “gritaria” e transporte de alegrias. Por sua vez, os adeptos dos “periquitos”¹⁵⁷ não ficarão atrás, e a cada feito de seus preferidos, o estádio tricolor era sacudido por um frêmito de entusiasmo que terminava por um enorme vozerio de satisfação das torcidas, que saudavam e animavam os seus jogadores.

¹⁵⁴ Estado de Minas. Domingo, 21 de junho de 1931, p.6.

¹⁵⁵ Minas Geraes. Terça-feira, 22 e 23 de junho de 1931. Sports, p.14.

¹⁵⁶ Estado de Minas. Terça-feira, 23 de junho de 1931, p.6.

¹⁵⁷ “Periquito” foi o apelido dos palestrinos, devido a predominância da cor verde no uniforme de jogo.

O jogo terminaria com a invasão do campo pela torcida atleticana em pleno estádio palestrino, após vencer por 3 a 2. Ganhar dos tradicionais atleticanos estava longe de ser algo impossível.

Quadro 16 - Jogo em 18 de outubro de 1931

Jogo 19	Local	Competição	Placar
18/10/1931	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Maurilio, Alvaro, Cordeiro, Brant, Jaime, Naná, Said, Jairo, Chafir e Cunha (Mauro)		
Palestra Itália	Catalano, Nereu (Mario), Gil e Maeco, Barros, Calixto, Piorra, Niginho, Carazo, Bengala e Alcides		
Gols	Jairo e Said (Atlético); Bengala, Niginho e Piorra (Palestra)		

“Nesta Capital, como em todas as cidades do Brasil, o football é o mais apreciado e que mais número de entusiastas conta”. O *Minas Geraes*¹⁵⁸ anunciava no sábado “[...] a mais empolgante partida da tarde do dia posterior: Athletico X Palestra”.

No expediente de domingo, o *Minas Geraes*¹⁵⁹ reforçou a “[...] torturante ansiedade” pelo jogo, pois nos quadros de Atlético e Palestra “se alinham os melhores footballers de Minas”, e quando suas esquadras “se chocam, a cidade toda treme ao sopro das emoções que o prélio proporciona e ante o colorido incompreensível de suas admiráveis fases”.

E o sofrimento que uma partida proporciona a quem a pratica ou a que ela assiste?

É força, confessar, o homem do football – o que pratica e o que assiste – uns menos outros mais, todos imprimem às tonalidades de seus aplausos um pouco do personalismo que pula, grita e enlouquece dentro do seu peito, quando o bando favorito corre firme na estrada da vitória ou resvala no sulco da derrota.

Como não já era novidade no *Minas Geraes*¹⁶⁰, “[...] perante numerosa assistência, o embate das equipes do Palestra e do Atlético, correspondeu plenamente às

¹⁵⁸ Minas Geraes. Sábado, 17 de outubro de 1931. Esportes, p.10.

¹⁵⁹ Minas Geraes. Domingo, 18 de outubro de 1931. Esportes, p.10.

¹⁶⁰ Minas Geraes. Terça-feira, 19 e 20 de outubro de 1931. Esportes, p.14.

gerais expectativas”. Se houve incidentes em campo, o jornal culpou os juízes pelo acontecido.

Quadro 17 - Jogo em 1º de novembro de 1931

Jogo 20	Local	Competição	Placar
01/11/1931	Estádio do Atlético	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Maurilio e Alvaro; Cordeiro, Brante e Mario Gomes, Geraldino, Said, Mario de Castro, Jairo e Cunha		
Palestra Itália	Catalano, Nereu e Gil; Maeco, Barros e Calixto; Piorra, Niginho, Carazzo, Bengala e Alcides		
Gols	Mário de Castro e Said (Atlético); Niginho, Piorra e Bengala (Palestra)		

O jogo 20, de 1º de novembro de 1931, foi destaque no expediente do *Estado de Minas*¹⁶¹, anunciando: *Gigantes que se defrontaram numa batalha sensacional.*

O Palestra e o Atlético, na luta mais importante do Campeonato da Cidade, sacudiram a alma da torcida entusiasmada ao transcurso das emoções eletrizantes que a contenda ofereceu durante todo o seu desenrolar. Mercedamente vitoriosos na grande peleja da tarde ante-ontem, os palestrinos mais se aproximaram do ambicionada título de campeão do corrente ano.

Apesar de ter ganhado o jogo mais movimentado do certame, por 3 a 2, não seria em 1931 o quarto campeonato seguido do Palestra Itália.

Quadro 18 - Jogo em 29 de novembro de 1931

Jogo 21	Local	Competição	Placar
29/11/1931	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Maurilio e Alvaro; Cordeiro, Brant e Mario Gomes; Geraldino, Jairo, Orlando, Chaffyr e Cunha		
Palestra Itália	Catalano, Nereu e Gil; Maéco, Barros e Calixto; Piorra, Niginho, Carazzo, Bengala e Alcides		
Gols	Geraldino e Chaffyr (Atlético); Carazzo (Palestra)		

¹⁶¹ Estado de Minas. Terça-feira, 03 de novembro de 1931. p.6.

No jogo 21, disputado em 29 de novembro de 1931, o *Estado de Minas*¹⁶² descreveu uma partida concorridíssima, como já era de praxe nos jogos Atlético contra Palestra, “O publico bellohorizontino tomou de assalto todas as dependências do grêmio da camisa verde, acotovelando-se aqui, empurrando-se alli para collocar-se melhor”. E ao final da reportagem, tão importante quanto a vitória do Atlético por 2 a 1 (FIG.11), foi o fato de a torcida se comportar “[...] com muita disciplina, muita ordem. Nenhum protesto. Nem uma só vaia”, apesar de o campo estar lotado. A foto utilizada pelo jornal dando início à descrição da partida dá uma ideia de quão grande era a assistência e o jogo.



FIGURA 11: A grande assistência, retratada na forma do placar do jogo.
Fonte: Estado de Minas. Terça-feira, 01 de dezembro de 1931, p.6.

Quadro 19 - Jogo em 27 de dezembro de 1931

Jogo 22	Local	Competição	Placar
27/12/1931	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 1 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Maurilio e Evando; Caieira, Brant e Gomes; Geraldino, Orlando, Jairo, Chafir e Cunha (Mauro II)		
Palestra Itália	Catalano (Geraldo), Nereu e Gil; Maeco, Mauricio e Calixto; Piorra, Niginho, Maleta, Bengala e Alcides		
Gols	Orlando (Atlético); Niginho (Palestra)		

¹⁶² Estado de Minas. Terça-feira, 01 de dezembro de 1931, p.6.

Os “[...] dois velhos rivais das nossas canchas”, diria o *Minas Geraes*¹⁶³, se encontrariam na 7ª e última partida do ano, num *match* amistoso no estádio atleticano. Ao final do jogo, verificou-se o desafogo do *Minas Geraes*¹⁶⁴, pois a partida terminou sem conflitos, “[...] o espírito esportivo demonstrado ontem pelo povo e jogadores rasgou aos descrentes das nossas cousas esportivas novas esperanças de paz no seio dos esportes belorizontinos”. O bom exemplo era bem-vindo ao desporto da Capital, pois este se encontrava “em contínua e prejudicial ebulição” em função das constantes cenas de violência nos estádios da cidade.

O *Estado de Minas*¹⁶⁵ destacou o forte calor no dia do jogo, o clima “[...] não aconselhava a prática do futebol, nem convinha ao público expor-se, arriscando a saúde, por isso a pouca assistência”. Apesar dos desfalques, o empate em 1 a 1, porém, viu um Atlético e Palestra “[...] sempre fortes, sempre valorosos, sustentaram um luta titanica, sem que um superasse o outro, quer na technica, quer no esforço e no entusiasmo”.

Quadro 20 - Jogo em 1º de janeiro de 1932

Jogo 23	Local	Competição	Placar
01/01/1932	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 2 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Maurilio e Evando; Caieira, Brant e Ivo; Dalmy, Said, Orlando, Chaffir e Geraldino		
Palestra Itália	Catalano, Nereu e Gil; Maeco, Mauricio e Calixto; Piorra, Niginho, Maletta, Bengala e Alcides		
Gols	Geraldino (2) (Atlético); Alcides e Niginho (Palestra)		

O jogo 23, descrito nas páginas do *Estado de Minas*¹⁶⁶, segundo amistoso seguido, foi mais movimentado que o primeiro, “[...] todas as dependências do campo da avenida Paraopeba ficaram repletas por uma grande multidão de adeptos do futebol”. Mais uma vez o encontro terminou empatado em 2 a 2, os jogadores se esforçaram “[...] numa porfia gigantesca, empregando todos os recursos technicos, todos os grandes segredos do *association*”.

¹⁶³ Minas Geraes. Segunda-feira, 28 de dezembro de 1931. Esportes, p.9.

¹⁶⁴ Minas Geraes. Segunda-feira, 28 de dezembro de 1931. Esportes, p.9.

¹⁶⁵ Estado de Minas. Terça-feira, 29 de dezembro de 1931, p.6.

¹⁶⁶ Estado de Minas. Sábado, 02 de janeiro de 1932, p.6.

Quadro 21 - Jogo em 23 de abril de 1933

Jogo 24	Local	Competição	Placar
23/04/1933	Estádio do Atlético	“Taça Moura Costa”	Atlético 4 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Humberto, Bonzinho e Evando; Brandão, Mauro e Mario Gomes; Dario, Jacyr, Syllas, Geraldino e Naná (Didico)		
Palestra Itália	Geraldo, Nereu (Jovem) e Pedrinho; Souza Barros e Christovam (Miudo); Piorra, Chiquito, Caieira (Marianno), Bengala e Alcides		
Gols	Syllas (2), Dario e Geraldino (Atlético)		

O *Estado de Minas*¹⁶⁷, no expediente do dia 23/04/1933, alertava que o público esportivo de Belo Horizonte esperava com *indescriptivel interesse* a disputa da *Taça Moura Costa* entre Atlético e Palestra, *rivaes antigos e tradicionais dos nossos campos*. Já era sabido por toda cidade o tamanho da importância desse encontro, dessa forma, o jornal concluía: “[...] para que o estadio apanhe um publico numerosissimo, é o bastante citar que Athletico e Palestra vão se medir”. Se quisessem lotar um estádio, a fórmula acertada era agendar um Atlético contra Palestra.

Taça Moura Costa constituiu o nome do jogo 24. Sobre ele, o *Minas Geraes*¹⁶⁸ relatou a expectativa e a surpresa causada pelo placar dilatado do Atlético sobre o Palestra, 4 a 0. Coisa difícil de acontecer, pois “[...] o quadro palestrino, pelas tradições brilhantes do clube, é um quadro que se deve respeitar, se perdem, perdem a custo, por diferenças que não desdouram”. Todos querem ganhar, mas mesmo “os aficionados do alvi-negro previam uma vitoria apertada”. Segundo o jornal, porém, “[...] o foot-ball tem das suas. E pespegou no Palestra, com espanto de quem estava acompanhando as fases da luta, uma que ele absolutamente não esperava. E note-se que o triunfo foi justo a todos os motivos”.

¹⁶⁷ Estado de Minas. Domingo, 23 de abril de 1933, p.10.

¹⁶⁸ Minas Geraes. Terça-feira, 25 de abril de 1933. Esportes, p.13.

Quadro 22 - Jogo em 28 de maio de 1933

Jogo 25	Local	Competição	Placar
28/05/1933	Estádio do Palestra	“Taça Chronistas Esportivos”	Atlético 1 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Humberto, Maurilio e Evando; Alemão, Mauricio e Mario Gomes; Naná, Jacy, Syllas, Geraldino e Dario		
Palestra Itália	Geraldo, Pedrinho e Rizzo; Pantuzzo, Barros e Calixto; Piorra, Caramatti (Carazzo), Maletta (Souza), Bengala e Lovisi (Alcides)		
Gols	Geraldino (Atlético); Souza e Alcides (Palestra)		

O 25º encontro se estabeleceria como último da era oficialmente amadora de Atlético e Palestra. O destaque desse derradeiro, constatado na manchete do *Estado de Minas*¹⁶⁹, foi a injustiça sofrida pelo Atlético que, mesmo jogando melhor saiu derrotado. Coisas do futebol: “[...] o Athletico jogou mais futebol, mas o Palestra fez mais um “goal” que elle...um triumpho de natureza incontestavel dos periquitos”.

Considerações sobre o 2º Período

Palestra! Athletico!

*Chegou finalmente a hora da “onça beber água”*¹⁷⁰

Nos anos do segundo período, além da transição amadorismo para profissionalismo do futebol, o Brasil passaria pela revolução liderada por Getúlio Vargas, acabando com a *República Velha* e a política do *Café com Leite*. Vargas implantou o *Governo Provisório* e *populista* em 1930, um ano após o início da *Grande Depressão* norte-americana em 1929, que fragilizou também o Brasil.

Nas artes, o lançamento do *movimento antropofágico* sacudiu a sociedade brasileira, pois ansiava pela valorização da cultura brasileira em 1928. Foi o ato mais simbólico do movimento modernista brasileiro, representado, mormente, na tela *Abaporu* de Tarsila do Amaral.

¹⁶⁹ Estado de Minas. Terça-feira, 30 de maio de 1933, p.6.

¹⁷⁰ Estado de Minas. Domingo, 21 de junho de 1931, p.6.

Somam-se aos embates dos discursos sócio-culturais desse período uma diversificação de hábitos e costumes, entrando em cena um estilo de vida que se diferencia do anterior na maneira de se vestir, na forma de tratar o corpo, na relação com o trabalho, no conceito de diversão e nos lugares da moda (RIGO, 2001, p.117).

E se, em 1932, o Brasil enviaria a primeira mulher a uma olimpíada, a nadadora Maria Lenk, aos 17 anos, o mundo assistiria à chegada de Adolf Hitler à frente do governo alemão, líder do partido nazista e principal causador da Segunda Grande Guerra Mundial.

No esporte de Belo Horizonte, a segunda leva de jogos entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália viveu a efervescência da popularidade do futebol na Belo Horizonte dos anos 1920 e início dos anos 30. Os três maiores clubes da cidade, América, Atlético e Palestra já contavam com estádios maiores, condizentes com a massificação do futebol da época. Em seus jogos já eram comuns a afluência de grande assistência aos *prelios*, a fim de assistirem e torcerem por seus clubes do coração. Entusiasmo mais manifesto quando observados os jogos de Atlético contra Palestra, como evidenciado por Souza Neto (2010, p.106):

Embora fosse considerado um time de grande torcida na Capital, o América não parecia se equiparar ao Palestra e ao Atlético quanto às demonstrações extremadas de paixão. Os noticiários reservavam a estes clubes os comentários que continham um grande apelo popular, e mais do que isto, com torcedores capazes de atos grandiosos pelo amor às cores do seu pavilhão. A abertura do Atlético a “todas as classes sociais”, e a fervorosa “passione” italiana dava uma peculiar característica a estes times. Começara ali a identificação destas equipes como “clube de massa”, ou ainda, “clube do povo”.

Em relação aos jogos, alguns acontecimentos foram destaques no período em questão. Houve aumento exponencial no público presente nos jogos. É possível que houvesse exageros nos cálculos da assistência divulgada nos jornais, pois, em alguns jogos havia quatro mil espectadores e já era considerado estádio lotado e, em outros, as cifras chegaram a 10, 15, 20 mil presentes, levantando dúvidas quanto à veracidade dos números. Fato é que as arquibancadas ficavam abarrotadas de torcedores, o *Minas*

*Geraes*¹⁷¹ em 1930, concluía: “Athletico e Palestra é o (jogo) que consegue reunir em campo o maior numero de pessoas”.

Nos jogos analisados, pôde ser notada a participação efetiva dos torcedores. Estes já não eram meros espectadores como nos anos iniciais do futebol. O *Minas Geraes*¹⁷² já os definia como os *dois velhos rivais das nossas canchas*. Nos jornais da época, as palavras *rivalidades* e até *ódios* foram encontradas no momento em que descreviam a convivência das torcidas de Atlético Mineiro e Palestra Itália. As confusões acontecidas durante os jogos, entre jogadores e torcedores, necessitavam da ação efetiva das forças policiais, tão grande e generalizado eram os conflitos nos estádios. Para os belo-horizontinos, como exprimiu o *Minas Geraes*¹⁷³ em 1929, o encontro de Palestra contra Atlético é “[...] para nossa gente o maior do mundo, uma coisa que nem Deus seria capaz de exprimir”.

Ao ser descrito pelo *Minas Geraes*,¹⁷⁴ em 1930, como o clube *inventado em Bello Horizonte para vencer sempre o Athletico*, é possível afirmar que os tricolores do Palestra Itália constituíram um grêmio competitivo em muito pouco tempo de fundação. E, por terem defendido e trazido consigo as cores da nação italiana, impuseram a figura estranha do forasteiro no futebol local, diferente da insígnia da tradição social enraizada nas camisas do Atlético e do América. A figura do clube dos imigrantes de origem não aristocrata pode ter acirrado o sentimento de rivalidade e redividido o pertencimento futebolístico local.

Jogadores como Jairo, Said, Mário de Castro e Brant para o Atlético Mineiro e Nininho, Ninão, Bengala e Piorra para o Palestra Itália seriam alçados à condição de ídolos, imortalizados pelos serviços prestados aos seus clubes.

3.5- 3º Período (23 jogos de 1933 a 1937)

¹⁷¹ Minas Geraes. Terça-feira, 02 e 03 de junho de 1930. Desportos, p.11.

¹⁷² Minas Geraes. Segunda-feira, 28 de dezembro de 1931. Esportes, p.9.

¹⁷³ Minas Geraes. Terça-feira, 18 e 19 de novembro de 1929. Desportos, p.11.

¹⁷⁴ Minas Geraes. Terça-feira, 02 e 03 de junho de 1930. Desportos, p.11.

Num momento conturbado, em que o entendimento sobre a profissionalização ainda não era explícito entre as equipes, o clube de maior sucesso no futebol local foi o Villa Nova Atlético Clube, de Nova Lima, custeado por uma empresa mineradora da cidade, caso idêntico ao do Esporte Clube Siderúrgica de Sabará.

O ato de oficialização do profissionalismo foi noticiado no *Estado de Minas*,¹⁷⁵ de 31 de maio de 1933, e nele diz que “[...] Belo Horizonte recebeu com extraordinária vibração esportiva a notícia da implantação no profissionalismo no nosso futebol”. A nota oficial provocou enorme repercussão e entusiasmo, “fez bulha enorme, como não podia deixar de suceder”. Pelas rodas esportivas da cidade de outro assunto não se cuidava, donde *fervilhavam os comentários* acerca do futuro do futebol na cidade. A partir desse momento “a adoção do profissionalismo passou a implicar relações de trabalho com assalariamento de jogadores”, neste caso, “o futebol é, para os jogadores, exercício que se apresenta como trabalho produtivo. Para os espectadores, é uma forma de consumo do tempo livre, é lazer. Para os clubes, o seu negócio” (SEABRA, 2012, p.145).

Tivemos acesso a 23 jogos de Atlético contra Palestra de 1933 a 1937. Destes, observamos 10 vitórias atleticanas, nove vitórias palestrinas e quatro empates. Cabe ressaltar que o Palestra, mesmo sem concordar inicialmente com a profissionalização, disputou sem sucesso os campeonatos do período. Nos confrontos contra o Atlético, houve, porém, equilíbrio nos números, sugerindo um embate de características próprias nos relatos jornalísticos. Aparentemente, não precisavam estar disputando um título para os estádios estarem lotados ou para disputarem uma partida movimentada.

Quadro 23 - Jogo em 6 de agosto de 1933

Jogo 26	Local	Competição	Placar
06/08/1933	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 1 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Humberto, Maurilio e Evando; Larô (Justo)(Mauricio) e Mario Gomes; Naná (Didico), Orlando, Jairo, Geraldino e Dario		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Alvaro; Caieira, Barata e Teixeira (Calixto); Piorra, Ninão, Zezé, Bengala e Alcides		
Gols	Dario (Atlético); Caieira e Piorra (Palestra)		

¹⁷⁵ Estado de Minas. Quarta feira, 31 de Maio de 1933, p.8.

O primeiro encontro após a profissionalização do futebol mineiro começou com uma vitória do Palestra: 2 a 1.

O *Minas Geraes*¹⁷⁶, além da vitória do “[...] quadro dos profissionais do Palestra sobre o de igual categoria do Atlético”, destacou o retorno bem-sucedido do ídolo palestrino Ninão. Sua volta do futebol italiano foi proporcionada pela profissionalização do futebol local. “Ninão, o velho astro do football montanhez, aperfeiçoou muito as suas qualidades na Italia”. A origem italiana de Ninão, além do fato de jogar futebol, havia lhe proporcionado defender a equipe romana do Lazio, onde, segundo o jornal, “[...] tornou-se certeiro nos passes, adquirindo absoluto domínio da bola e conservou o seu forte *shote a goal*”.

Quadro 24 - Jogo em 22 de outubro de 1933

Jogo 27	Local	Competição	Placar
22/10/1933	Estádio do Atlético	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Humberto, Maurílio e Evando; Larô (Justo)(Maurício) e Mario Gomes; Naná (Didico), Orlando, Jairo, Geraldino e Dario		
Palestra Itália	Gustavo, Maurílio e Evando; Jacyr, Floriano (Vavá) e Mario Gomes; Dalmy, Geraldino (Marques), Guará, Nicola e Dario		
Gols	Nicola (2) (Atlético); Orlando, Piorra e Alcides (Palestra)		

Esse jogo ainda é acompanhado de comentários acerca da profissionalização. O encontro Atlético contra Palestra se mantém, porém, o favorito do campeonato. O *Correio Mineiro*¹⁷⁷ (FIG.12) traduz a expectativa para o jogo favorito do campeonato no Estádio Antônio Carlos.

¹⁷⁶ Minas Geraes. Terça-feira, 08 de agosto de 1933. Esportes, p.14

¹⁷⁷ Correio Mineiro. Domingo, 22 de outubro de 1933, p.4.



FIGURA 12: Anúncio do *Correio Mineiro* para o jogo de logo mais.
Fonte: *Correio Mineiro*. Domingo, 22 de outubro de 1933, p.4.

O *Estado de Minas*¹⁷⁸ descreve a partida vencida pelo Palestra por 3 a 2, que, “[...] ao contrario da expectativa geral, não foi das melhores”. Monótono, “no 1º meio-tempo esteve simplesmente horrível, no 2º conseguiu melhorar um pouco”, período em que se “verificaram alguns lances mais entusiasticos, que conseguiram arrancar da assistencia algumas exclamações”. Mas chamava atenção o fato de ser a 4ª vitória consecutiva do Palestra.

Quadro 25 - Jogo em 8 de fevereiro de 1934

Jogo 28	Local	Competição	Placar
08/02/1934	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 1 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Gustavo (Silva Pinto), Tião e Evando; Larô, Floriano e Mario Gomes (Chaffyr); Pericles, Jacyr, Justo, Gonçalves (Mauro) e Dario (Cury)		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Alvaro (Mundico); Caieira, Barata e Calixto; Pirra, Orlando, Carlos Alberto, Bengala e Alcides		
Gols	Gonçalves (Atlético); Orlando e Bengala (Palestra)		

O primeiro jogo dos profissionais do Atlético contra os do Palestra, em 1934, teve público diminuto. Segundo o *Estado de Minas*,¹⁷⁹ a assistência que se dirigiu ao Estádio Antônio Carlos (campo do Atlético) testemunhou uma partida pouco interessante. O único dado importante é que o Atlético continuava sem vencer o Palestra. A última vitória havia acontecido em 23 de abril do ano anterior.

¹⁷⁸ Estado de Minas. Terça-feira, 24 de outubro de 1933, p.8.

¹⁷⁹ Estado de Minas. Sexta-feira, 9 de fevereiro de 1934, p.6.

Quadro 26 - Jogo em 1º de abril de 1934

Jogo 29	Local	Competição	Placar
01/04/1934	Estádio do Palestra	Campeonato da Cidade	Atlético 1 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Silva Pinto, Justo e Evandro; Jacy, Odilon e Mario Gomes; Lelio, Paulista, Said, Naná (Guará) e Mauro		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Jovem; Caieira, Alvaro e Calixto; Piorra, Carreiro (Souza), Carlos Alberto, Bengala e Alcides (Mundico)		
Gols	Paulista (Atlético); Piorra, Alcides e Carlos Alberto (Palestra)		

O *Minas Geraes*¹⁸⁰ anunciou a “[...] Brilhante vitória do Palestra sobre o Atlético”, além disso, lembrou algo que já se tornava hábito: “como sempre o clássico Atlético x Palestra levou anteontem, ao campo do último, grande assistência, e deu-lhe, com fases emocionantes e sensacionais imprevistos, intenso entusiasmo e vibração”. Se as características dos encontros já não eram novidade, como a grande assistência, a emoção, o entusiasmo e a vibração, o jornal empregaria pela primeira vez a palavra *clássico*, expressão que melhor representaria os próximos embates.

Quadro 27 - Jogo em 3 de junho de 1934

Jogo 30	Local	Competição	Placar
03/06/1934	Estádio do Atlético	Campeonato da Cidade	Atlético 2 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Justo e Evando; Jacyr, odilon, Mario Gomes, Lello, Paulista, Darcy (Guará), Nicola e Alemão		
Palestra Itália	Geraldo, Mundico e Jove; Caieira, Alvaro e Calixto; Pantuzzo, Carlos Alberto, Zezé, Bengala e Alcides		
Gols	Lello e Nicola (Atlético); Bengala e Zezé (Palestra)		

O relato do *Estado de Minas*¹⁸¹ não foi menos entusiasta, a partir de uma “[...] exibição magnífica do bando *periquito*”, a cidade pôde assistir “uma das maiores pugnas destes últimos tempos”. A cancha da av. Paraopeba recebeu “uma assistência numerosa como poucas vezes temos visto nas praças de sports locais”. Contudo, dessa ocasião o jornal explorou a façanha palestrina de vencer os atleticanos pela 5ª vez consecutiva, e lembrou que, mesmo com tanta facilidade “o jogo teve presença de um

¹⁸⁰ Minas Geraes. Terça-feira, 3 de abril de 1934. Esportes, p.14.

¹⁸¹ Estado de Minas. Terça-feira, 3 de abril de 1934, p.6.

publico numeroso”. A reportagem destacou “[...] o entusiasmo dos jogadores e dos torcedores do gremio da avenida Paraopeba” quando há esse embate.

[...] Ante-hontem tivemos a oportunidade de verificar como a torcida do Palestra fica emocionada diante das phases sensacionaes do choque Palestra e Athletico. E os jogadores “periquitos” como se empregam a fundo para não experimentar o amargor da derrota.

Parecia que o Palestra tinha uma vontade a mais quando encontravam o Atlético.

“Palestra x Athletico – Um espetaculo tão completo como poucos”. O jogo de número 30, segundo o *Estado de Minas*¹⁸², por pouco não se tornou mais um revez atleticano. Os alvinegros só conseguiram o empate no final da partida, e comemoraram um resultado “[...] indubitavelmente honroso, quando se enfrenta um adversario da classe do Palestra em seu proprio campo”. No vestiário do Palestra o sentimento foi de lamento, pois deixaram passar “[...] uma vitoria que seria possivel, e que, por obra do azar, não veio”. O jornal tratou o jogo como “[...] a grande voz da cidade que se fez ouvir dos quatro cantos desta Bello Horizonte, com emoções violentas, lances supremos que suspendem a respiração e fazem fugir a palavra”.

Apesar da grande agitação e entusiasmo, comum nos encontros de Atlético contra Palestra, a superioridade técnica do Palestra ficou evidente na descrição do *Estado de Minas*. Assim, não conseguir se sobrepor ao adversário há seis jogos tornava o Palestra um rival indigesto para o Atlético.

Quadro 28 - Jogo em 15 de julho de 1934

Jogo 31	Local	Competição	Placar
15/07/1934	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 2 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Gustavo, Tião e Evando; Justo, Lola e Mario Gomes; Lello, Bitola, Guará, Nicola (Alemão) e Dario		
Palestra Itália	Geraldo, Jove e China; Souza (Calixto), Caieira e Mundico; Piorra, Zezé, Orlando, Bengala e Alcides		
Gols	Bitola e Guará (Atlético); Bengala (2) e Alcides (Palestra)		

¹⁸² Estado de Minas. Terça-feira, 5 de junho de 1934, p.8.

A sina do Atlético permaneceria. “[...] A historia repetiu-se: o Athletico abriu a contagem, o Palestra empatou e desempatou”. O *Estado de Minas*¹⁸³ relatou que “[...] quando se fala em Palestra x Athletico, dá logo a Idéa de um jogo movimentado em todos os seus minutos”, e cobrava: “Um *clássico* não poderia admitir que grande parte de seu transcurso chegasse a ser tão monotono” e violento “como o de hontem”. Mesmo disputando o amistoso em seu estádio o jejum de vitórias do Atlético sobre o Palestra seria mantido, pois “[...] em futebol ganha jogo quem “fura” mais gols”.

Quadro 28 - Jogo em 26 de agosto de 1934

Jogo 32	Local	Competição	Placar
26/08/1934	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Tião e Evando; Jacyr, Lola e Mario Gomes; Lello, Paulista, Guará, Nicola e Dario (Elair)		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Jovem; Souza, Alvaro (Ferreira) e Calixto; Piorra, Orlando, Carlos Alberto (Zezé), Bengala e Alcides		
Gols	Guará e Nicola (Atlético)		

“Arre! Tiramos a *macaca!*”. Falou o atacante atleticano Mário Gomes ao *Estado de Minas*¹⁸⁴ ao final da partida. Afinal, a vitória por 2 a 0 quebrou um tabu que perdurou mais de um ano ou seis jogos, e possibilitou ao Atlético aspirar ao impedimento do tricampeonato da equipe do Villa Nova. Proeza que não conseguiria. A vitória sobre o Palestra foi regada à “[...] quebra de record de renda do campeonato, e quando a pugna terminou, a gritaria dos afficionados pelo Athletico transformou o enorme Estadio num éco de aclamações aos athleticanos, justos vencedores do embate”.

Quadro 29 - Jogo em 2 de dezembro de 1934

Jogo 33	Local	Competição	Placar
02/12/1934	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 0 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Tião e Evando; Tito, Lôla e Mario Gomes; Lello, Paulista, Guará, Nicola e Dario		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Caieira; Souza, Ferreira e Mundico; Pantuzzo, Orlando (Carlos Alberto), Zezé, Bengala e Calixto		
Gols			

¹⁸³ Estado de Minas. Terça-feira, 17 de julho de 1934, p.8.

¹⁸⁴ Estado de Minas. Terça-feira, 28 de agosto de 1934, p.8.

Lama Polo, assim definiu o *Estado de Minas*¹⁸⁵ a ocorrência do jogo 33. Nesse amistoso, os 30 minutos iniciais foram disputados debaixo de um temporal que transformou o “[...] campo numa verdadeira lagoa”, motivo pelo qual os diretores do Atlético e do Palestra combinaram entre si e com o árbitro da partida, que o placar deveria terminar em 0 a 0. Em respeito ao público presente, ao invés da *combinação*, os clubes poderiam “ter transferido o *match*” para outro dia. O ocorrido foi lamentado pelo jornal, “sim, porque, até agora, o unico jogo que levava ao campo grande multidão era o classico Athletico x Palestra”. Como garantir que as partidas posteriores fossem disputadas? “Tal fato não observamos nem nos clubs de varzea, de infima classe”.

Quadro 30 - Jogo em 9 de dezembro de 1934

Jogo 34	Local	Competição	Placar
09/12/1934	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 3 x 4 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Tião e Evando; Tito (Jacyr), Lola (Tito) e Mario Gomes; Lello, Paulista, Guará, Nicola e Dario		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Caieira (Chiquinho); Souza, Ferreira e Mundico; Pantuzzo, Orlando (Carlos Alberto), Zezé, Bengala e Calixto		
Gols	Guará (2) e Paulista (Atlético); Bengala, Pantuzzo (2) e Calixto (Palestra)		

Esse jogo, segundo a *Folha de Minas*¹⁸⁶, foi marcado em cima da hora. Por isso, foram cobrados preços populares no seu ingresso. O *clássico* mais uma vez, “[...] como a grande atração da tarde. A luta que a cidade sempre apreciou: Palestra x Athletico, o choque que centraliza as atenções dos milhares de frequentadores dos campos de futebol”. As negociações para que o jogo acontecesse foram rapidamente concluídas “[...] e, assim, os afficcionados do “soccer” não passarão um domingo *em branco*”.

O jogo amistoso teve um placar agitado finalizado 4 a 3 para o Palestra. A partida, fraca tecnicamente, “[...] teve duas equipes praticando um futebol que teve uma

¹⁸⁵ Estado de Minas. Terça-feira, 4 de dezembro de 1934, p.8.

¹⁸⁶ Folha de Minas. Domingo, 9 de dezembro de 1934, p.10.

característica: combatividade”. O *Estado de Minas*¹⁸⁷ ainda relatou que “a violência e a indisciplina de alguns jogadores tiraram todo o brilho da partida”.

Apesar de o encontro despertar interesses gerais, é de se supor que o período profissional inicial não fora de conquistas para Atlético e Palestra. Nos três primeiros anos de campeonato profissional, ambos assistiriam à ascensão do Villa Nova A. C., campeão em 1933 com o Palestra vice, bi-campeão em 1934 com o Atlético vice e tri-campeão em 1935 com o Atlético novamente vice. O palco das rivalidades tinha outro endereço além de Belo Horizonte. Era preciso desbancar o Villa Nova, o Leão do Bonfim da vizinha cidade de Nova Lima.

Quadro 31 - Jogo em 13 de janeiro de 1935

Jogo 35	Local	Competição	Placar
13/01/1935	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 2 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Clovis, Tião e Evando; Jacyr, Lôla e Mario Gomes; Paulista, Bazzoni, Guará, Nicola e Elair		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Caieira; Souza, Pereira e Mundico; Carlos Alberto, Orlando (Pantuzzo), Zezé, Bengala e Alcides		
Gols	Guará e Nicola (Atlético); Orlando e Bengala (Palestra)		

“O “clássico” levou as dependências do “field” da av. Paraopeba um público numeroso”. Segundo a *Folha de Minas*¹⁸⁸ esse jogo aconteceu por duas circunstâncias: a primeira, “[...] que já se tratava de um encontro entre os dois rivais antigos dos nossos campos” (FIG.13); e a segunda, “que a cidade esportiva já havia passado dois domingos sem experimentar as emoções de um espetáculo futebolístico”. O jogo agradou aos “apreciadores do “soccer” pela movimentação e jogadas bonitas”. O placar de 2 a 2 foi criado em consequência de lances “que ficaram gravados na memória dos espectadores”.

¹⁸⁷ Estado de Minas. Terça-feira, 11 de dezembro de 1934, p.8.

¹⁸⁸ Folha de Minas. Terça-feira, 15 de janeiro de 1935, p.11.



FIGURA 13: Equipes de Atlético e do Palestra, antes do jogo, nas lentes da *Folha de Minas*.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 15 de janeiro de 1935, p.11.

Quadro 32 - Jogo em 13 de abril de 1935

Jogo 36	Local	Competição	Placar
13/04/1935	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 4 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Peracio e Evando; Jacyr, Lôla e Balla; Lello, Paulista, Sandro, Nicola e Elair		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Chiquinho; Souza, Ferreira e Chinda; Pantuzo, Orlando, Zezé, Bengala e Alcides		
Gols	Lello (2), Nicola e Paulista (Atlético); Zezé (2) (Palestra)		

Em mais um jogo amistoso, o Atlético estreou dois jogadores, Sandro e Balla, numa partida noturna no Estádio Antônio Carlos. Apesar do pouco interesse, a *Folha de Minas*¹⁸⁹ observou “[...] uma grande assistencia para presenciar o “match” amistoso”.

Embora não tenha havido destaque individual no jornal, jogou pela primeira vez o *clássico* contra o Palestra o goleiro Kafunga. O arqueiro se tornaria ídolo atleticano com o passar dos anos.

Quadro 33 - Jogo em 5 de maio de 1935

Jogo 37	Local	Competição	Placar
05/05/1935	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro	Atlético 4 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Peracio e Tião; Jacyr, Lola e Mario Gomes; Lello, Paulista, Guará, Nicola e Elair		
Palestra Itália	Geraldo, Raul e Jove; Souza, Ferreira e Caieira (Chinda); Piorra, Carlos Alberto, Zezé, Bengala e Alcides		
Gols	Guará (2), Lello, e Paulista (Atlético); Zezé e Carlos Alberto (Palestra)		

¹⁸⁹ Folha de Minas. Domingo, 14 de abril de 1935, p.10.

“Uma peleja de emoções indescritíveis! Um dos mais soberbos espetáculos de futebol dos últimos tempos”. Havia nove meses do último jogo oficial, e o primeiro de 1935 transcorreu regado a todas as nuances inerentes a um encontro Atlético contra Palestra. A *Folha de Minas*¹⁹⁰ encarregou-se de descrever a partida como um “[...] espetáculo de futebol brilhantíssimo sobre todos os aspectos”. Os dois *teams* foram responsáveis por um “*match* de violentas emoções das mais memoráveis refregas do *association*, sem que se registrasse o mínimo incidente”, ainda mais, “uma partida disputada debaixo da expectativa ansiosa e sensacional da de domingo”.

Quadro 34 - Jogo em 7 de julho de 1935

Jogo 38	Local	Competição	Placar
07/07/1935	Estádio do Palestra	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Peracio e Evando; Jacyr, Lola e Bala; Lello, Paulista, Guará, Nicola e Elair		
Palestra Itália	Geraldo, Chiquinho e Jovem; Souza, Ferreira e Mundico; Pantuzzo, (Piorra), Orlando, Niginho, Bengala e Alcides		
Gols	Elair e Nicola (Atlético); Niginho e Orlando (2) (Palestra)		

Os atleticanos “[...] reproduziram mais um daqueles tristes gestos que aos poucos vão conduzindo o nosso *soccer* á desmoralização completa: revoltaram-se contra a decisão do juiz”. O árbitro da segunda metade da partida, pois o primeiro foi substituído, marcou um *pênalty* não consentido pelo Atlético. Como não houve acordo, a equipe visitante abandonou o campo quando ainda faltavam 18 minutos para o apito final, terminando 3 a 2 para o Palestra. A discussão da recusa dominou o noticiário da *Folha de Minas*¹⁹¹, “[...] embora vencidos, os atleticanos fizeram uma das suas melhores exibições nas canchas da cidade, porém, os *verdes* foram mais felizes ao rematar as suas ações”.

¹⁹⁰ Folha de Minas. Terça-feira, 7 de maio de 1935, p.9.

¹⁹¹ Folha de Minas. Terça-feira, 9 de julho de 1935, p.10.

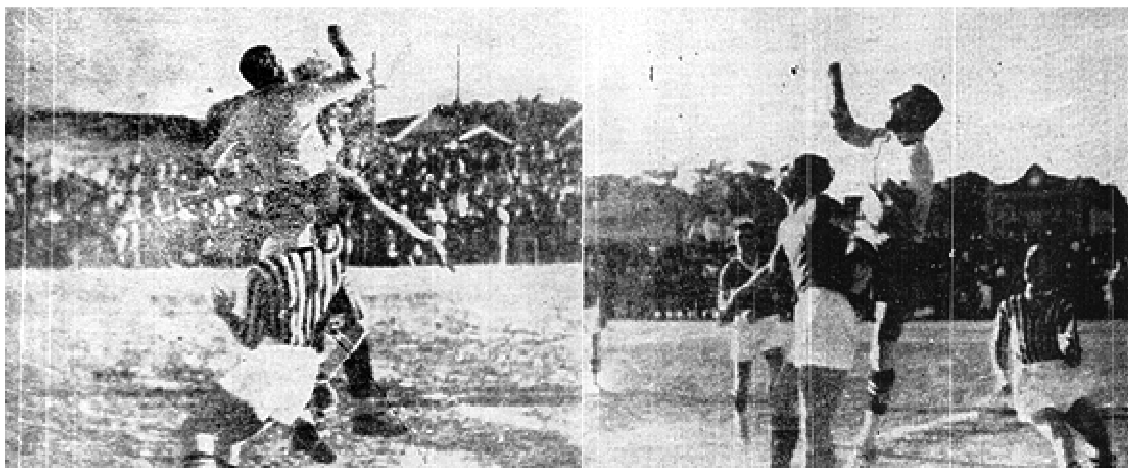


FIGURA 14: Momentos da partida capturados na 38ª partida.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 9 de julho de 1935, p.10.

Quadro 35 - Jogo em 4 de agosto de 1935

Jogo 39	Local	Competição	Placar
04/08/1935	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 3 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Armando, Tião e Murillo (Evando); Jacyr, Lola e Bala; Lello, Paulista, Guará, Nicola e Elair		
Palestra Itália	Geraldo, Ninão (Chiquinho) e Gegê; Goeza, Ferreira (Arlindo) e Mundico; Piorra, Orlando, Niginho, Bengala (Vivão) e Alcides		
Gols	Lello, Guará e Elair (Atlético); Alcides e Tião (contra) (Palestra)		

A *Folha de Minas*¹⁹² descreveu o 39º jogo entre Atlético e Palestra como um “[...] espectáculo brilhante e movimentado, pôde-se dizer que não houve um só momento de monotonia”. Se o jogo satisfez, no que se refere ao seu desenvolvimento e qualidade, terminando 3 a 2 para o Palestra, mesma coisa não se pode dizer sobre o comportamento dos jogadores e torcedores, [...] a pratica do jogo violento degenerou para uma verdadeira “matança”, mudando por vezes a feição da partida. Foi uma coisa que empanou grandemente o brilho da partida, exacerbando os animos de torcedores dos dois lados”. Após o jogo, “[...] houve uma serie de arruaças provocadas por elementos menos responsaveis, empenhando-se em luta corporal dentro e fora do campo”. Ao mesmo tempo em que exaltou o empenho dos jogadores, o jornal atribuiu a culpa da violência entre os torcedores ao jogo bruto dos dois times. “[...]

¹⁹² Folha de Minas. Domingo, 6 de agosto de 1935, p.10.

Evidentemente, foi uma coisa vergonhosa, mormente em se tratando de um jogo amistoso, entre dois clubs amigos”.



FIGURA 15: Disputa acirrada no “clássico”.
Fonte: Folha de Minas. Domingo, 6 de agosto de 1935, p.10.

Quadro 36 - Jogo em 18 de agosto de 1935

Jogo 40	Local	Competição	Placar
18/08/1935	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 4 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Armando (Kafunga), Tião e Evando; Jacyr, Lola e Balla; Lello, Paulista, Guará (Zezé), Nicola e Elair		
Palestra Itália	Geraldo, Jove e Gegê; Souza (Ferreira), Neco e Mundico; Piorra, Orlando, Ninão (Nininho), Bengala e Alcides		
Gols	Paulista (2), Lello e Guará (Atlético); Alcides (2) (Palestra)		

Destaque desta partida pelo *Folha de Minas*¹⁹³ foi a incontestada superioridade do Atlético sobre o Palestra. “A exibição de futebol que os alvi-negros realizaram pode ser taxada de impressionante”. A série de dois jogos amistosos teve saldo de duas vitórias atleticanas, o segundo, “[...] foi um triunfo limpo, insophismavel, desses que não se discutem”.

¹⁹³ Folha de Minas. Domingo, 20 de agosto de 1935, p.10.



FIGURA 16: Momentos distintos no 41º jogo.

Fonte: Folha de Minas. Domingo, 20 de agosto de 1935, p.10.

Quadro 37 - Jogo em 27 de outubro de 1935

Jogo 41	Local	Competição	Placar
27/10/1935	Estádio do América	Campeonato Extra	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Clóvis, Helio e Evando; Jacyr, Lola e Bala; Lello (Pantuzzo); Paulista, Guará, Zezé (Banzoni) e Duda		
Palestra Itália	Geraldo, Adão (Chiquinho) e Gegê; Souza, Ferreira e Mundico; Piorra, Nonô, Orlando, Niginho, Bengala e Alcides		
Gols	Duda e Paulista (Atlético); Alcides (Palestra)		

Havia mais de um ano que o *Minas Geraes* não noticiava jogos profissionais de futebol. Mas o expediente do dia 25 de outubro de 1935 noticiou a expectativa para o encontro “[...] entre os quadros do Athletico e do Palestra” naquele dia. Para o *Minas Geraes*¹⁹⁴, esse jogo suscitava “[...] sempre motivo de vivo interesse do nosso mundo esportivo. Ambos são expressões legítimas do football mineiro e, por isso, as partidas que disputam se revestem de sensação, despertando geral atenção”.

A *Folha de Minas*¹⁹⁵ foi taxativa sobre o jogo, “[...] desta feita o clássico não convenceu”. Com ingressos mais caros que o normal, “[...] o publico não foi tão numeroso quanto de outras vezes”, além disso, “[...] o cotejo travado entre os dois tradicionais adversários da cidade não teve as características das pelepas anteriormente disputadas entre Athletico e Palestra”. As palavras do jornal descreveram uma partida sem o menor entusiasmo e pouca técnica, “[...] aqueles que esperavam assistir uma luta

¹⁹⁴ Minas Geraes. Domingo, 25 de outubro de 1935. Esportes, p.13.

¹⁹⁵ Folha de Minas. Terça-feira, 29 de outubro de 1935, p.10.

de sensação que athleticanos e palestrinos acostumaram a nos proporcionar, tiveram uma decepção”. O resultado de 2 a 1 para o Atlético não justificou “[...] a expectativa que dias antes formara-se em torno de sua realização, a contagem verificada poderia, todavia, ter sido maior”.

Quadro 38 - Jogo em 5 de janeiro de 1936

Jogo 42	Local	Competição	Placar
05/01/1936	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 2 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Florindo e Evando (Peracio); Jacyr, Lola e Helio (Evando); Lello, Paulista (Duda), Guará, Nicola e Rezende (Elair)		
Palestra Itália	Geraldo, Caieira e Gegê (Apparecida); Souza, Ferreira (Chinda) e Mundico; Nonô, Orlando, Niginho, Ninão e Calixto		
Gols	Guará (2) (Atlético); Nonô e Orlando (2) (Palestra)		

Aparentemente, o 42º jogo foi o mais violento e decepcionante até então. A *Folha de Minas*¹⁹⁶ não poupou críticas e relatou, em quase toda sua página esportiva, os eventos negativos da partida (FIG.17). “Adversarios tradicionais dos nossos campos, que sempre tiveram ensejo de proporcionar à “torcida” os melhores e mais belos espetáculos, Athletico e Palestra, não pareciam os mesmos antagonistas de outros tempos”. O público pagante, ao invés de futebol, assistiu à “[...] vilolencia empregada pelos litigantes, a sua deslealdade e as constantes reclamações contra as marcações do arbitro”. Segundo o jornal, estas “[...] foram as notas culminantes do clássico”. Apesar das cenas lamentáveis dentro de campo, não houve enfrentamentos nas arquibancadas.



FIGURA 17: A decepção da *Folha de Minas* após o 42º jogo.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 7 de janeiro de 1936, p.8.

¹⁹⁶ Folha de Minas. Terça-feira, 7 de janeiro de 1936, p.8.

Quadro 39 - Jogo em 2 de fevereiro de 1936

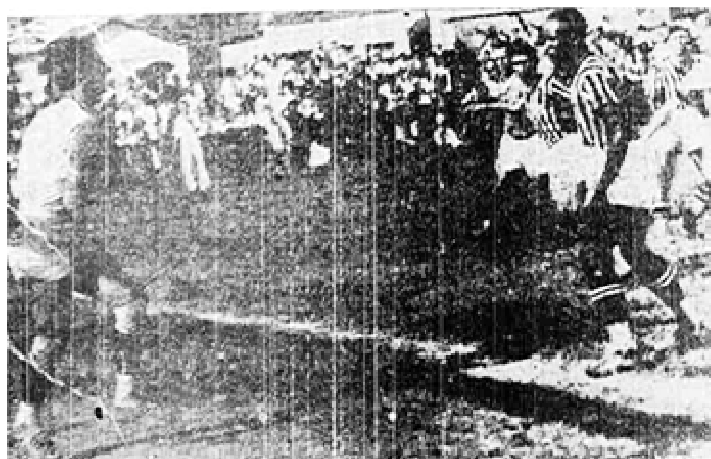
Jogo 43	Local	Competição	Placar
02/02/1936	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 4 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Clovis (Kafunga), Florindo e Evando; Zago, Lôla e Bala; Lello, Paulista (Bazzoni), Sandro, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo, Caieira e Gegê; Souza, Chinda e Mundico; Nonô, Orlando, Ninão (Ary), Niginho, Orlando, Bengala		
Gols	Nicola (2), Lello e Bazzoni (Atlético); Orlando (2) e Bengala (Palestra)		

Se o primeiro jogo do ano decepcionou, o segundo não seria diferente. Regado a cenas de pura violência campal, “[...] esteve bem longe o *classico*, na parte disciplinar, de ser uma diplomática troca de gentilezas”. O *Estado de Minas*¹⁹⁷ relatou “[...] reclamações improcedentes ao juiz, ameaças de pugilato, carregadas propositas, visando inutilizar adversários”. O regime de cordialidade fora substituído pela “these comum de guerra: iodo, ether, arnica e ligaduras...”. Devido a “[...] pancadaria entre os jogadores”, antes mesmo do final da partida “uma terça parte da assistencia, avessa a violencias, emigrou pacificamente do campo”. Após várias interrupções “[...] e peripécias caprichosas do placard, fixou a vantagem minima para a representação *athleticana*”.

Chama a atenção, porém, a descrição mais contundente da *Folha de Minas*¹⁹⁸. Expressões como *acontecimentos revoltantes, degradantes, incidentes desagradáveis, irritantes, flagrante desrespeito ao publico* (FIG.18 e 19) deram a tônica do texto do jornal. “O match que a cidade cognominou de *clássico*” transcorreu cheio de atropelos e interrupções. “Sob um calor causticante, o jogo durou duas horas e 25 minutos, quando o mesmo, segundo as leis que regem o futebol, deveria ser realizado num espaço de uma hora e 40 minutos, no máximo”. As cenas de violência no campo ficaram registradas nas imagens da partida, veiculadas pela primeira vez nas páginas do periódico da cidade.

¹⁹⁷ Estado de Minas. Terça-feira, 4 de fevereiro de 1936, p.9.

¹⁹⁸ Folha de Minas. Terça-feira, 4 de fevereiro de 1936, p.8.



FIGURAS 18 e 19: Cenas de selvageria no 43º “clássico”.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 4 de fevereiro de 1936, p.8.

Quadro 40 - Jogo em 21 de junho de 1936

Jogo 44	Local	Competição	Placar
21/06/1936	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 6 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Clóvis, Florindo e Bené; Zago, Lolla e Bala; Lello, Paulista, Guará, Sandro e Elair		
Palestra Itália	Geraldo, Tião e Gegê; Souza, Caieira e Calixto; Nonô, Orlando, Niginho, Ninão e Randazzo		
Gols	Guará (3), Sandro, Paulista e Elair (Atlético); Niginho (Palestra)		

Ao final do 44º encontro foi notado no *Folha de Minas*¹⁹⁹ um placar incomum, 6 a 1 para o Atlético. No estádio, “[...] todas as dependências se encontravam completamente lotadas por um publico entusiasta, facto, aliás, normal quando da realização do *clássico*”, pois o jogo Atlético contra Palestra figurava “como ponto de

¹⁹⁹ Folha de Minas. Terça-feira, 23 de junho de 1936, p.10.

convergencia de todas as emoções do publico”. Contudo, talvez, tão insólito quanto o placar elástico da partida, foi o enfretamento da guarda policial em pleno campo de jogo. No período, brigas entre jogadores não eram incomuns, mas no exato momento em que os policiais intervieram no *sururu*, os espectadores, “[...] attonitos, viram, então, os policiaes fanatizados, extremarem-se, provocando o prolongamento das ocorrências, engalfinhando-se à custa de convicções erradas”. Constou que os próprios policiais foram “[...] partidarios exaltados dos bandos em luta e suas convicções inspiraram rudes violencias por 12 minutos”. Os policiais, amotinados entre atleticanos ou palestrinos, arrancaram seus *revolveres e sabres* numa atitude “desconcertante dos mantenedores da ordem”. O conflito refletiu o “[...] desequilibrio de disciplina dos *players* do periodo profissionalista”, e também, “a predilecção dos policiais pelo tumultuo e arbitrariedades”.

No tocante ao futebol, o atacante Guará (FIG.20) se firmava como o melhor atacante atleticano dos anos 1930.



GUARÁ, QUE MARC COM TRES TENTOS
FIGURA 20: Guará, marcador de três gols nos 6 a 1 do dia 21/06/36.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 23 de junho de 1936, p.10.

Quadro 41 - Jogo em 25 de outubro de 1936

Jogo 45	Local	Competição	Placar
25/10/1936	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Florindo e Quim; Zago, Alcino e Bala; Paullista, Bazzoni, Guará, Sandro e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo, Tião e Jove; Chiquito, Carazzo e Caieira; Pantuzo (Dilet), Orlando, Niginho, Camilo e Bengala		
Gols	Sandro e Paulista (Atlético)		

“O clássico teve a duração de 50 minutos”, anunciaria a manchete esportiva da *Folha de Minas*²⁰⁰ para um estádio lotado (FIG.20). Todas as expectativas que os esportistas belorizontinos alimentavam sobre a realização de mais um clássico Atlético contra Palestra foram malogradas. Aos cinco minutos do período final, “[...] acontecimentos inesperados, que se caracterizaram pela indisciplina e a falta de brio esportivo, vieram transtornar o brilhantismo de uma tarde que se anunciara sob os auspícios dum optimismo excepcional”. Posteriormente a anulação de um gol que os palestrinos julgaram lícito, o juiz da partida, após “[...] uma palavra mais forte de Niginho, o mandou para fóra do campo”. Como a ordem não foi aceita, depois de muita discussão entre jogadores, policiais e dirigentes “[...] e contra a expectativa geral, tripudiando uniformemente sobre os direitos do publico pagante, sobre as leis da disciplina esportiva e sobre o seu proprio renome, o gremio periquito resolveu não progredir na disputa”.

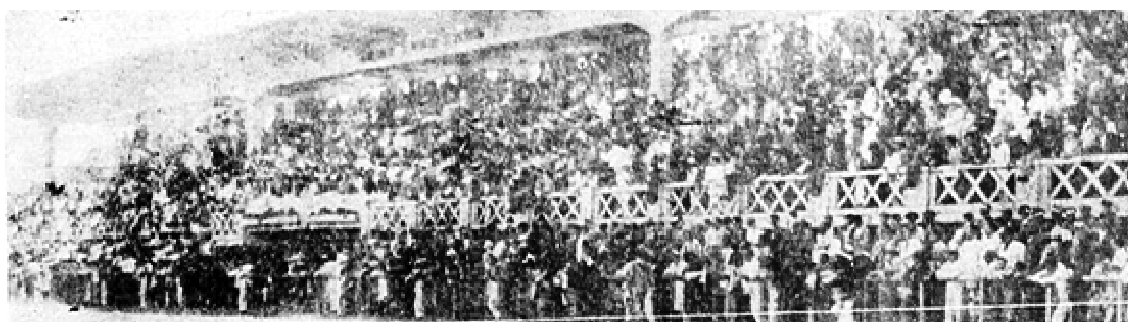


FIGURA 21: Aspecto das arquibancadas do Estádio Antônio Carlos durante o jogo.

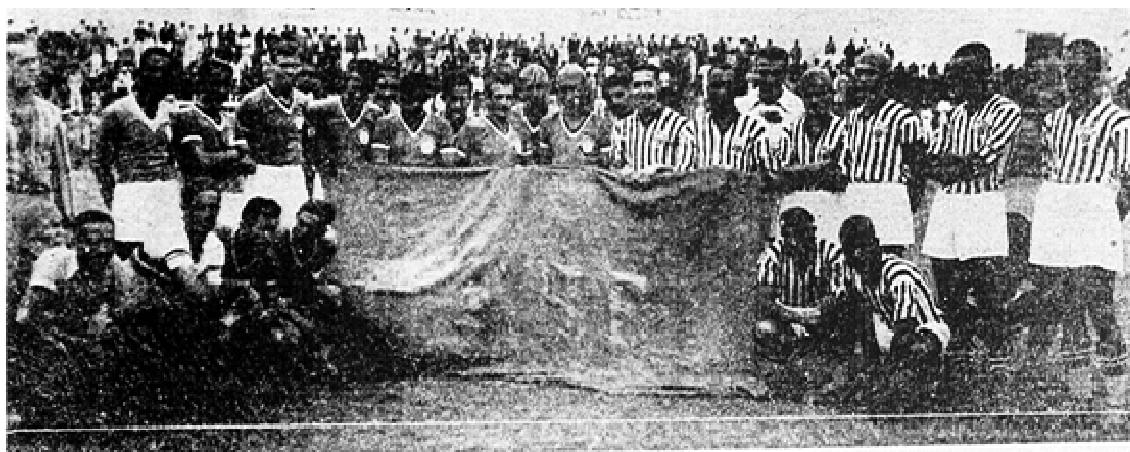
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 27 de outubro de 1936, p.10.

²⁰⁰ Folha de Minas. Terça-feira, 27 de outubro de 1936, p.10.

Quadro 42 - Jogo em 29 de agosto de 1937

Jogo 46	Local	Competição	Placar
29/08/1937	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 1 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Florindo e Quim; Sant´Anna, Lolla e Bala; Paulista, Alfredo, Bazzoni, Nicola (Alberto) e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Caieira e Canário; Souza, Juca e Chiquito; Mizerane, Calixto (Carazzo), Niginho, Carazzo (Bengala), Zezé e (Eliot)		
Gols	Rezende (Atlético); Mizerane (2) (Palestra)		

Esse amistoso tentou marcar um tempo pacífico entre os rivais. Cabe observar que a Capital ficou sem o clássico por dez meses, motivado pelos sucessivos desentendimentos dentro e fora do campo. Raro foi o jogo do período em que não houvesse desavenças, e o 46º encontro, segundo a *Folha de Minas*²⁰¹, “[...] foi a primeira partida entre as equipes que a pacificação veio reunir” (FIG.21). Para o jogofesta, “[...] esperava-se, e era muito natural, que a assistência batesse um “record”, dada a projecção de que desfructam os confrontos entre Palestra e Athletico”. Porém, a tarde cinzenta com ameaças de chuvas fortes “[...] provocou o retrahimento dos “fans”, que ficaram na expectativa do resultado ou deante de seus rádios receptores”. A descrição do jornal relatou que “muito perderam os que lá não foram, Athletico e Palestra realizaram uma grande peleja, ao final, o Palestra Italia obteve brilhante triumpho” e a violência não monopolizou as páginas do periódico.



Antes do jogo, confraternização, os jogadores são photographados pela objectiva de FOLHA DE MINAS

FIGURA 22: Confraternização das duas equipes antes do jogo.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 31 de agosto de 1937, p.10.

²⁰¹ Folha de Minas. Terça-feira, 31 de agosto de 1937, p.10.

Quadro 43 - Jogo em 12 de setembro de 1937

Jogo 47	Local	Competição	Placar
12/09/1937	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 3 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Clovis, Florindo e Quim; Zezé (Alcindo), Lôla e Bala; Nestor, Bazzoni, Paulista, Nicola (Alberto) e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Caieira e Canário; Souza, Juca e Chiquito; Mizerani, Orlando (Carazzo) Niginho, Bengala e Zezé		
Gols	Bazzoni, Zezé e Paulista (Atlético); Orlando (3) (Palestra)		

O Atlético retribuiu a visita do Palestra, 15 dias após. E mais uma vez o “[...] *clássico* constituiu um espectáculo de gala!” A *Folha de Minas*²⁰² frisou “[...] que para o “clássico” não ha favorito. Dentro da cancha os dois “teams” parece que transfiguram-se, agigantam-se”. Neste jogo, “os tradicionais adversários, Athletico e Palestra proporcionaram ao publico, numerosissimo e excessivamente entusiasta, um confronto que premiou os esforços dos dois bandos”. Apesar do empate em 3 a 3, a descrição do jornal concluiu que o “[...] *team* do Barro Preto (FIG.22) privou-se de assinalar uma grande victoria sobre o seu maior rival.



FIGURA 23: Palestrinos antes do jogo, Chiquito, Juca, Carazzo, Orlando, Zezé e Souza.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 14 de setembro de 1937, p.10.

²⁰² Folha de Minas. Terça-feira, 14 de setembro de 1937, p.10.

Quadro 44 - Jogo em 13 de novembro de 1937

Jogo 48	Local	Competição	Placar
13/11/1937	Estádio do América	Campeonato Mineiro	Atlético 3 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Florindo e Quim; Zezé, Lôla e Alcindo; Paulista, Bazzoni, Guará, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira (Tueu) e Canário; Souza, Juca e Chiquito (Paulo); Carlos Alberto, Orlando, Zezé, Bengala e Calixto		
Gols	Paulista e Guará (2) (Atlético); Orlando (3) (Palestra)		

O início do campeonato de 1937 foi conturbado. Questões concernentes aos dirigentes atrapalharam e atrasaram o princípio do certame. Atlético e Palestra estrearam jogando entre si no estádio do América, “[...] batendo-se em disputa dos primeiros dois pontos na tabella”. A *Folha de Minas*²⁰³ narrou que apesar da “[...] instabilidade do tempo” no dia do jogo, “os embates dos tradicionais adversários jamais desvirtuaram sua finalidade de empolgar o público em seu decurso e nos dias que o precede”. O jornal observou um clássico “[...] capaz de superar os últimos melhores espetáculos, tendo o alvi-negro assinalado expressivo triunfo, por 3 a 0” (FIG.23).

O *Estado de Minas*²⁰⁴, além de relatar uma *peleja que satisfaz a assistência*, indignou-se com a iluminação do Estádio Octacílio Negrão de Lima, do América: “A iluminação não presta, absolutamente, nas condições em que se encontra, para realização de partida de campeonato”. O público que afluiu ao campo, retraído pela “[...] instabilidade do tempo”, não chegou a “lotar as dependências do stadium”, e, apesar da iluminação ruim e das “condições desfavoráveis do terreno”, puderam assistir a um jogo de “ações individuais com certa regularidade técnica”. As palavras do *Estado de Minas* não aludiram a um clássico, apenas descreveu a partida, diferentemente da *Folha de Minas*.



3 a 0 o placard do «classico»!

FIGURA 24: Manchete da *Folha de Minas* para o 48º jogo.
Fonte: *Folha de Minas*. Domingo, 14 de novembro de 1937, p.11.

²⁰³ *Folha de Minas*. Domingo, 14 de novembro de 1937, p.11.

²⁰⁴ *Estado de Minas*. Domingo, 14 de novembro de 1937, p.10.

Considerações sobre o 3º Período

Esse terceiro momento teve o *barril de pólvoras* da política europeia se aproximando da detonação. O *nacionalismo* alemão e italiano expandiram suas ideias consideravelmente, ao ponto de preparar a região para o maior conflito do século XX. No Brasil, o governo de Getúlio Vargas, viveu o *Governo Constitucional* sendo Vargas eleito presidente pela Assembleia Nacional Constituinte. Em Minas Gerais, seria interventor federal, indicado pelo presidente, Benedito Valadares, governando de 1933 a 1945.

No futebol belo-horizontino, é possível definir Atlético *versus* Palestra, no início da profissão de futebolistas, como um encontro de grandes dimensões, juntamente com os jogos destes com o América. Algumas expressões encontradas nos jornais do período sugerem, porém, algo a mais para os primeiros. Como descrito anteriormente nos jogos, nos números de vitórias e derrotas, há um equilíbrio incontestado nos 23 jogos analisados, mas é nos relatos jornalísticos que podemos perceber a ascensão do acirramento da rivalidade do jogo Atlético contra Palestra.

Em termos de resultados, nos primeiros campeonatos profissionais mineiros de futebol, Atlético e Palestra viveram à sombra de um mesmo adversário. Se, na primeira metade dos anos 1920, ainda amadores, ambos assistiram aos cinco últimos títulos do decacampeonato do América, nos anos 1930, viram imbatível o Villa Nova Atlético Clube, equipe que primeiro obteve contornos profissionais, pois os operários de mineradoras inglesas atuantes na cidade de Nova Lima, segundo Moura (2010), eram obrigados a se filiar ao clube futebolístico da empresa, fato que fortaleceu a equipe de futebol.

O Villa Nova, que nunca havia terminado um campeonato entre os dois primeiros, seria campeão no último certame amador em 1932, dividindo o título com o Atlético. E nos três primeiros campeonatos profissionais sagrar-se-ia tri-campeão mineiro (1933/34 e 35), relegando Atlético e Palestra à disputa de posições inferiores. Em 1936, as primeiras colocações voltariam para a Capital, com Atlético campeão e Palestra vice.

Contudo, a temporada profissional de futebol de 1937 seria a mais *estranha*. O campeonato terminaria já no ano de 1938 e teria o E.C. Siderúrgica como campeão

inédito e o Villa Nova A.C. vice-campeão, clubes das cidades de Sabará e Nova Lima, respectivamente. O fato de nenhum dos dois clubes serem da capital já chamava a atenção, pois isso ainda não havia acontecido. No tocante a Atlético e Palestra, notamos algo também inédito até então. Desde a fundação do Palestra Itália, em 1921, pelo menos um dos dois figurou na posição de campeão ou vice-campeão. Episódio que não ocorreu em 37.

Apesar do surgimento de outras equipes competitivas nos anos 1930 como Villa Nova e Siderúrgica, o jogo Atlético e Palestra continuou movimentando as páginas dos jornais da época. A partida entre eles, oficial ou amistosa, manteve o interesse do público, pois os periódicos deram conta de estádios sempre lotados, por vezes regado a cenas de selvageria entre os jogadores, torcidas e até policiais. O certo é que, nesse período, a expressão *clássico* se tornou corriqueira quando se referia ao embate Atlético contra Palestra.

Talvez, a decisão de denominar *clássico* em 1934 um jogo de história mais recente do que Atlético X América, tenha sido o momento mais simbólico para Atlético X Palestra. Que tipo de reportagem jornalística poderia pressupor o Palestra ser o maior adversário do Atlético nos anos 1930? As grandes e numerosas assistências que cada partida suscitava? A emoção que causava na torcida diante das fases sensacionais do choque Palestra e Atlético? A definição do jogo como uma das maiores pugnas desses últimos tempos e a competição favorita da cidade? Ou, o que seguidamente batia recordes de rendas do campeonato local?

Maior ou menor, possivelmente não seja o caso fixar, mas a imprensa o pintou um espetáculo tão completo como poucos, que monopolizava a voz da cidade e que se fazia ouvir dos quatro cantos de Belo Horizonte. Foram declarados os dois antigos rivais das *nossas* canchas; consistiam no choque que centralizava as atenções dos milhares de frequentadores dos campos de futebol e que promoviam espetáculos soberbos.

Nas arquibancadas e adjacências, Atlético e Palestra significaram motivos de brigas entre torcedores, dirigentes e até entre policiais passionais, pois eram duas expressões legítimas do futebol mineiro, que despertavam geral atenção, promovendo

um *espetaculo de gala!* Nos jornais, a rivalidade entre ambos esteve manifesta e se fazia ao nível de qualquer outro jogo local.

3.6- 4º Período (31 jogos de 1938 a 1942) o *classico dos classicos*

Nesses anos, a posição brasileira de conflito contra os países do Eixo na Segunda Grande Guerra Mundial, acabou por mudar o olhar da sociedade sobre os ítalo-brasileiros, bem como teuto-brasileiros e nipônicos. Nessa época, emergiu um sentimento de preconceito e revolta contra pessoas com identidades étnicas comuns aos inimigos do Brasil na guerra (FROSI e MAZO, 2012). Contudo, o *clássico* Atlético contra Palestra se manteria até 1942, ano em que as pressões políticas e sociais provocaram as mudanças de nomes no Palestra Itália.

Os últimos anos do Palestra Itália compuseram, proporcionalmente, o período de maior quantidade de vitórias do Atlético. Dos 31 jogos encontrados e analisados, percebemos 17 vitórias atleticanas, 10 palestrinas e quatro empates. Não é possível concluir que os momentos conturbados internos do Palestra se refletiram dentro de campo, mas os números e datas demonstraram que, durante as mudanças de nomes do Palestra, o Atlético o venceu sistematicamente.

Quadro 45 - Jogo em 9 de janeiro de 1938

Jogo 49	Local	Competição	Placar
09/01/1938	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 3 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Pepino e Quim; Pedrinho, Lôla e Bala; Synval, Bazzoni, Guará, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário; Souza, Juca e Chiquito; Carlos Alberto, Orlando, Zezé, Bengala e Calixto		
Gols	Bazzoni (2) e Guará (Atlético); Calixto (Palestra)		

Um jogo amistoso parecia ter a mesma importância de um válido por campeonato. Neste, o Atlético venciu o *clássico* por justos 3 a 1, dizia a *Folha de Minas*²⁰⁵, “[...] mas o intenso nervosismo e o excesso de entusiasmos” podem ter sido

²⁰⁵ Folha de Minas. Terça-feira, 11 de janeiro de 1938, p.10.

“os factores dos disturbios observados no encontro dos dois tradicionaes adversários”. Se o último cotejo “fora disputado com lisura”, o do dia nove teve desfecho lamentável. Após uma agressão do arqueiro palestrino, Geraldo II, no centroavante atleticano Guará, e posterior revide, o juiz expulsou os dois. Depois de muita discussão, definiu-se que os quadros atuariam com dez jogadores, momento em que “Fechou o tempo! O sururu” assumiu grande proporção com a participação de policiais, guardas civis e investigadores. Saldo da confusão, Caieira e Geraldo I, ambos do Palestra, foram presos e conduzidos à *Polícia Central*, onde ficaram detidos. Serenado os ânimos, o jogo recomeçou após 15 minutos de interrupção, os *players* expulsos e presos foram substituídos e, como no Palestra não havia mais goleiro disponível, o atacante “[...] Bengala se propôs a fazer as vezes do *keeper*”.

Quadro 46 - Jogo em 30 de janeiro de 1938

Jogo 50	Local	Competição	Placar
30/01/1938	Estádio do América	Campeonato Mineiro de 1937	Atlético 1 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Pepino e Quim (Evando); Pedrinho, Lôla e Bala; Paulista, Bazzoni, Guará, Nicola (Alberto) e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário; Souza, Juca e Chiquito; Zama (Mezerani), Orlando, Zezé, Bengala e Calixto		
Gols	Nicola (Atlético); Calixto (Palestra)		

A *Folha de Minas*²⁰⁶ relatou que o “[...] *clássico* seguiu, ainda desta vez, a habitual linha de sensacionalismo, aparecendo como uma das melhores partidas do campeonato”. O embate teve “[...] assistencia das mais numerosas do actual certame” e postou-se “sobremaneira entusiasta”. Os presentes no estádio testemunharam “[...] vivacidade, classe e entusiasmo na construção de manobras, equilibrando-se no desempenho dos quadros e consolidando os prognósticos anteriores, incapazes de apontar um vencedor para o confronto” (FIG.24). O equilíbrio em campo transferiu-se para o placar final, 1 a 1.

²⁰⁶ Folha de Minas. Terça-feira, 1º de fevereiro de 1938, p.11-12.

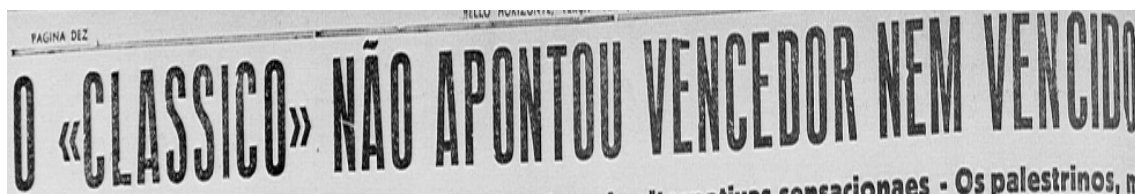


FIGURA 25: Manchete da *Folha de Minas* para o clássico.

Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 1º de fevereiro de 1938, p.11-12.

Quadro 47 - Jogo em 9 de abril de 1938

Jogo 51	Local	Competição	Placar
09/04/1938	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Raul e Quim; Alberto, Lôla e Bala; Paulista, Sellado, Guará, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário; Souza, Juca e Caieirinha; Lana, Geninho (Zezé), Calixto, Bengala e Alcides		
Gols	Nicola e Rezende (Atlético); Calixto (Palestra)		

O clássico de número 51 foi um amistoso acontecido após o final do campeonato de 1937, do qual nem Atlético nem Palestra haviam finalizado bem. A *Folha de Minas*²⁰⁷ escreveu, no periódico do dia do jogo, que “[...] a sua *reedição* é aguardada com justa expectativa, devendo proporcionar intensa vibração e constituir um espetáculo de proporções jamais imaginadas”. O jornal anunciou o embate dizendo que “[...] os dois tradicionais adversários farão esta noite uma luta de grandes proporções, adversários que sugerem os mais controvertidos prognósticos, despertando toda a curiosidade do nosso público”.

A partida não fez jus às expectativas do dia anterior. Para a *Folha de Minas*²⁰⁸ “[...] o *clássico* noturno não ofereceu colorido especial, constituindo, apenas um espetáculo de pouca vistosidade”. A curta descrição do jornal “[...] não evidenciou superioridade de um sobre o outro, porém, o desempenho da turma *athleticana*, acanhado a princípio, foi mais seguro na última fase”, onde obteve os gols “que lhe valeram o triunfo”.

²⁰⁷ Folha de Minas. Sábado, 9 de abril de 1938, p.11.

²⁰⁸ Folha de Minas. Domingo, 10 de abril de 1938, p.11.

Quadro 48 - Jogo em 21 de abril de 1938

Jogo 52	Local	Competição	Placar
21/04/1938	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 3 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Linthon e Quim; Alberto, Lôla e Alcindo; Paulista, Sellado, Synval (Dodô), Nicola e Elair		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário; Souza, Juca e Caieirinha; Nonô, Geninho (Carlos Alberto), Calixto (Zezé / Cecy), Zezé (Bengala / Geninho) e Alcides		
Gols	Synval, Caieira (contra) e Paulista (Atlético)		

Uma partida equilibrada, segundo a *Folha de Minas*²⁰⁹, com o “[...]” escore demasiado berrante para um *clássico*”, 3 a 0 para o Atlético. “O prélio levado a efeito no “estadinho” da avenida Augusto de Lima, ofereceu o transcurso característico de todas as peijas em que os adversários são Palestra e Athletico. Muito entusiasmo e empenho fora do comum”. O jornal criticou o estádio do Palestra, possivelmente, pequeno demais para suportar a assistência que acompanhava o *clássico*, e elogiou a “[...] boa disciplina” dos jogadores durante a partida, fora “algumas atitudes de revolta de Nicola e uma serie de *ripadas* de Alcindo”.

Quadro 49 - Jogo em 5 de junho de 1938

Jogo 53	Local	Competição	Placar
05/06/1938	Estádio do Palestra	Campeonato Mineiro	Atlético 1 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Raul e Quim; Alberto, Lola e Bala; Paulista (Elair), Sellado, Guará (Synval), Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Mantovani; Souza, Juca e Chiquito; Zama, Geninho (Carlos Alberto), Zezé, Bengala e Alcides (Calixto)		
Gols	Synval (Atlético)		

Esse jogo aconteceu no mesmo dia da partida entre as seleções Brasileira e Polonesa na Copa do Mundo de futebol disputada na França. A *Folha de Minas*²¹⁰ lembrou que Atlético e Palestra se enfrentaram após a grande vitória do Brasil por 6 a 5 (FIG.25) “[...] e dificilmente um outro espetáculo poderia agradar plenamente aos

²⁰⁹ Folha de Minas. Sexta-feira, 22 de abril de 1938, p.11.

²¹⁰ Folha de Minas. Terça-feira, 7 de junho de 1938, p.10.

“fans”, mesmo sendo o *clássico* do futebol mineiro: Palestra X Atlético. O cotejo não apresentou o brilhantismo que se esperava”, e isso refletiu no “diminuto entusiasmo dos milhares de adeptos que acompanharam a pugna”. O jornal lembrou que ainda não fora desta vez que “[...] os palestrinos” conseguiram “assinalar o primeiro triunfo no certame” sobre os alvinegros. Já era a sétima partida seguida sem vitória do Palestra sobre o Atlético.



FIGURA 26: Em homenagem à vitória brasileira sobre a Polônia, os jogadores do Palestra e do Atlético entraram conduzindo o pavilhão nacional.

Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 7 de junho de 1938, p.10.

Quadro 50 - Jogo em 24 de julho de 1938

Jogo 54	Local	Competição	Placar
24/07/1938	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro	Atlético 4 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Geraldo II, Caieira (Canário) e Mantovani; Souza, Juca e Chiquito; Zama (Carlos Alberto), Zezé, Geninho, Bengala e Calixto		
Palestra Itália	Clovis, Raul e Quim; Alberto, Pedrinho e Bala; Elair, Selado, Guará, Nicola e Rezende		
Gols	Guará, Elair, Rezende e Alberto (Atlético); Geninho (Palestra)		

O campeonato de 1938 assistiu a mais um “[...] encontro dos dois tradicionais adversários de nossos campos, que teve a presenciá-lo uma assistência relativamente numerosa e entusiasta”. A *Folha de Minas*²¹¹ observou que este jogo “[...] constituiu um espetáculo realmente sensacional que empolgou o público”. O Atlético tentava se manter invicto no certame e o Palestra não queria um oitavo jogo sem vitória sobre o

²¹¹ Folha de Minas. Terça-feira, 26 de julho de 1938, p.10.

rival, então, “[...] proporcionaram-nos uma luta que agradou em cheio pelos aspectos de sensacionalismo de que se revestiu. Foi um grande jogo”. Ao final, mais uma vitória atleticana, 4 a 1. Os alvinegros apresentaram, “[...] diante do seu mais temível adversário, uma performance digna de aplauso”.

Quadro 51 - Jogo em 18 de setembro de 1938

Jogo 55	Local	Competição	Placar
18/09/1938	Estádio do América	Campeonato Mineiro	Atlético 1 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Raul e Quim; Alberto, Lôla (Pedrinho) e Bala; Paulista, Sellado, Guará, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Caieira e Mantovani; Souza, Juca e Chiquito; Carlos Alberto, Geninho, Calixto (Bengala), Zezé e Alcides		
Gols	Guará (Atlético)		

O jogo de número 55 proporcionou à assistência “[...] momentos de vibração incontida”. Segundo a *Folha de Minas*²¹², “[...] Palestra X Athletico, o clássico da cidade”, propiciaram “aos espectadores um autentico espetáculo de futebol. Reviveram o espírito de combatividade que os caracterizaram em épocas do amadorismo as partidas oficiais”. Os palestrinos desejavam “[...] desbancar a invencibilidade do líder”, durante o jogo foram superiores, “mas no futebol há destas surpresas que significam a fragilidade da logica esportiva”. Ao final, saíram com mais uma derrota para os campeões de 1938, a nona sem vencer e o quinto revez seguido.

Quadro 52 - Jogo em 8 de janeiro de 1938

Jogo 56	Local	Competição	Placar
08/01/1939	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga (Hespanhol), Caldeirão e Quim; Cafifa, Lôla e Bala; Helio, Alberto, Itália, Wilson e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Caieira e Canário; Chiquito (Souza), By (Juca) e Caieirinha; Lôlo, Geninho, Carlos Alberto, Zezé (Ceci) e Alcides		
Gols	Rezende (2) (Atlético); Caldeirão (contra) (Palestra)		

²¹² Folha de Minas. Terça-feira, 20 de setembro de 1938, p.10.

A edição da *Folha de Minas*²¹³ relativa ao primeiro encontro de 1939 analisou o campeonato de 1938: “[...] o futebol profissional atravessa um período crítico em matéria financeira, a partir do balancete geral, constata-se uma crise digna de exame, exigindo providências imediatas”. Para o jornal, “[...] o primeiro clássico *amistoso* não obedeceu a mesma linha de actuação técnica, e sob o aspecto disciplinar ficou comprometido na segunda etapa”. As estratégias publicitárias não atraíram o público para o amistoso e “[...] uma análise mais abrangente do jogo pode apresentá-lo entre os mais desinteressantes”, onde, “seguramente, dois terços” da partida, “teriam feito bocejar a torcida”. Na parte final, após controversas marcações da arbitragem, o espetáculo “[...] passou de futebol à luta-livre, sendo necessária a intervenção da polícia para serenar os ânimos”.

Quadro 53 - Jogo em 5 de fevereiro de 1939.

Jogo 57	Local	Competição	Placar
05/02/1939	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 0 x 4 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Linthon e Quim; Cafifa, Alcindo e Alberto; Helio (Elair), Sellado (Paulista), Itália, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Caieira e Canário; Souza, Juca e Caieirinha; Lôlo, Carlos Alberto, Niginho, Geninho e Zezé		
Gols	Niginho (3) e Zezé (Palestra)		

“Um placar surpreendente para o segundo *clássico* amistoso de 39” seria a manchete do *Estado de Minas*²¹⁴ para a vitória palestrina por 4 a 0. O jogo exibido “[...] pelos dois clássicos rivaes não convenceu, o reduzido público que se aventurou ao estádio do Barro Preto” viram “o triunfo dos verdes por elevada diferença”. O destaque do jornal ficou por conta da reestreia de Niginho pelo Palestra. Na sua *reentré* Niginho marcou três dos quatro gols da partida, e se o Atlético jogara desfalcado de três dos seus principais jogadores, “[...] acarretando desapontamento à torcida”, o Palestra evitaria a 11ª partida sem vitória sobre o rival alvinegro.

²¹³ Folha de Minas. Terça-feira, 10 de janeiro de 1939, p.10.

²¹⁴ Estado de Minas. Terça-feira, 7 de fevereiro de 1939, p.8.

Quadro 54 - Jogo em 26 de março de 1939

Jogo 58	Local	Competição	Placar
26/03/1939	Estádio do Palestra	Campeonato Mineiro	Atlético 0 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Dicinho e Quim; Cafifa (Alberto), Lôla (Balla), Balla (Hugo); Paulista (Elair), Alberto (Paulista), Guará, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário; Souza, Juca e Caieirinha; Carlos Alberto, Geninho, Jacy, Bengala e Alcides		
Gols	Carlos Alberto (Palestra)		

Diferentemente dos amistosos anteriores, o *Estado de Minas*²¹⁵ relatou que “Athletico e Palestra exibiram no *clássico*” pela liderança da tabela do campeonato de 1939 “um espírito de luta intenso, fazendo vibrar a torcida”. Durante a semana o jogo fora “[...] aguardado com a maior curiosidade”, e no dia, “a peleja marcou um transcurso acceso, dando desde o início a impressão de equilíbrio”. O bom público presente viu despertar “[...] uma energia explicável pela rivalidade de um “clássico” á altura das suas melhores tradições”. A vitória palestrina por 1 a 0 seria “[...] resultante de uma atuação mais segura em analyse geral”.

Quadro 55 - Jogo em 23 de abril de 1939

Jogo 59	Local	Competição	Placar
23/04/1939	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 3 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Lulu e Lynthon; Hugo, Lôla e Alcindo; Helio, Sellado, Guará, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Caieira e Canário; Souza, Juca (Bibi) e Caieirinha (Bertho); Carlos Alberto, Geninho, Nenzito (Rizzo), Jacy (Juca) e Alcides		
Gols	Guará (3) (Atlético)		

Na *Folha de Minas*²¹⁶ havia enorme expectativa em torno da apresentação do Atlético, motivada pelos revezes consecutivos sofridos anteriormente. Após a partida, o jornal descreveu que “Palestra e Athletico, os dois tradicionaes adversarios, fizeram, não resta duvida, uma grande luta, cujo desenrolar agradou plenamente ao publico espectador e provocou viva emoção nas archibancadas e nas geraes” (FIG.26). Os 3 a 0

²¹⁵ Estado de Minas. Terça-feira, 28 de março de 1939, p.9.

²¹⁶ Folha de Minas. Terça-feira, 25 de abril de 1939, p.10.

merecido *dos onze athleticanos* foi possível graças á atuação do atacante Guará, “[...] a figura máxima do jogo amistoso”, marcando todos os gols.



FIGURA 27: Arquibancada lotada acompanhando um ataque do Palestra.

Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 25 de abril de 1939, p.10.

Quadro 56 - Jogo em 4 de junho de 1939

Jogo 60	Local	Competição	Placar
04/06/1939	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro	Atlético 1 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Lulu e Quim; Cafifa, Lola e Hugo; Helio Tarcia, Selado (Paulista), Guará (Itália), Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário (Mantovani); Souza, Juca e Caieirinha; Carlos Alberto, Geninho, Laerte, Bengala e Alcides		
Gols	Paulista (Atlético)		

Na *Folha de Minas*²¹⁷ do 60º jogo da história, o entusiasmo comum para o clássico da cidade. “Toda a vez que se anuncia uma luta entre alvi-negros e palestrinos movimenta-se por completo os nossos círculos esportivos” (FIG.27). Todos os aficionados do futebol experimentam novas emoções “[...] ao presenciar ao *clássico*

²¹⁷ Folha de Minas. Domingo, 4 de junho de 1939, p.10.

sempre sensacional Athletico X Palestra”. Os palestrinos, ponteiros da tabela, vão a campo tentar impor “[...] aos *riscados* o dissabor de uma segunda derrota no campeonato”.



FIGURA 28: Expectativa da *Folha de Minas* para o clássico de logo mais a tarde.
Fonte: Folha de Minas. Domingo, 4 de junho de 1939, p.10.

A ansiedade que o jogo provocou anteriormente à partida não se justificou em campo. O *Estado de Minas*²¹⁸ descreveu uma má exibição de ambos. As novas táticas de *ataque em W* tentaram dar ao “[...] classico um novo colorido, mas não foi capaz de interessar um publico maior, que no dia foi medíocre”. O acontecimento negativo do dia foi a contusão do atleticano Guará, “[...] com poucos minutos de jogo, o centro avante alvi-negro chocou-se violentamente com Caieira, cahindo ao sólo desacordado. Foi uma colisão brutal”. O Atlético ganharia o jogo por 1 a 0, mas o seu principal jogador da época, autor de 21 gols em 25 *clássicos* disputados, não mais voltaria à forma física e técnica de outrora, encerrando a carreira após algumas tentativas frustradas de retorno, aos 23 anos de idade.

Quadro 57 - Jogo em 13 de agosto de 1939

Jogo 61	Local	Competição	Placar
13/08/1939	Estádio do Palestra	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Evando e Linton; Hugo (Cafifa), Pedrinho (Bala) e Bala (Hugo); Paulista, Sellado, Hamilton (Sinval), Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário; Souza, Juca e Caieirinha; Carlos Alberto, Alencar, Geninho, Bengala (Calixto) e Ceci (Djalma)		
Gols	Paulista e Nicola (Atlético)		

“A numerosa assistencia que compareceu ao “estadinho” do Barro Preto” assistiu a uma partida sonolenta. A *Folha de Minas*²¹⁹ relatou que “[...] o mesmo publico que esta acostumado a vibrar de entusiasmo ante os lances sensacionaes que tornaram um Palestra x Athletico o espetaculo de preferênciã, ficou em silencio por

²¹⁸ Estado de Minas. Terça-feira, 6 de junho de 1939, p.8.

²¹⁹ Folha de Minas. Terça-feira, 15 de agosto de 1939, p.10.

quase todo o curso da partida”. Foi nesse “[...] ambiente de monotonia dentro e fora do gramado que se desenvolveu a peleja” terminada 2 a 0 para o Atlético.

Quadro 58 - Jogo em 18 de fevereiro de 1940

Jogo 62	Local	Competição	Placar
18/02/1940	Estádio do América	Campeonato Mineiro de 1939	Atlético 0 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Kafunga, Lynthon e Ayrton; Cafifa, Bala e Alcindo (Evando); Manja, Sellado, Baiano (Guará), Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Canário (Azevedo); Souza, Juca e Caieirinha; Carlos Alberto, Geraldinho, Niginho, Geninho e Alcides		
Gols	Carlos Alberto e Alcides (Palestra)		

Nas páginas da *Folha de Minas*²²⁰ a vitória do Palestra por 2 a 0 pouco representou, pois o Atlético já havia se sagrado bi-campeão (1938/39). Mesmo assim, “[...] uma boa assistência tomou as dependências do estadio da Alameda” a fim de assistir “ao bi-campeão da cidade dar combate a um dos seus mais difíceis e perigosos adversários”. Desde o início da partida “[...] o esquadrão *periquito* procurou envolver os athleticanos com jogadas mais precisas e perigosas”, não dando chance de reação aos alvinegros. O jornal relatou a reestreia do atacante Guará, afastado do futebol desde o acidente no clássico de 04 de junho de 1939. Não houve tempo hábil para avaliá-lo, mas a reportagem notou que “[...] faltou-lhe aquella fibra e esperteza que o consagraram um dos maiores centro-avantes do paiz”.

Quadro 59 - Jogo em 24 de março de 1940

Jogo 63	Local	Competição	Placar
24/03/1940	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 0 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Uratan, Linton e Ayrton (Evando); Cafifa, Bala (Quirino) e Quirino (Hugo Reis); Manja, Paulista, Itália, Nicola (Elair) e Hamilton		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Azevedo; Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha (Djardes), Geraldino, Niginho, Geninho e Alcides (Cecy)		
Gols	Niginho, Nogueirinha e Djardes (Palestra)		

²²⁰ Folha de Minas. Terça-feira, 20 de fevereiro de 1940, p.8.

A *Folha de Minas*²²¹ relatou esse clássico como se o Atlético, sonolento, ainda estivesse no clima do bicampeonato conquistado, “[...] a característica do amistoso de ante-hontem foi bem idêntica á do ultimo cotejo”. Há tempos o Palestra não ganhava duas partidas seguidas do rival. Era preciso começar a reagir, pois a “[...] virtude do esquadrão do Barro Preto é jogar para vencer, com certeza da victoria, seja lá qual fôr o adversario que tiver pela frente”. No clássico em questão o Palestra “[...] triumphou nítida e merecidamente por uma contagem expressiva: tres a zero. A exhibição do quadro bi-campeão foi medíocre”. O jornal não fez nenhuma menção, mas esse jogo amistoso aconteceu em comemoração aos 32 anos de fundação do Clube Atlético Mineiro e abria caminho para o Palestra voltar a ser campeão após 10 anos.

Quadro 60 - Jogo em 23 de junho 1940

Jogo 64	Local	Competição	Placar
23/06/1940	Estádio do Palestra	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Evando e Airton; Cafifa, Jaime e Quirino; Manja, Selado (Hamilton), Hamilton (Itália), Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Azevedo; Souza, Juca e Caieirinha; Carlos Alberto (Nogueirinha), Geraldino, Niginho, Geninho e Alcides		
Gols	Manja (2) (Atlético); Alcides (2) (Palestra)		

Esse clássico valia a posição de líder da tabela do campeonato de 1940. O *Minas Geraes*²²², edição de 19 de junho, relatou que “[...] esse jogo está despertando vivamente o interesse dos aficcionados do futebol nesta Capital”, e o *Minas Gerais*²²³ do dia do embate descreveu a expectativa quanto à disputa de “[...] *leader*, ora ocupada pelo Palestra”.

“2 a 2 foi o desfecho numérico do *classico*”, relatado na página esportiva da *Folha de Minas*²²⁴. Durante o jogo houve muita confusão.

²²¹ Folha de Minas. Terça-feira, 26 de março de 1940, p.10.

²²² Minas Geraes. Quarta-feira, 19 de junho de 1940. Esportes, p.10.

²²³ Minas Geraes. Domingo, 23 de junho de 1940. Esportes, p.7.

²²⁴ Folha de Minas. Terça-feira, 25 de junho de 1940, p.10.

[...] motivados pela marcação de um goal a favor dos athleticanos e logo depois um penalty para os palestrinos, originaram-se em campo dois “sururús”. Assistiu-se a agressões, prisões, etc, de tudo isso tomando parte saliente jogadores, técnicos, e outras pessoas de certa responsabilidade. O jornal definiu um espetáculo deveras desolador, presenciado por enorme massa popular que ocorreu ao “ground” do Barro Preto.

A consequência da confusão foi a conclusão da reportagem de que “[...] esses não são os jogadores de futebol que os nossos clubes necessitam”.

Quadro 61 - Jogo em 28 de julho de 1940

Jogo 65	Local	Competição	Placar
28/07/1940	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 1 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Evando e Airton; Cafifa, Jaime e Quirino; Manja, Selado, Ulisses (Itália), Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Caieira e Azevedo (Bibi); Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Geraldino, Niginho, Geninho e Alcides (Djardes)		
Gols	Manja (Atlético); Geraldino (Palestra)		

Em retribuição à visita do mês passado, o Palestra enfrentaria o Atlético no Estádio Antônio Carlos. No *Minas Geraes*²²⁵ encontramos a expectativa anterior ao jogo. “Esse acontecimento, pelo próprio valor dos disputantes, e devido mesmo à sua tradição, está monopolizando o interesse de nossos meios esportivos, devendo alcançar o mais completo êxito”.

O *Estado de Minas*²²⁶, após a partida, lembrou que “[...] o ultimo encontro entre carijós e periquitos havia terminado com um empate de 2 a 2” e, neste último clássico “entre os tradicionaes rivaes” houve “algum entusiasmo e technica soffrivel”. Ao final, terminaria em igualdade mais uma vez: 1 a 1. Ficou descrito no jornal que “[...] a diminuta assistencia que ocorreu ao estadio não saiu bem impressionada com o espetáculo a que assistiu”. Além do relato da partida, o periódico divulgou nota sobre a pequena renda do jogo e atestou o encontro Atlético X Palestra como o “[...] jogo que constitue o maior cartaz da cidade” (FIG.28).

²²⁵ Minas Geraes. Domingo, 28 de julho de 1940. Esportes, p.8.

²²⁶ Estado de Minas. Terça-feira, 30 de julho de 1940, p.5.

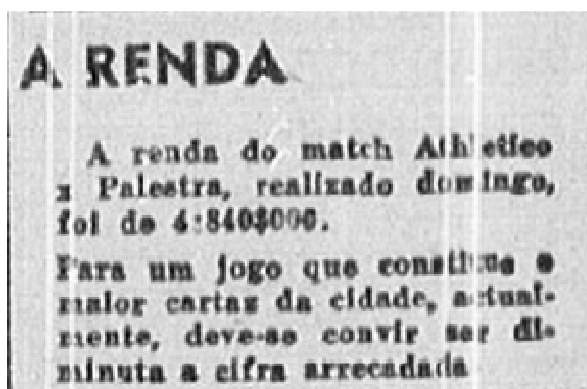


FIGURA 29: Nota no *Estado de Minas* relativa à renda do clássico do dia 28/07/1940.

Fonte: Estado de Minas. Terça-feira, 30 de julho de 1940, p.5.

Quadro 62 - Jogo em 25 de agosto de 1940

Jogo 66	Local	Competição	Placar
25/08/1940	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 1 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Linton e Evando; Cafifa, Jaime e Quirino (Alcindo); Manja, Selado, Hamilton, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Azevedo; Souza (Bibi), Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Geraldino, Niginho, Geninho e Alcides (Djardes)		
Gols	Manja (Atlético); Geraldino e Nogueirinha (Palestra)		

Após alguns domingos sem um acontecimento futebolístico de grande proporção, “[...] a cidade assistiu ao *clássico* Athletico x Palestra, em caracter amistoso”. A *Folha de Minas*²²⁷ relatou um “[...] match movimentado, com ataques de lado a lado”. Na partida, “[...] uma assitencia relativamente numerosa compareceu ao estadio de Lourdes para presenciar o cotejo entre os dois expoentes do futebol mineiro”. Diferentemente dos encontros anteriores, “[...] o prélio ofereceu momentos de sensação, provocando ruidos na archibancada e geraes”. A manchete do jornal (FIG.29) demonstrou a virada do Palestra contra *o seu maior rival*, terminando 2 a 1.

²²⁷ Folha de Minas. Terça-feira, 27 de agosto de 1940, p.8.

Depois de estar perdendo por um a zero, o «onze» tricolor conseguiu empatar e depois vencer o seu maior rival

FIGURA 30: O Palestra virou sobre o seu maior rival, o Atlético.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 27 de agosto de 1940, p.8.

Quadro 63 - Jogo em 1º de setembro de 1940

Jogo 67	Local	Competição	Placar
01/09/1940	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 1 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Linton, (Evando) e Evandro (Airton); Cafifa, Jaime e Quirino; Manja, Selado, Itália (Ulisses), Nicola (Itália) e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Bibi; Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Geraldino, Niginho, Nonô (Carlos Alberto) e Djardes		
Gols	Manja (Atlético); Djardes, Geraldino e Niginho (Palestra)		

No expediente do *Minas Geraes*²²⁸ do dia do jogo, o aviso de “[...] mais um atraente jogo amistoso de futebol disputado hoje à tarde, no campo da avenida Augusto de Lima, entre os fortes quadros do Atlético e do Palestra”.

Ao mesmo tempo em que o futebol do Atlético não convencia, o Palestra Itália continuava abrindo caminho para ser o campeão mineiro de 1940. “O Athletic deixou novamente a desejar no *clássico*, aos olhos do publico numeroso que affluu ao *ground* da avenida Augusto de Lima. O triunfo dos palestrinos foi justo e merecido, pois a sua actuação superou a do adversario”. No relato da *Folha de Minas*²²⁹ observamos “[...] o esquadrão tricolor (FIG.30) batendo nitidamente o Athletic por 3 a 1”. Para o jornal, desde a contusão de Guará, os alvinegros se ressentiam de um centroavante “[...] digno do seu quadro. Um club com um dossiê repleto de êxitos retumbantes, defructando de uma popularidade excepcional, esta agora um velho leão sem juba e mandibula lisa”.

²²⁸ Minas Geraes. Domingo, 1º de agosto de 1940. Esportes, p.9.

²²⁹ Folha de Minas. Terça-feira, 3 de setembro de 1940, p.8.

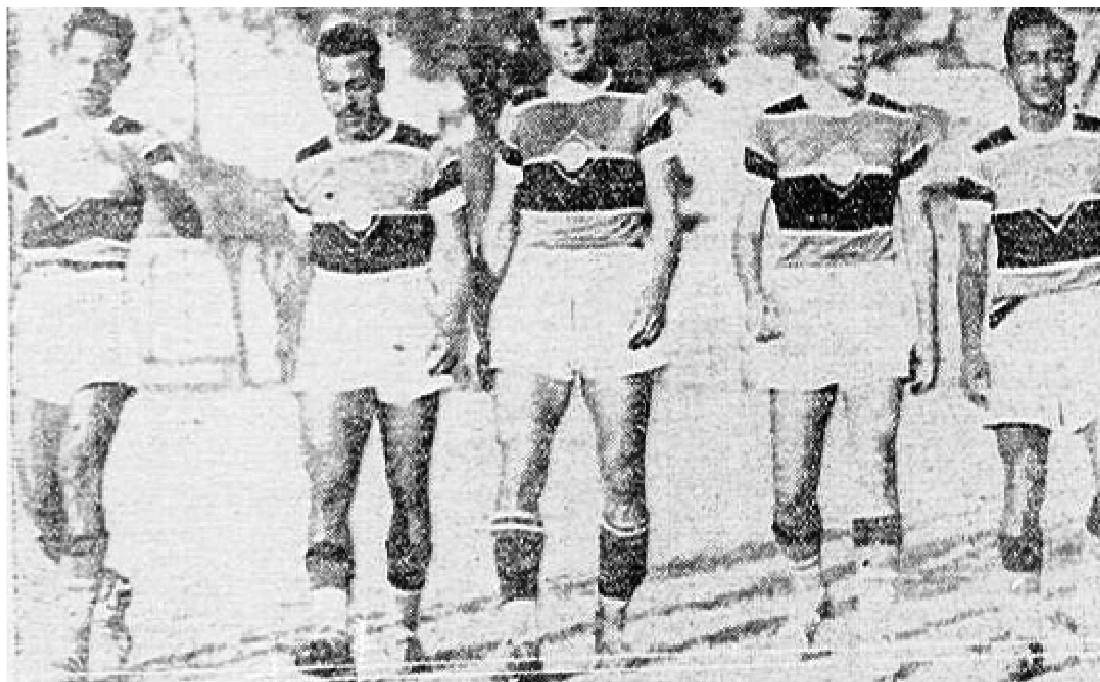


FIGURA 31: Linha dianteira vencedora do Palestra na página da *Folha de Minas*, Nogueirinha, Geraldino, Niginho, Nonô e Djardes.

Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 3 de setembro de 1940, p.8.

Quadro 64 - Jogo em 29 de dezembro de 1940

Jogo 68	Local	Competição	Placar
29/12/1940	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro 1940, final melhor de 3	Atlético 1 x 3 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Airton (Quirino) e Evandro; Cafifa, Jaime e Quirino (Alcindo); Hamilton, Selado (Baiano), Baiano (Paulo), Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Bibi; Souza (Carazzo), Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Orlando, Niginho, Carlos Alberto (Geraldino) e Alcides		
Gols	Paulo (Atlético); Niginho (2) e Alcides (Palestra)		

O final da temporada profissional do futebol mineiro de 1940 talvez tenha sido o mais emblemático da história do *clássico* Atlético contra Palestra, até então. Após os dois primeiros turnos, como descrito no *Minas Geraes*²³⁰ do dia 27 de dezembro, “[...] a Liga de Futebol de Belo Horizonte suprimiu o 3º turno de seu campeonato, relativo a 1940, e determinou que o mesmo se decida em uma *série melhor de três*, a ser disputada pelos quadros do Atlético e do Palestra, leaders do certame”. A expectativa para o jogo

²³⁰ Minas Geraes. Sexta-feira, 27 de dezembro de 1940. Esportes, p.10.

foi intensa no *Minas Geraes*²³¹. “Considerados a importância do prélio e o valor dos dois contendores, o público esportivo aguarda sua realização com grande e justificado interesse”.

Mesmo com a ansiedade que envolvia a partida e o calor intenso do dia, descrito na *Folha de Minas*²³², “[...] pode-se afirmar que o *clássico* correspondeu plenamente á expectativa, em nada deixando a desejar. Athletico e Palestra ofereceram aos seus *fans* um espectáculo de proporções grandiosas e que decorreu num ambiente de absoluta disciplina”. O primeiro jogo da *melhor de três* finais do certame de 1940 “[...] provocou momentos de vibração nas dependências do estádio Antônio Carlos”. A maior objetividade do Palestra “[...] valeu-lhe um triunfo nitido e merecido sobre o Athletico”, 3 a 1, aumentando a expectativa para o segundo jogo da final, pois o Atlético deveria vencer para provocar o terceiro e último.

Quadro 65 - Jogo em 5 de janeiro de 1941

Jogo 69	Local	Competição	Placar
05/01/1941	Estádio do Palestra	Campeonato Mineiro 1940, final melhor de 3	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Linton e Evandro; Cafifa, Jaime e Quirino; Edgard, Baiano, Paulo (Itália), Selado e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Bibi; Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Orlando, Niginho, Carlos Alberto (Carazzo) e Djardes (Alcides)		
Gols	Edgar e Rezende (Atlético); Djardes (Palestra)		

Após o jogo, o *Minas Geraes*²³³ apontou que o segundo “[...] *match* da melhor de três, assistido por um público numeroso e entusiasta”, acabou com a vitória do Atlético por 2 a 1, resultado que forçaria o terceiro e decisivo confronto para designar o campeão mineiro de 1940. A *Folha de Minas*²³⁴ relatou que “[...] pouca gente acreditava no triunfo do gremio alvi-negro”, mas a vitória surpreendeu os “seus fervorosos *fans*,

²³¹ Minas Geraes. Domingo, 29 de dezembro de 1940. Eportes, p.8.

²³² Folha de Minas. Terça-feira, 31 de dezembro de 1940, p.8.

²³³ Minas Geraes. Terça-feira, 7 de janeiro de 1941. Esportes, p.6.

²³⁴ Folha de Minas. Terça-feira, 7 de janeiro de 1941, p.9.

que em grande numero compareceu ao campo do Palestra para estimulá-los”. Na mesma edição da *Folha de Minas* já havia chamada (FIG.31) para a *peleja decisiva* do próximo domingo. A expectativa assumiu aspecto de sensacionalismo.

[...] promettendo mesmo constituir um dos maiores espetáculos esportivos de todos os tempos em nossos gramados. Palestra e Athletico lutando pela posse do título máximo e essa circunstancia já é o bastante para que se aguarde o cotejo como um prelio de proporções gigantescas.

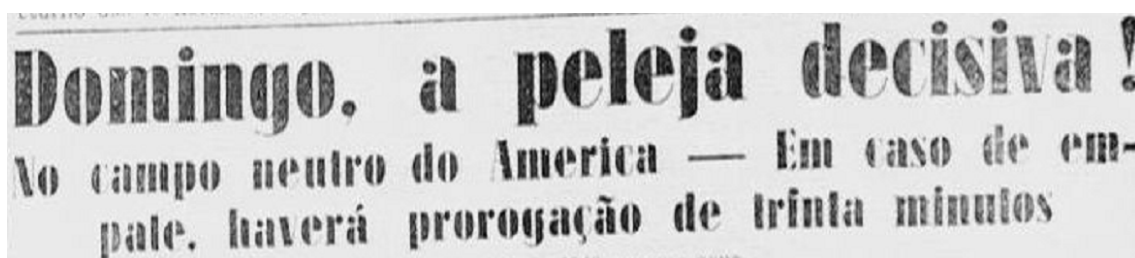


FIGURA 32: Chamada para o terceiro jogo da final do Campeonato Mineiro de 1940
Fonte: Minas Geraes. Terça-feira, 7 de janeiro de 1941. Esportes, p.6.

Quadro 66 - Jogo em 12 de janeiro de 1941

Jogo 70	Local	Competição	Placar
12/01/1941	Estádio do América	Campeonato Mineiro 1940, final melhor de 3	Atlético 0 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Linton e Evandro; Cafifa, Jaime e Quirino; Edgard, Baiano, Paulo, Selado e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Bibi; Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Carazzo, Niginho, Carlos Alberto e Alcides		
Gols	Alcides e Niginho (Palestra)		

“Palestra, Campeão de 1940 (FIG.32). Com uma *passeata monstro* o Palestra comemorou o grande feito”. A *Folha de Minas*²³⁵ fez ampla cobertura do *clássico* decisivo, que “[...] em nada deixou a desejar, confirmando plenamente as perspectivas que o envolviam”. O futebol posto em prática “[...] pelos dignos adversários desenrolou dentro de elogiável ambiente de disciplina e cordialidade”. Pode-se assim dizer que Atlético e Palestra encerraram o campeonato de 1940 “[...] com chave de ouro para o nosso futebol”. A importância do encontro ficou explícita nas palavras do periódico.

O prélio decisivo do campeonato assumiu o logar de acontecimento de destaque na vida da cidade, movimentando a sua população e arrastando para

²³⁵ Folha de Minas. Terça-feira, 14 de janeiro de 1941, p.8.

o local de sua realização milhares de pessoas das localidades vizinhas de Belo Horizonte.

O jornal descreveu que o estádio do América, palco neutro da final, “[...] apresentava, minutos antes do início da partida, as suas amplas dependências literalmente ocupadas por uma assistência numerosa”. Após o final da partida, os “[...] fans do Palestra organizaram uma passeata-monstro pelas principais artérias da cidade, cantando, soltando fogos de artifícios e dando vivas entusiásticos ao campeão”.



FIGURA 33: Manchete da *Folha de Minas*¹⁸⁷ destacando o campeão, após a final “melhor de três”.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 14 de janeiro de 1941, p.8.

Enfim, “desde 1930”, como frisou o *Estado de Minas*²³⁶, o Palestra voltava a conquistar “[...] um título tão destacado no seio do esporte bretão em minas”. Durante esses 10 anos, “[...] Villa Nova, Siderúrgica e Athletico foram os clubs que empunharam o troféu de *campeão*”. O Campeonato Mineiro de 1940 seria o último título do clube com a denominação *Sociedade Sportiva Palestra Italia*.

Quadro 67 - Jogo em 26 de janeiro de 1941

Jogo 71	Local	Competição	Placar
26/01/1941	Estádio do Palestra	Amistoso	Atlético 2 x 5 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga (Braulio), Marinho (Ramon) e Evandro (Quirino); Cafifa, Jaime (Sombreiro) e Quirino (Alcindo); Edgar, Baiano, Guará, Bigode e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Caieira e Bibi; Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Orlando, Niginho, Carazzo e Alcides		
Gols	Bigode e Evandro (Atlético); Niginho (2), Orlando (2) e Alcides (Palestra)		

²³⁶ Estado de Minas. Terça-feira, 14 de janeiro de 1941, p.6.

Ainda sob o efeito da final *melhor de três*, Atlético e Palestra se encontraram amistosamente no dia 26/01/41. Os expedientes do *Minas Geraes*²³⁷ e *Folha de Minas*²³⁸ descreveram um público relativamente numeroso “[...] a fim de presenciar a mais um *clássico* entre os velhos rivaes de nossos campos esportivos”. O Palestra, confirmando a boa fase, “[...] fez a sua melhor partida, e actuando de modo brilhante, conseguiram o triunfo sobre o seu grande adversario pela expressiva contagem de 5 a 2”.

Quadro 68 - Jogo em 27 de julho de 1941

Jogo 72	Local	Competição	Placar
27/07/1941	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Ramos e Evando; Cafifa, Alcindo e Bigode; Ulisses, Baiano, Euclides, Tião e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II, Bituca e Bibi; Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Nelson, Niginho, Carazzo e Alcides		
Gols	Euclides e Ulisses (Atlético); Alcides (Palestra)		

A partida válida pela última rodada do 1º turno do certame de 1941 foi tratada pelo *Minas Geraes*²³⁹ como um “[...] sensacional cotejo, que está monopolizando as atenções de nosso meios esportivos. Palestra X Atlético, Um Mundo de Sensações”.

Após a partida, a descrição da *Folha de Minas*²⁴⁰. “O *clássico* Atlético x Palestra”, considerado o espetáculo máximo do futebol mineiro”. Segundo o *Minas Geraes*²⁴¹ “[...] o prélio foi presenciado por um público numerosíssimo e levou às dependencias do estádio “Antonio Carlos” (FIG.33), uma assistencia numerosa e entusiasta, como ainda não acontecera no presente campeonato profissional”. A *Folha de Minas* decretou que o “[...] *clássico* entre os dois tradicionais rivais fez reviver as tardes memoraveis do nosso futebol de outrora”.

²³⁷ Minas Geraes. Terça-feira, 28 de janeiro de 1941. Esportes, p.9.

²³⁸ Folha de Minas. Terça-feira, 28 de janeiro de 1941, p.9.

²³⁹ Minas Geraes. Domingo, 27 de julho de 1941. Esportes, p.8.

²⁴⁰ Folha de Minas. Terça-feira, 29 de julho de 1941, p.8.

²⁴¹ Minas Geraes. Terça-feira, 29 de julho de 1941. Esportes, p.9.

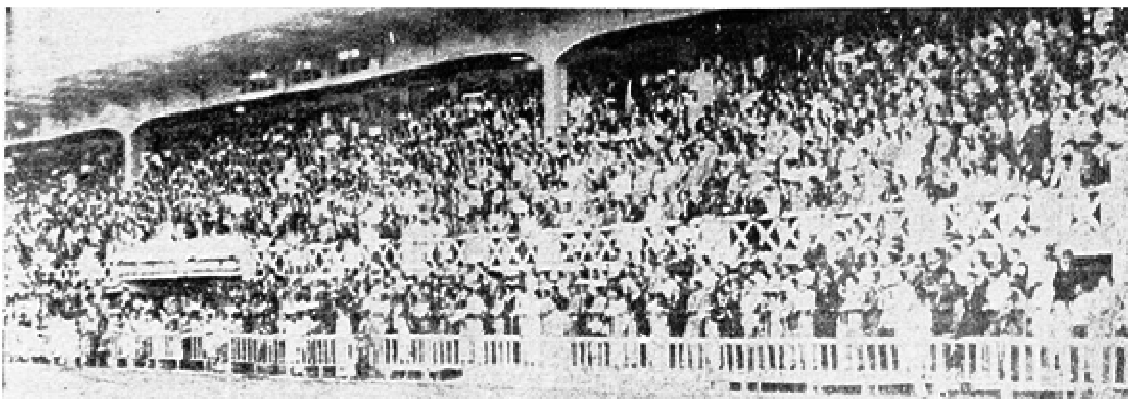


FIGURA 34: Assistência numerosa nas dependências do estádio Antônio Carlos.
Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 29 de julho de 1941, p.8.

Quadro 69 - Jogo em 19 de outubro de 1941

Jogo 73	Local	Competição	Placar
19/10/1941	Estádio do Palestra	Campeonato Mineiro	Atlético 0 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Ramos e Evando; Cafifa, Bigode e Alcindo; Edgar, Euclides, Baiano, Tião e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo I, Bibi e Azevedo; Bituca, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Zezé, Nelson, Carazzo e Alcides		
Gols	Carazzo (Palestra)		

A expectativa para o jogo, em edições do *Minas Geraes*, já dava conta do interesse para o encontro. No *clássico*, “[...] estará em disputa o primeiro posto do certame, ora ocupado pelo Atlético”²⁴². “Palestra e Atlético são dois sérios candidatos à conquista do título máximo do atual certame”²⁴³.

Após a partida, o *Minas Geraes*²⁴⁴ relatou um “clássico” movimentado, testemunhado por uma *numerosa assistência*.

PALESTRA, 1 X ATLETICO, 0 – Em um dos mais movimentados e empolgantes jogos do atual campeonato de futebol profissional, no campo da avenida Augusto de Lima, defrontaram-se as valorosas equipes do Atlético e do Palestra, cujos encontros já se tornaram “clássicos”, pelo entusiasmo, pela técnica e pela fibra com que os jogadores se atiram á luta, sob os aplausos calorosos de numerosa assistência.

²⁴² Minas Geraes. Quinta-feira, 16 de outubro de 1941. Esportes, p.8.

²⁴³ Minas Geraes. Sexta-feira, 17 de outubro de 1941. Esportes, p.9.

²⁴⁴ Minas Geraes. Terça-feira, 21 de outubro de 1941. Esportes, p.18.

A descrição do encontro nas páginas da *Folha de Minas*²⁴⁵ destacou a presença da maior assistência verificada naquele campeonato de 1941 (FIG.34).

Uma hora antes de ser iniciado o sensacional encontro, o “ground” da avenida Augusto de Lima se apresentava super-lotado, com suas dependências abarrotadas por uma multidão que se mostrava cada vez mais ansiosa pelo início da luta entre os dois velhos contendores dos nossos campos.

A vitória do Palestra foi conquistada contra o líder do campeonato e aumentava as possibilidades de se tornar bi-campeão (1940/41). Durante a partida “[...] os torcedores palestrinos entoaram hinos de incentivo aos “cracks” da camisa tricolor, fizeram espoucar foguetes e prorromperam no clássico *mais um*”.

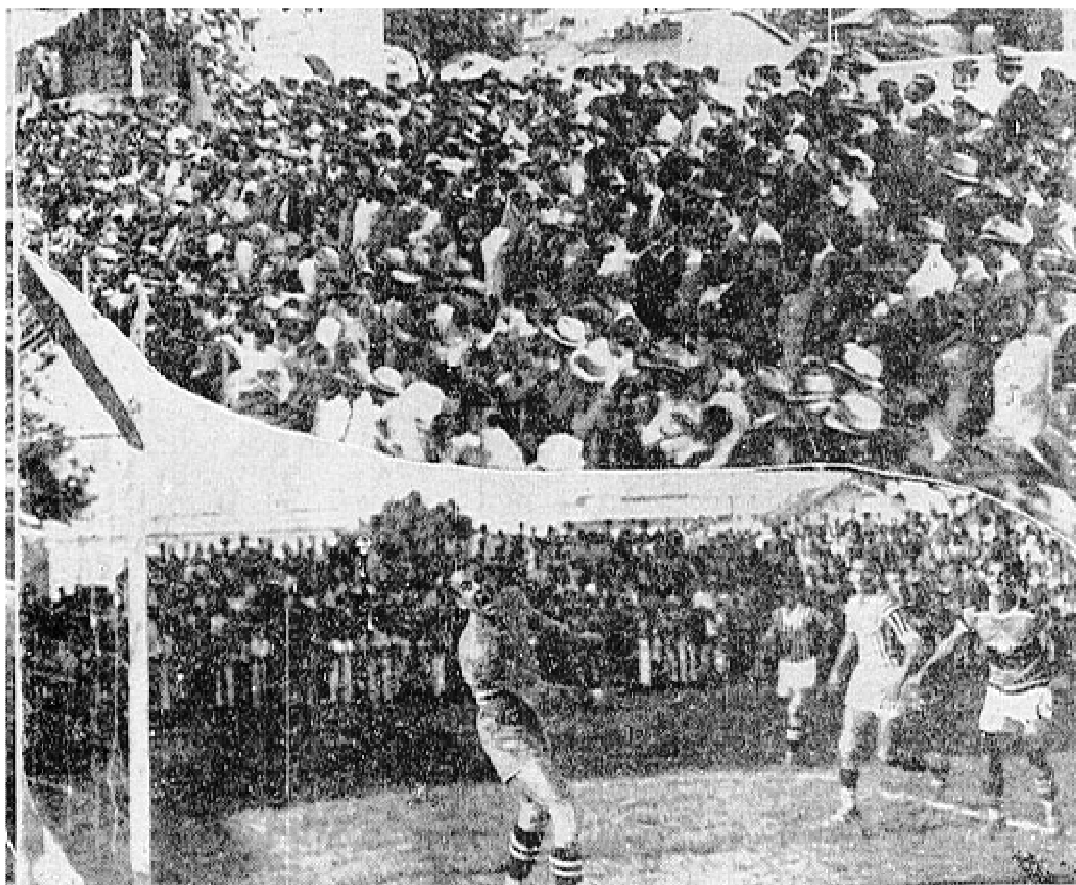


FIGURA 35: Parte da numerosa assistência que superlotou as dependências do estádio do Palestra. Fonte: Folha de Minas. Terça-feira, 21 de outubro de 1941, p.8.

²⁴⁵ Folha de Minas. Terça-feira, 21 de outubro de 1941, p.8.

Quadro 70 - Jogo em 14 de dezembro de 1941

Jogo 74	Local	Competição	Placar
14/12/1941	Estádio do América	Amistoso	Atlético 2 x 2 Palestra
Atlético Mineiro	Braulio, Ramos e Canhoto; Cafifa, Hemetério e Bigode (Alcindo); René, Tião, Euclides, Nicola e Rezende		
Palestra Itália	Geraldo II (Geraldo I), Bibi e Azevedo; Bituca (Souza), Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Zezé, Orlando, Nelson e Alcides (Ceci)		
Gols	Euclides e Rezende (Atlético); Nelson e Orlando (Palestra)		

“Por ter se tornado o *clássico* do futebol mineiro, esse cotejo dispensa quaisquer comentários”, foi o relato do *Minas Geraes*²⁴⁶ à época, na expectativa do 74º jogo da história entre Atlético contra Palestra.

Segundo a *Folha de Minas*²⁴⁷, “[...] os velhos rivais das nossas canchas”, apesar de não terem disputado uma partida sensacional, fizeram com que os “*fans* dos dois clubes” saíssem satisfeitos do estádio do América. Após um jogo “[...] equilibrado em seu aspecto geral”, viu-se no marcador, um justo empate.

Quadro 71 - Jogo em 1º de fevereiro de 1942

Jogo 75	Local	Competição	Placar
01/02/1942	Estádio do América	Campeonato Mineiro de 1941	Atlético 1 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Ramos e Evando; Cafifa, Alcindo e Bigode; Hamilton, Tião, Galego, Euclides e Rezende		
Palestra Mineiro	Geraldo I, Bibi e Azevedo; Souza, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Orlando (foi expulso), Niginho, Zezé e Alcides		
Gols	Hamilton (Atlético)		

Esse jogo marcou a primeira mudança no nome do Palestra. Em face às deliberações do governo brasileiro durante a Segunda Grande Guerra Mundial, declarando inimigos os países do Eixo, nações lideradas pela Alemanha, Itália e Japão, o presidente da Sociedade Esportiva Palestra Itália, em decisão *ad-referendum*, mudou a denominação do clube itálico para Sociedade Esportiva Palestra Mineiro. O *Estado de*

²⁴⁶ Minas Geraes. Quinta-feira, 11 de dezembro de 1941. Esportes, p.14.

²⁴⁷ Folha de Minas. Terça-feira, 16 de dezembro de 1941, p.9.

*Minas*²⁴⁸, além de definir o encontro como “o classico dos clássicos”, expôs a nota informativa da alteração na edição do dia 31 de janeiro de 1942:

SOCIEDADE ESPORTIVA “PALESTRA MINEIRO”

Oficial

Tendo em vista o decreto-lei do Presidente da Republica que nacionalizou as sociedades de caráter esportivo no territorio nacional, comunicamos a quem possa interessar que, a ex-Sociedade Esportiva Palestra Italia, passou a denominar-se SOCIEDADE ESPORTIVA “PALESTRA MINEIRO”, por ato de sua diretoria, ad-referendum do Conselho Deliberativo do Clube.

Belo Horizonte, 30 de janeiro de 1942

Pela Diretoria: - ENEAS CIRO PONI, presidente.

A expectativa para a primeira partida do Palestra Mineiro contra o Atlético Mineiro foi exposta em edições do *Minas Geraes* e *Folha de Minas*. “Essa pelega”, segundo o *Minas Geraes*²⁴⁹, “[...] está cercada da maior atenção por parte de público esportivo visto que o Atlético se acha na liderança do certame, a dois pontos dos segundos colocados, Palestra e Siderúrgica”. Uma vitória “[...] no sensacioanal clássico”, era fundamental para as pretensões palestrinas pela “disputa do campeonato de profissionais de 1941”²⁵⁰. A *Folha de Minas*²⁵¹ lembrou que “[...] a antiga rivalidade existente entre os dois gremios justificam plena e cabalmente o interesse que ha muito se apossou do nosso publico esportivo, atuando sob o aplauso de suas numerosas torcidas”.

Com renda recorde e todas as dependências repletas, a partida, nas páginas da *Folha de Minas*²⁵², foi descrita como impressionante até então.

[...] o mais sensacional “clássico” do últimos tempos, disputado entre as equipes do Clube Atlético Mineiro e Palestra Mineiro. A rivalidade existente há muito e a situação dos dois adversários na tabela, fizeram com que o “match” fosse aguardado com enorme interesse.

²⁴⁸ Estado de Minas. Sábado, 31 de janeiro de 1942, p.7.

²⁴⁹ Minas Geraes. Quinta-feira, 29 de janeiro de 1942. Esportes, p.11.

²⁵⁰ Minas Geraes. Sexta-feira, 30 de janeiro de 1942. Esportes, p.9.

²⁵¹ Folha de Minas. Domingo, 1º de fevereiro de 1942, p.15.

²⁵² Folha de Minas. Terça-feira, 3 de fevereiro de 1942, p.8.

Ao final, o jornal relatou que “Atlético x Palestra está consagrado um espetáculo de vibração e entusiasmo por parte da numerosa torcida e empenho dos seus *players*”. Com a vitória, o Atlético consolidaria a sua escalada para a conquista do campeonato e evitaria o bicampeonato palestrino.

Quadro 72 - Jogo em 27 de maio de 1942

Jogo 76	Local	Competição	Placar
27/05/1942	Estádio do Atlético	Amistoso	Atlético 6 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Braulio, Ramos e Evando; Cafifa, Hemetério e Bigode (Alcindo); Hamilton, Baiano, Nicola, Tião e Rezende		
Palestra Mineiro	Rui, Gerson e Caieirinha; Souza, Juca e Fuinha; Rizzo (Nogueirinha), Orlando, Niginho, Ismael e Alcides		
Gols	Hamilton (2), Baiano, Tião (2) e Gerson (contra) (Atlético); Nogueirinha (Palestra)		

O amistoso não levantou maior interesse do *Minas Geraes*²⁵³. Em curta nota anunciou: “[...] amanhã, a noite, em atraente prélio amistoso de futebol, no estádio de “Lourdes”, medirão forças Atlético e Palestra”. Após a partida, nem a goleada atleticana motivou o *Minas Geraes*²⁵⁴ a descrever a partida em maiores detalhes; se limitou a dizer que “[...] a equipe de futebol do Atlético obteve expressivo triunfo, pela contagem de 6x1”. Em breve relato, a *Folha de Minas*²⁵⁵ narrou que o “[...] clássico ofereceu um desenrolar movimentado, tendo os dois *teams* se empregado com muito entusiasmo, terminando derrotado o Palestra pela contagem de 6 a 1”.

O segundo *clássico* do Palestra *Mineiro* terminou com mais uma derrota acachapante. Os 6 a 1 do Atlético se tornaria a segunda maior goleada sofrida pelos palestrinos diante dos alvinegros.

²⁵³ Minas Geraes. Terça-feira, 26 de maio de 1942. Esportes, p.9.

²⁵⁴ Minas Geraes. Sexta-feira, 29 de maio de 1942. Esportes, p.9.

²⁵⁵ Folha de Minas. Quinta-feira, 28 de maio de 1942, p.6.

Quadro 73 - Jogo em 9 de agosto de 1942

Jogo 77	Local	Competição	Placar
09/08/1942	Estádio do Atlético	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Ramos e Evando; Cafifa, Hemetério, Bigode; Hamilton, Baiano, Tião, Nicola e Rezende		
Palestra Mineiro	Geraldo II, Gerson e Azevedo; Fuinha, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Orlando, Niginho, Ismael e Alcides		
Gols	Hamilton e Baiano (Atlético)		

O que suscitou o intenso interesse por esse cotejo, na seção esportiva do *Minas Geraes*²⁵⁶, foi o fato de os dois estarem invictos no certame de 1942: “[...] o Atlético, na liderança; o Palestra, em 2º com um ponto perdido”.

No expediente do *Minas Geraes*²⁵⁷ após a partida, a descrição de “[...] um grande jogo de futebol no estádio de Lourdes”, onde o “Atlético impôs-se ao Palestra pela contagem de 2 x 0”. A *Folha de Minas*²⁵⁸ relatou que “[...] numa peleja movimentada, o Atlético afastou um dos mais sérios obstáculos para a conquista do título máximo do atual campeonato de profissional da Federação Mineira de Futebol. Ao derrotar o Palestra, seu maior adversário dos últimos tempos”. O Atlético consolidaria seu caminho para o bicampeonato, 1941/42.

Quadro 74 - Jogo em 20 de setembro de 1942

Jogo 78	Local	Competição	Placar
20/09/1942	Estádio do América	Torneio Beneficente	Atlético 1 x 0 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Ramos e Evando; Cafifa, Hemetério e Bigode; Hamilton, Baiano (Ulisses), Tião, Nicola e Rezende		
Palestra Mineiro	Rui, Gerson e Azevedo; Fuinha (Rizzo II), Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Orlando, Niginho, Ismael, Alcides (Rizzo I)		
Gols	Hamilton (Atlético)		

²⁵⁶ Minas Geraes. Sábado, 8 de agosto de 1942. Esportes, p.8.

²⁵⁷ Minas Geraes. Terça-feira, 11 de agosto de 1942. Esportes, p.9.

²⁵⁸ Folha de Minas. Terça-feira, 11 de agosto de 1942, p.7.

Em pleno transcurso da guerra na Europa, o 78º jogo entre Atlético e Palestra aconteceu num “[...] festival de futebol em benefício do movimento em favor da aquisição de um bombardeiro para a Força Aérea Brasileira”. A seção *Desportos* do *Minas Geraes*²⁵⁹ anunciou o festival e a vitória do Atlético por 1 a 0. A *Folha de Minas*²⁶⁰ relatou uma partida onde os contendores deixaram a desejar, “[...] o clássico não apresentou o colorido que Atlético e Palestra estão acostumados a apresentar nos seus confrontos”.

O Palestra *Mineiro* sofreu a quarta derrota consecutiva para o Atlético. Talvez, em função desses reveses, a denominação seria modificada mais uma vez e, no próximo clássico o grêmio do Barro Preto jogaria com o nome de E.C. Ipiranga. No *Minas Geraes*²⁶¹ de 1º de outubro o anúncio da segunda mudança.

Esporte Clube Ipiranga

Reunindo-se anteontem para tratar de importantes assuntos, a diretoria da Sociedade Esportiva Palestra Mineiro deliberou que, de agora em diante, aquela agremiação terá a denominação de Esporte Clube Ipiranga.

O ano de 1942 foi turbulento nos bastidores do Palestra. Esteve obrigado a mudar nome do clube por três vezes (Ipiranga também não se sustentaria) e, no campo de jogo, havia mais de um ano sem vencer o rival Atlético Mineiro.

Quadro 75 - Jogo em 4 de outubro de 1942

Jogo 79	Local	Competição	Placar
04/10/1942	Estádio do Ipiranga	Campeonato Mineiro	Atlético 2 x 1 Palestra
Atlético Mineiro	Cafunga, Ramos e Evando; Cafifa, Hemetério e Bigode; Hamilton, Baiano, Tião, Nicola e Rezende		
Ipiranga	Geraldo II, Gerson e Azevedo; Rizo, Juca e Caieirinha; Nogueirinha, Orlando, Niginho, Ismael e Rizinho		
Gols	Baiano e Evando (Atlético); Niginho (Palestra)		

²⁵⁹ Minas Geraes. Terça-feira, 22 de setembro de 1942. *Desportos*, p.14.

²⁶⁰ Folha de Minas. Terça-feira, 22 de setembro de 1942, p.7.

²⁶¹ Minas Geraes. Quinta-feira, 1º de outubro de 1942. *Desportos*, p.14.

“Ipiranga x Atlético, o grande jogo da cidade”. A *Folha de Minas*²⁶², além do anúncio do primeiro *clássico* entre eles, o jornal trouxe que “[...] o clube do Barro Preto quer estreiar vencendo com a nova denominação”.

O Atlético, após 72 *fouls*, foi campeão “[...] triunfando sobre seu veterano adversário pela expressiva contagem de 2 a 1”. Pode-se notar na *Folha de Minas*²⁶³ que os torcedores lotaram completamente “[...] as dependências do *estadinho* do Barro Preto, para delírio dos *fans* do Atlético, após o prélio”. No *Minas Geraes*²⁶⁴ a declaração: “Abatido o Ipiranga, por 2 x 1. Com esse triunfo, o Atlético sagrou-se, brilhante e merecidamente, bi-campeão mineiro de futebol”.

Quatro dias após o único *clássico* do Ipiranga (ex-Palestra), o *Estado de Minas*²⁶⁵ e o *Minas Geraes*²⁶⁶ anunciaram que, em reunião no dia anterior, o Conselho Deliberativo do clube não referendou a decisão da diretoria e decidiu por uma nova denominação: Cruzeiro Esporte Clube. Decidiram, ainda, aceitar o pedido de renúncia do presidente Eneas Ciro Poni; entregar a direção do clube, por 15 dias, a uma junta governativa; doar todos os troféus e bronzes à campanha do metal e adotar um novo uniforme para a equipe de futebol.

Foi o fim da Sociedade Esportiva Palestra Itália. Pelo menos o seu nome, o seu presidente, as cores do seu uniforme e os seus troféus não mais existiriam. Chegavam ao fim os *tricolores*, os *periquitos*.

Considerações sobre o 4º Período

No Brasil, o governo de Getúlio Vargas manter-se-ia no poder por meio de um golpe de Estado. Ele promulgou uma nova Constituição em 1937, fechou o Congresso e proclamou o *Estado Novo*, numa possível inspiração fascista. Após o início da Segunda

²⁶² Folha de Minas. Quarta-feira, 30 de setembro de 1942, p.7.

²⁶³ Folha de Minas. Terça-feira, 6 de outubro de 1942, p.7.

²⁶⁴ Minas Geraes. Terça-feira, 6 de outubro de 1942. Esportes, p.9.

²⁶⁵ Estado de Minas. Quinta-feira, 8 de outubro de 1942, p.7.

²⁶⁶ Minas Geraes. Sexta-feira, 9 de outubro de 1942. Esportes, p.8.

Grande Guerra Mundial, em 1939, o Brasil manteve uma neutralidade dúbia, mas, posteriormente aos ataques sofridos pelos navios mercantes brasileiros, Vargas foi obrigado a se alinhar aos *aliados* (Estados Unidos, Inglaterra e França) na guerra, rompendo relações diplomáticas com o *eixo* (Alemanha, Itália e Japão). Fato que influenciou diretamente as associações esportivas dessas nacionalidades no Brasil, caso do Palestra Itália de São Paulo e de Belo Horizonte.

O futebol em Belo Horizonte não foi interrompido pela guerra e teve o Atlético como a equipe mais vencedora. Sobrepor-se o Atlético não era uma tarefa fácil a nenhum dos seus adversários daquela época. Contudo, o jogo Atlético X Palestra, que no período anterior deu nítidas mostras de ser um dos grandes encontros da cidade, passou a compor o espaço mais nobre da rivalidade local.

Os jornais da época que cobriram esses jogos descreveram estádios quase sempre lotados e que mal comportavam a multidão que a eles afluía nos dias de *clássico*. Referiram-se, invariavelmente, a Atlético e Palestra como tradicionais adversários que impunham ao público do futebol intenso nervosismo e entusiasmo nos dias anteriores aos jogos, capazes de disputar as melhores partidas do campeonato.

Nas edições pesquisadas, pudemos notar que o Palestra foi se tornando o mais temível adversário para o Atlético, e que nos seus encontros emanava uma energia só explicável pela rivalidade de um *clássico* sempre sensacional, à altura das suas melhores tradições, tornando-se um espetáculo de referência local.

O encontro Palestra X Atlético, velhos e tradicionais rivais, pudemos considerar pelos jornais, protagonizaram jogos de proporções grandiosas, tornando-se a partida de maior cartaz da cidade, monopolizando o interesse de *nossos* meios esportivos. Nos anos finais do Palestra Itália, devido à antiga rivalidade, foi considerado o espetáculo máximo do futebol mineiro. O *clássico* da cidade. O *clássico* dos *clássicos*.

CONCLUSÕES

A manchete do jornal *Goal* de 1930, denominando Atlético contra Palestra como *A lucta dos titans* não fora publicada em vão. Em menos de 10 anos os *titans* já constituíam um grande *match* da cidade. O crescimento exponencial dos espectadores nos seus jogos, a expectativa pré-jogos trazida pelos jornais e, principalmente, o relato dos jogos, subsidiaram o entendimento para qualificar essa partida como um *clássico* do futebol de Belo Horizonte.

O nascimento de uma agremiação italiana incomodando desde o início os clubes tradicionais da cidade diversificou o cenário. O Palestra Itália nasceu forte e logo disputou um espaço quase sempre monopolizado por América e Atlético. Durante os anos que antecederam a profissionalização do futebol mineiro, o Palestra se consolidou como um grande rival do Atlético. Enquanto o América diminuía sua competitividade, o Palestra se estabilizava e, conseqüentemente, conquistava títulos e torcedores.

Os jogos de futebol foram um dos espaços encontrados para o povo se aglomerar e socializar. A cidade movia-se aos milhares para os estádios aos domingos. Assim como as missas dominicais, os campos lotaram de frequentadores e, com o tempo, a simples assistência das arquibancadas evoluiu para o pertencimento clubístico, e esses torcedores tiveram nas camisas do Atlético e do Palestra um dos representantes da rivalidade local.

Desde os anos 1920, Mário de Andrade, em Macunaíma, decretou o futebol como *peste que infestava as cidades e que se alastrava pelos campos do Brasil*. Parafraçando o *modernista* acima e dada a popularidade do futebol, podemos dizer que o futebol em Belo Horizonte foi uma peste que infestou a cidade e se alastrou por todos os campos.

Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham certeza. O protesto do *regionalista* Graciliano Ramos, de 1921, dificilmente encontraria apoio em Belo Horizonte. Por aqui, as coisas estrangeiras foram recebidas com entusiasmo. Tudo que cheirasse a europeu ou lembrasse o moderno seria recebido de forma positiva. O futebol foi um dos espelhos desse momento da nova Capital. Por

se tratar de um *esporte inglês aristocrata* ele, junto a outros, foi uma novidade. O futebol cresceu junto a essa nova sociedade, possivelmente, não foi *fogo de palha*.

A cidade onde nasceram Atlético e Palestra foi a metáfora da *vida moderna* tão desejada no Brasil do início do século XX, cidade com suposta pujança *yanke* e de ares europeizantes. Construiu ruas largas para o movimento da *Broadway sertaneja* de Drummond; erigiu palácios à semelhança dos europeus para demonstrar sua riqueza, instalou praças e jardins para o seu morador sair das janelas de casa e desfilas a última moda de Paris na poeira das suas esquinas. A ideia da racionalidade do jeito de viver moderno na jovem Belo Horizonte recepcionou a prática de esportes como algo diferenciado para o seu povo. Como advertiu Vilhena (2008, p.41), “[...] a civilidade e o progresso deveriam contaminar a cidade, também, através das suas praças desportivas projetadas”, mas nenhum esporte desenvolveu-se como o bretão futebol. Rapidamente, o cidadão tido por civilizado viu o futebol ser apropriado pela população pobre e ser transformado num espetáculo da cidade, capaz de promover a excitação social a que o povo não estava acostumado, talvez por falta de oportunidade, no seu tempo livre.

Belo Horizonte foi formada também pelos imigrantes que nela se estabeleceram. Estes se juntaram à população local e aos aristocratas e funcionários públicos advindos da antiga capital: Ouro Preto. O futebol brasileiro, segundo Levine (1982, p.26), “[...] popularizou-se durante os seus anos formativos porque complementava a expansiva disposição urbana” e, em Belo Horizonte desenvolveu-se no seio da sua população e nada mais moderno do que um esporte *moderno* se juntar a uma cidade *moderna* e fazer parte da vida cotidiana dos seus sujeitos anônimos. Bertolli Filho e Meihy (1982) ponderaram que os esportes seriam o remédio para os males nacionais de um povo considerado preguiçoso e atrasado. Ao brasileiro Jéca Tatu, Monteiro Lobato indicou o futebol como o primeiro lenitivo da nação.

Com a prática e popularização do futebol surgiram as primeiras equipes organizadas, as primeiras competições, os primeiros ídolos, os primeiros torcedores e por consequência, as primeiras rivalidades. Como afirma Rigo (2001, p.122), o futebol foi o responsável pela inserção de um novo estilo de vida, “[...] principalmente nas médias e grandes cidades brasileiras, ao se tornar acessível a diferentes classes sociais, ele não só incorporou como se tornou um emblema, um símbolo de um novo estilo de vida urbano, o estilo esportivo”. Nos jogos Atlético contra Palestra, pudemos notar que

o torcedor foi tomando parte do espetáculo. Raro foi o jogo em que a assistência foi diminuta. O comum nas descrições jornalísticas eram as arquibancadas lotadas. Raphael Rajão Ribeiro (2007) afirmou que, a partir da consolidação do futebol na cidade, aos poucos a figura do torcedor foi tomando parte do cenário. Tal fato se assemelha ao início da trajetória dos jogos Atlético *versus* Palestra nos anos 1920. Como se mantiveram equipes fortes e competitivas também seduziram uma quantidade maior de pessoas a acompanharem as suas atividades.

A agitação popular provocada pelo futebol foi constantemente veiculada pelas páginas esportivas dos jornais. A nova cidade, nascida para civilizar, teve com esse esporte uma prática modernizadora, um movimento de “[...] extrema valorização dos hábitos estrangeiros pelas elites urbanas brasileiras em ascensão” (SHIRTS, 1982, p.91). A ideia de saúde por meio do movimento teria que passar para o cotidiano. Sevcenko (1998) relata que “o estilo desportivo obrigou o cidadão moderno a sair das sombras” e a higiene física e moral promovida pelo *sport* era o remédio para uma nação sem atitude prática, que há pouco tempo havia abolido a escravidão e tinha um estilo de vida avesso ao trabalho.

Intimamente ou pretensamente ligada às práticas esportivas, Belo Horizonte foi revelando a sua identidade com a participação popular que (re-)significou os usos dos espaços públicos, bem diferente do que previa o seu projeto aristocrata. E se de início ele não previu o futebol como atividade de destaque, viu o *association* dominar o horizonte da juventude da Capital com um divertimento popular e, ao mesmo tempo uma prática que se distanciava dos códigos do *ethos* esportivo civilista do momento (SILVA, 2009). Ladeado ao crescimento físico da cidade de Belo Horizonte e recorrendo a Sevcenko (1992, p.60) onde “[...] a cidade não assiste ao esporte como um episódio isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz – ela não o vê de fora, ela se vê nele”, houve o aumento do tempo de não trabalho da população. Dessa forma, o cidadão urbano preencheu as suas horas de folga utilizando também dos estádios. O pertencimento clubístico não ficou restrito ao tempo diminuto das partidas e transcendeu as arquibancadas, se transformou num fenômeno ampliado, que entrou sem cerimônias na vida do cidadão, despertando e alimentando emoções além da mera assistência.

Atlético Mineiro e Palestra Itália são dois dos maiores motivadores da vivência esportiva da Capital. Os seus jogos aconteceram no entre guerras (1921 a 1942). O primeiro, originário da juventude *smart* aristocrata da novíssima Belo Horizonte de 1908 encontrou no segundo, clube da colônia italiana, um adversário à altura desde a sua fundação, em 1921. Já nos primeiros jogos houve interesse dos jornais e movimentaram a cidade, pois, sem cerimônias, o Palestra se pôs a disputar um espaço monopolizado por Atlético e América. Ainda na primeira década de vida, o Palestra afrontou os tradicionais e sacudiu o modelo elitista do futebol local e se tornou o principal adversário do Atlético. As glórias do passado do América ficariam para trás e, paulatinamente, os decacampeões assistiram à importância do *clássico* Atlético contra Palestra sobrepujar Atlético contra América.

O futebol amador dos anos 1920 em Minas Gerais ainda continha uma fidalguia inerente a sua origem, mas, com a assunção popular do esporte, os jornais, que antes mantinham uma descrição rebuscada, passaram a dar ênfase mais popularesca. A assistência nobre do futebol abriu espaço, mesmo que sem querer, para as brigas generalizadas entre jogadores e torcedores. Xingamentos, superlotação dos estádios, falta de conforto, decisões duvidosas dos árbitros passaram a ser corriqueiros nas reportagens dos anos 1930 e 1940. Nem mesmo a profissionalização, nem o melhor aparelhamento dos clubes de futebol e o aparecimento de Ligas e Associações esportivas conseguiram *reeduicar* os consumidores do futebol de Belo Horizonte. Ser torcedor oferecia a possibilidade do escape emocional sem precisar ser da alta sociedade, nem mesmo frequentar a escola. Não havia pré-requisito para ser um torcedor. E, talvez, ter uma parte do seu povo assistindo aos jogos de futebol fosse de interesse dos governantes, pois, dessa forma, estariam eles ocupados numa atividade da sua própria escolha e, teoricamente, não utilizariam seus momentos de folga planejando contra os patrões.

A cidade racional leria em seus jornais diários expressões como *futebol selvagem, sangue, batalha épica, lucta de titans, selvageria, prélio*, formando o cidadão junto a sua preferência futebolística e, aliado à preferência de cada um, existia a vontade de ser o melhor a qualquer custo, exacerbando a rivalidade do campo de jogo para a vida cotidiana. Mesmo com a violência nos campos, o futebol não foi perseguido, muito menos proibido. Estádios maiores foram construídos e competições organizadas

demonstravam a força exercida pelo esporte. Como pondera Rodrigo Moura (2010), a violência explícita nas expressões jornalísticas dava conta da rotina futebolística da época. Observamos que os torcedores transformaram os encontros entre Atlético e Palestra num momento de quebra de regras e de novas convenções sociais nas arquibancadas e arredores – espaços públicos – ali, eles se permitiram extravasar coisas que não faziam no dia a dia.

A cidade que emoldurou as partidas do Clube Atlético Mineiro contra a Sociedade Esportiva Palestra Itália viu as partidas entre ambos obterem respeito e repercussão rapidamente, pois os dois sempre figuraram entre os primeiros colocados dos campeonatos de futebol da cidade. Enquanto existiram, rara foi a vez em que Atlético ou Palestra não foi o campeão ou o vice ao final da temporada de futebol. As conquistas de ambos fizeram surgir nos frequentadores os primeiros sentimentos de pertencimento clubístico. Essa fidelização pode ter acirrado os ânimos contra os torcedores das outras equipes numa atitude natural de se querer sempre se sobrepor ao outro.

Pudemos observar que a *febre esportiva* dos anos 1920 coincidiu com o início da história do *clássico* Atlético X Palestra. Toda a efervescência advinda do campo de jogo teve nesse confronto específico um momento de extravasamento social. Momento de exaltação, de entrega por uma agremiação esportiva. Em Belo Horizonte, futebol e identidade social foram construídos juntos e encontraram no Atlético e no Palestra os seus maiores responsáveis. Esse jogo, o mais popular da cidade, se encaixou na definição de Melo (2010, p.104) para a associação esporte e lazer, ele estava “[...] impregnado por todas as dimensões do ideário da modernidade em construção e do tempo/espaço cada vez mais estratégico para a conformação dos novos ditames sociais”.

Possivelmente não haja um momento estaque na história que definiu o *clássico* Atlético contra Palestra como o maior da cidade, mas é plausível inferir que o América perdeu sua pujança na transição do amadorismo para o profissionalismo, período em que o Atlético e o Palestra arregimentaram bons jogadores e um séquito de torcedores para os seus jogos. Assim, transformaram os seus embates nos momentos mais efusivos da cidade desde os anos 1920. Souza Neto (2010) diz que o bi-campeonato em 1926/27 do Atlético acentuou a rivalidade com o América, mas o que percebemos é que, nesse momento, o América, apesar de multicampeão anteriormente, deixou de figurar entre os

primeiros, espaço conquistado pelo Palestra, vice-campeão em 26/27 e campeão em seguida.

Antes mesmo da profissionalização, segundo Couto (2003), o Palestra Itália, numa estratégia ousada, reforçou o seu time com um técnico e quatro jogadores do Palestra de São Paulo, período em que se tornou tri-campeão (1928/29/30). A manobra do Palestra o tirou da fila de espera após seis vice-campeonatos seguidos. Possivelmente, o fato de ter se reforçado e conquistado três campeonatos em sequência provocou os adversários e, a partir dali, principalmente o Atlético teria o Palestra como um adversário à altura.

A partir do momento em que o futebol se organizou e ganhou contorno profissional em Belo Horizonte, principiando na segunda metade dos anos 1920, os jogos Atlético contra Palestra começaram a ter maior repercussão nos jornais e se tornaram as equipes mais competitivas da cidade e os seus encontros os mais badalados. Levine (1982, p.29) atesta que, nesse período, a transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol do Brasil teve ajuda substancial do jornalismo da época, e, além disso, o advento da Copa do Mundo de quatro em quatro anos “[...] estimulou as diretorias dos clubes a adotarem táticas e métodos de treino europeus, e, em alguns casos, a importarem técnicos estrangeiros também”. Assim, os feitos de Atlético e Palestra nas páginas dos jornais da cidade, ainda nos anos 1920, os credenciaram a ser o jogo de maior rivalidade, ambos objetivando suplantar o outro.

No Brasil do início do século XX, segundo Silva (2006, p.55), as cidades sofreram drásticas transformações, as massas urbanas perderam as formas de sociabilidade da vida cultural do país agrário anterior e fez surgir “[...] uma crescente demanda por uma linguagem comum e uma identidade coletiva. As práticas culturais importadas da Europa que, no princípio do século, foram exclusividade das elites, cumpriram esse papel, difundindo-se entre as multidões”. Porém, o caso de Belo Horizonte é singular; mesmo nascida da racionalidade dos projetistas, ela também se “[...] transformou no novo locus privilegiado de vivências sociais”, como afirmou Melo (2010, p.101) sobre as grandes cidades industriais pelo mundo, e o futebol logo combinou com ela tornando-se um local possível de acontecer o fenômeno da ludicidade no tempo que não pertencia ao trabalho. Se, de início o futebol era para a alta sociedade, o povo o incorporou e o reinventou, assim, ele alargou as possibilidades de

lazer, onde o jogo Atlético X Palestra foi o palco principal, transformando-se no *clássico* de maior rivalidade da cidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiana Viegas de; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues; BRAGA, Mariângela Porto. *Imigração e família em Minas Gerais no final do século XIX*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.27, n 54, p.155-176, dez.2007.

BENJAMIN, Valter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. 7^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTOLLI FILHO, Cláudio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana do começo do século. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. WITTER, José Sebastião (orgs). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial: arquivo do Estado, 1982.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Europa-America, 1965.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, p.105-132, set.2005.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, 2003.

CUENCA, Manuel. *Ocio humanista: dimensiones e manifestaciones actuales del ocio*. Bilbao, Universidad de Deusto, 2000, p.230.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

FERREIRA, Elizângela Fernandes; KOWALSKI, Marizabel. *Brasil e argentina: rivalidade ou identidade? Envolvimentos e distanciamentos dos vizinhos distantes no*

campo de futebol. XII simpósio internacional – processo civilizador. Recife, Brasil, dezembro de 2009.

FREITAS, Marcel de Almeida. *Apontamentos sócio histórico culturais sobre o futebol no Brasil e em Belo Horizonte, Minas Gerais*. Motrivivência, nº 27, p. 73-98, dezembro de 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. *O abraqueiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940*. Movimento, Porto Alegre, v.12, n.3, p.51-71, jul/set de 2012.

GARCIA, Eugenio Vargas. *Estados Unidos e Grã-Bretanha no Brasil: transição do poder no entreguerras*. Revista Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v.24, nº1, janeiro/julho de 2002, PP. 41-71.

GASTALDO, Edison. *Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas*. www.lazer.eefd.ufrj/espsoc/. Esporte e Sociedade, nº 3, julho/outubro de 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *História das mulheres: considerações teórico-metodológicas acerca do fazer historiográfico*. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14., 2005, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005. p. 2594-602.

GOMES, Christianne Luce. *Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento*. Licere, Belo Horizonte, v.14, n.3, setembro de 2011.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

KOWALSKI, Marizabel. *Por que Flamengo?* Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. 9ª ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

LARA, Fernando. *Geometria naviana: transformações do espaço Belo-horizontino*. Revista Belo Horizonte, v.2, p.95-104, dezembro de 1998.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. WITTER, José Sebastião (orgs). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial: arquivo do Estado, 1982.

LORIO, Fábio Mário. *Rastros do cotidiano: futebol em versiprosa de Carlos Drummond de Andrade*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MELO, Victor Andrade de. O lazer e a modernidade: representações. In: MELO, Victor Andrade de. *Lazer: olhares multidisciplinares* (org). Campinas: Alínea, 2010.

MORATO, Márcio Pereira. *A rivalidade entre pontepretanos e bugrinos*. (Monografia) – Faculdade de Educação Física – UNICAMP, Campinas, 2003.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG, Belo Horizonte, 2010.

_____. *Os habitantes de Belo Horizonte “como maiores admiradores do esporte bretão”*. Licere, Belo Horizonte, v.13, n.3, setembro de 2010.

MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de Sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

_____. *Chão de Ferro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

OLIVEN, Ruben George. *Cultura e modernidade no Brasil*. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v.2, n.12, 2001.

PACHECO, Raquel Menezes. Imprensa e modernidade: algumas considerações em torno dos anúncios de jornal. In: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz e; FARIA FILHO, Luciano Mendes (orgs.). *Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PERERIA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania – uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Lúgia Maria Leite. *Imigração italiana e desenvolvimento em Minas Gerais*. X Encontro Nacional de História Oral. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, abril de 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.8, n. 16, 1995, p. 279 – 290.

PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. *A Torre Kubitschek: trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, Campinas, 1989.

PINHEIRO, Letícia. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Revista USP, São Paulo, nº 26, junho/agosto de 1995, pp. 108-119.

QUEIROZ, Renato da Silva. *Siamo tutti oriundi! a presença italiana no Brasil*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2000, v.43, nº1.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904 – 1921)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

_____. O futebol em Belo Horizonte e a constituição do campo esportivo (1904 – 1921). In: SILVA, Silvio Ricardo; DEBORTOLI, José Alfredo O. de; SILVA, Tiago Felipe (orgs). *O futebol nas gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RIGO, Luiz Carlos Rigo. *Memórias de um futebol de fronteira*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas, 2001.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894- 1920)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, Belo Horizonte, 2006.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SAID, Roberto Alexandre do Carmo. *Quase biografia: poesia e pensamento em Drummond*. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Letras – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Futebol: do ócio ao negócio*. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (orgs). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio*. v3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio*. v3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Orfeu extático na metrópole: são paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. 8ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. WITTER, José Sebastião (orgs). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial: arquivo do Estado, 1982.

SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. *A construção discursiva da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro*. Pós-doutorado (Programa Avançado de Cultura Contemporânea) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Picadinho de raposa com sopa de galo. In: SILVA, Silvio Ricardo; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira de; SILVA, Tiago Felipe da. (orgs); *O futebol nas gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVA, Giselda Brito. *No entre guerra, a situação dos integralistas na implantação do estado novo de Getúlio Vargas*. Revista Proj. História, São Paulo, n° 30, p. 229-241, junho de 2005.

SILVA, Marina Guedes Costa e. *A moral e os bons costumes: a experiência da cidade nas narrativas policiais, 1897-1926*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – UFMG, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Silvio Ricardo da. *Tua Imensa Torcida é Bem Feliz... da relação do torcedor com o clube*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física – UNICAMP, Campinas, 2001.

_____. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, Jocimar. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVEIRA, Ana Carolina Costa; SILVA, Regina Helena Alves da. *Os espaços de lazer na cidade: a política urbana de Belo Horizonte*. Licere, Belo Horizonte, v.13, n.3, p.2, setembro de 2010.

SIMÃO, Fábio Luiz Rigueira. *Tradição e modernidade na construção da nova capital mineira: o Padre Francisco Martins Dias e os “Traços Históricos e Descritivos de Bello Horizonte”*. Revista Eletrônica Cadernos de História, v.6, ano 3, n.2, p.117-136, dezembro de 2008. www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria.

SOARES, Antônio Jorge G.; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. *O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos*. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n.5, p.7-20, 1997.

SOUZA NETO, Georgino de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904 – 1930)*. Dissertação (Mestrado em Lazer) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG, Belo Horizonte, 2010.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola*. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 48, ago. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621999000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 mar. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621999000100003>.

VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1994.

VERIANO, Carlos Evangelista. *Belo Horizonte: cidade e política – 1897-1920*. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2001.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Futebol de rua. In: COELHO, Eduardo (org); *Donos da bola*. Língua Geral: Rio de Janeiro, 2006.

VILHENA, Kellen Nogueira. *Entre “sãos expansões do espírito” e “sarrilhos dos diabos”:* lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo

Horizonte (1895 – 1922). Dissertação (Mestrado em Lazer) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG, Belo Horizonte, 2008.

ZILLER, Adelchi Leonello. *Enciclopédia Atlético de todos os tempos – a vida, as lutas, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais*. Belo Horizonte. 1997 (s.n.).

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.